



rascunho

273
Jan. 2023

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



ARTE DA CAPA:
RAQUEL MATSUSHITA

**eduardo ferreira**

TRANSLATO

EL SUPREMO (1)

Começo, com este texto, uma série de reflexões suscitadas pela leitura de **Yo el supremo**, do paraguaio Augusto Roa Bastos. Especificamente, vou me referir à segunda edição (1987) da Ediciones Cátedra, com longo estudo introdutório de Milagros Ezquerro. O texto é rico em insights que podem ser facilmente transportados ao terreno da tradução.

Contra um pano de fundo histórico realista, o romance cria cogitações e recria episódios da vida do ditador José Gaspar Rodríguez de Francia, que governou o Paraguai entre 1811 e 1840.

A obra exhibe uma construção peculiar, muito marcada pela intertextualidade, entrelaçando história e ficção e entretecendo escritos de diversas épocas, origens e autores. O próprio “compilador”, um dos personagens do romance, define suas fontes (traduzo eu): “Esta compilação foi recolhida — mais digno seria dizer arrebataada — de uns vinte mil maços, éditos e inéditos; de outros tantos volumes, folhetos, periódicos, correspondências e toda sorte de testemunhos ocultados, consultados, catados, espiados, em bibliotecas e arquivos privados e oficiais”. E ele mesmo complementa, para não deixar dúvidas: “Em lugar de dizer e escrever coisa nova, não fez mais que copiar fielmente o já dito e composto por outros”.

A propósito da figura do “compilador”, Ezquerro comenta que seu protagonismo, em detrimento do “autor”, é uma das características desta obra de Roa Bastos, inclusive em razão de “uma postura ideológica bem particular com relação à escritura e à linguagem [...] [que] supõe que se considere a linguagem e toda obra de linguagem como bem comum e coletivo, e não como a propriedade privada e intangível de um ‘autor’”.

O texto de **Yo el supremo**, assim, em modo de construção coletiva, transparece como resultado da apropriação de fragmentos diversos de textos de outrem e de outras épocas, que são

harmonizados sob a batuta de um organizador incógnito que desconsidera não apenas autoria, mas também cronologia e os próprios limites entre História e ficção. Essa composição, conforme Ezquerro, é destinada “a leitores que dela devem se apropriar num ato de leitura ativa e produtora de sentido”.

A ideia do texto como compilação e como obra coletiva tem interessantes implicações para o estudo da tradução, que, na corrente contínua de textos, funciona como elo de transmissão e difusão do original rumo a novos contextos. O tradutor, nesse sentido, atua ao mesmo tempo como compilador — ao partir não apenas do texto-base, mas de um conjunto de textos que o cercam e ajudam a construí-lo — e autor — ao infundir em sua escritura parte de suas ideias e, no fundo, de si mesmo.

Outro traço marcante de **Yo el supremo** é a contínua tensão entre o ditador e seu amanuense, que se reflete, em particular, em tensão entre o texto oral e a escritura. Trata-se de uma nova visão, não religiosa, da corrupção que se percebe na conversão do verbo em texto escrito. Milagros Ezquerro, destaca, nesse contexto, a importância do copista, Patiño, que funciona como elemento fundamental no “trabalho perpétuo de dito-e-escreves”, o qual determina o jogo de escritura que o romance encena: “a passagem da palavra oral à escritura com sua inevitável traição”.

De fato, segundo o compilador, trata-se de um livro que foi primeiro lido, depois escrito — fato que acrescenta à obra, ainda que no plano puramente ficcional, um importante elemento tradutório, com seus inevitáveis traços de inovação, traição e transformação. **I**

**rascunho**

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 | Curitiba - PR

rascunho@rascunho.com.br
www.rascunho.com.br
twitter.com/@jornalrascunho
facebook.com/jornal.rascunho
instagram.com/jornalrascunho
whatsapp (41) 99109.4352

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLONISTAS

Alcir Pécora

Eduardo Ferreira

Fabiane Secches

João Cezar de Castro Rocha

José Castello

José Castilho

Luiz Antonio de Assis Brasil

Maira Lacerda

Nilma Lacerda

Noemi Jaffe

Olyveira Daemon

Ozias Filho

Raimundo Carrero

Rinaldo de Fernandes

Rogério Pereira

Tércia Montenegro

Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Ana Luiza Riguetto

André Caramuru Aubert

Bruno Inácio

Celso José da Costa

Faustino Rodrigues

Giovana Proença

Haron Gamal

Jacques Fux

Jonatan Silva

Li-Young Lee

Luciana Tiscoski

Marcos Pasche

Paulo Paniago

Renata Belmonte

Rodrigo Santos

ILUSTRADORES

Amy Maitland

Caio Paiva

Conde Baltazar

Denise Gonçalves

Fabio Abreu

FP Rodrigues

Maira Lacerda

Mariana Tavares

Miguel Paiva

Miguel Rodrigues

Oliver Quinto

Ramon Muniz

Raquel Matsushita

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

POEMAS INFANTIS DE CECÍLIA MEIRELES (2)

Prossequindo no comentário de poemas do livro **Ou isto ou aquilo**, de Cecília Meireles, vejamos *As duas velhinhas*: “Duas velhinhas muito bonitas,/ Mariana e Marina,/ estão sentadas na varanda:/ Marina e Mariana// Elas usam batas de fitas,/ Mariana e Marina,/ e penteados de tranças:/ Marina e Mariana// Tomam chocolate as velhinhas,/ Mariana e Marina,/ em xícaras de porcelana:/ Marina e Mariana// Uma diz: ‘Como a tarde é linda,/ Não é, Marina?’/ A outra diz: ‘Como as ondas dançam,/ não é, Mariana?’// ‘Ontem eu era pequenina’,/ diz Marina/ ‘Ontem, nós éramos criança’,/ diz Mariana// E levam à boca as xicrinhas,/ Mariana e Marina,/ as xicrinhas de porcelana:/ Marina e Mariana// Tomam chocolate as velhinhas,/ Mariana e Marina,/ e falam de suas lembranças,/ Marina e Mariana”. A lembrança e a passagem do tempo são os temas fortes deste poema. As velhinhas Marina e Mariana, tomando chocolate numa varanda, de repente recordam a infância, os tempos idos. E constatam a inexorabilidade

(ou o caráter inelutável) do tempo: “‘Ontem eu era pequenina’,/ diz Marina/ ‘Ontem, nós éramos crianças’,/ diz Mariana”. A constatação da inexorabilidade do tempo deixa implícita a ideia de que, em sendo já velhinhas, o tempo por viver é parco diante do vivido. Uma questão interessante de ritmo: a permuta/deslocamento das palavras “Marina” e “Mariana” nas estrofes — o que confere ao texto um caráter lúdico, recreativo (lembrando que as personagens recordam/evocam a infância). **I**

NATO BIGIO

6

Entrevista: Celso José da Costa
Jacques Fux



FERNANDO RABELO



FABIO ABREU

14

O antigo futuro, de Luiz Ruffato
Renata Belmonte

DIVULGAÇÃO

12

A vida futura, de Sérgio Rodrigues
Marcos Pasche

19

O manto da noite, de Carola Saavedra
Bruno Inácio

27

Potlatch, de Guilherme Gontijo Flores
Luciana Tiscoski

17

Inquérito
Antonio Carlos Secchin



22

Paio! Literário
Natalia Borges Polesso



paio!
LITERÁRIO



palco de grandes ideias

LAURA STEVENS

37

A metade fantasma, de Alan Pauls
Jonatan Silva

38

A lama não cobre tudo
Rodrigo Santos

40

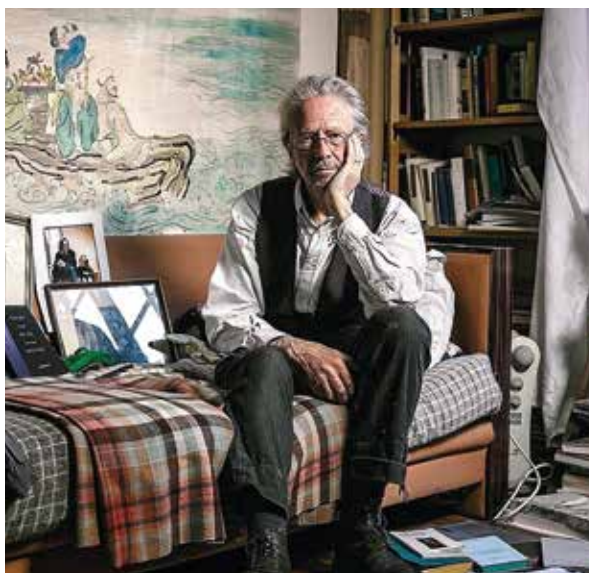
Poemas
Li-Young Lee

30

Sobrevidas, de Abdulrazak Gurnah
Fautino Rodrigues



RAMON MUNIZ



34

A segunda espada, de Peter Handke
Paulo Paniago



ARTE DA CAPA:
Raquel Matsushita

pu
bli
que!

- Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capas
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão
(com tiragem sob medida para seu projeto)



**Fazemos seu
livro/ebook**


thapcom
design + ideias

 (41) 99933-4883

www.thapcom.com



josé castello

A LITERATURA NA POLTRONA

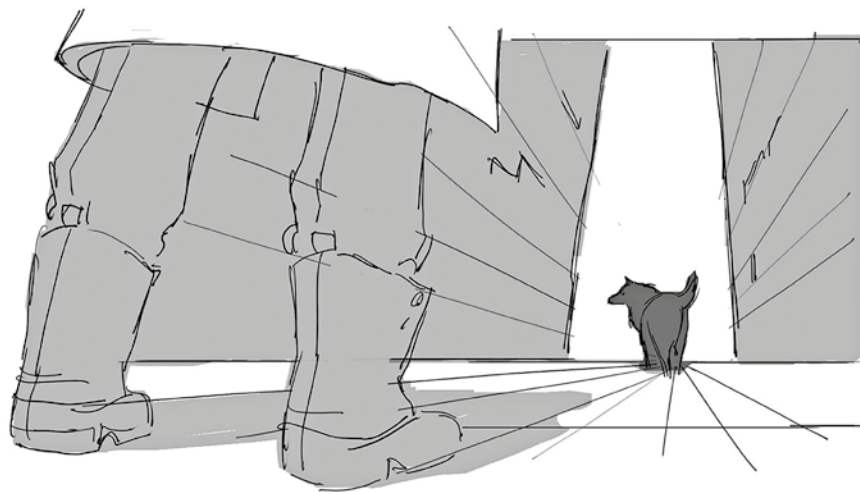
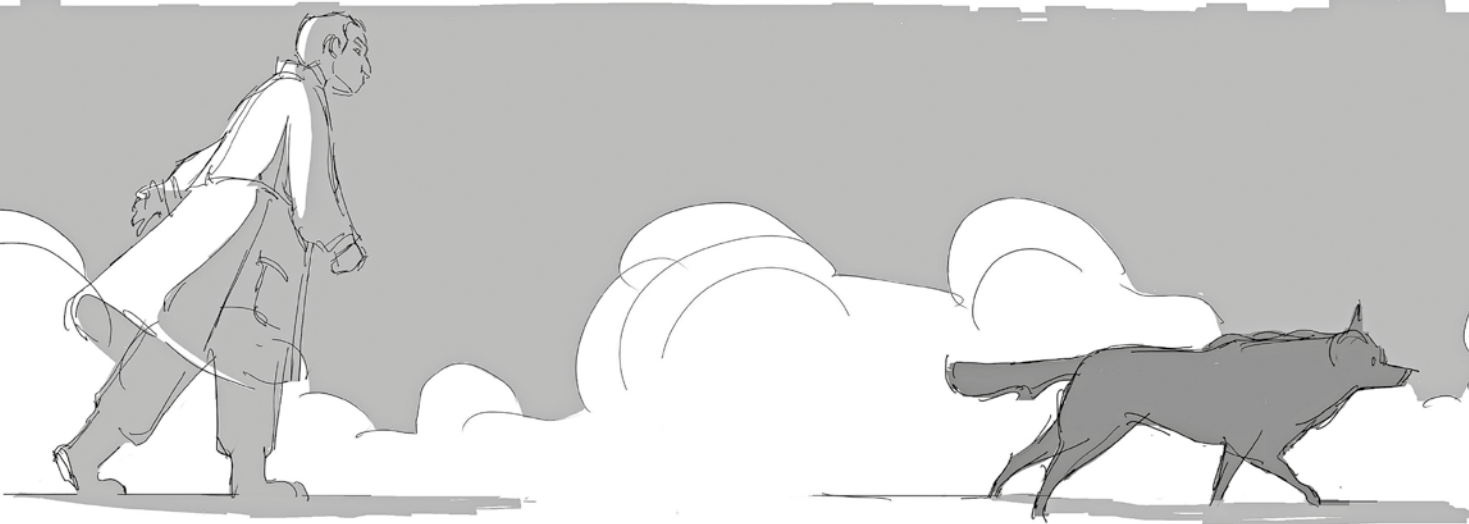


Ilustração: **Mariana Tavares**

O MOEDEIRO ISLANDÊS

Atapalhado com as coroas islandesas, comprei em uma loja de Akureyri, a 100 km do Ártico, um moedeiro de couro. Um objeto simples, sem símbolos ou adornos, só o couro nu e negro, e mais nada. Fazemos uma viagem de carro pela Ring Road, que contorna toda a Islândia. Não me separo de meu moedeiro, embora continue confuso com as moedas que recebo.

Com o moedeiro no bolso da jaqueta, tomo enfim o voo de volta a Frankfurt. Temos uma conexão longa na Alemanha e resolvemos fazer uma caminhada. Ainda me lembro que, logo no desembarque, peguei o moedeiro para completar o pagamento de um café. Recordo, ainda, do momento em que o apalpei de volta em meu bolso. Depois disso, ele desapareceu.

Talvez pelo esgotamento de uma noite sem dormir, talvez pelo cansaço da longa viagem entre campos gelados, montanhas nevadas e vulcões, a perda do moedeiro, que comprei quase sem pensar, me abalou mais do que eu poderia supor. Esgotado e um tanto perdido, nele investi a esperança de um pouco de ordem e paz.

Não me abalei pelo que ele continha, só algumas moedas de euro, mas por ele próprio, o couro macio, o negro reluzente, sobretudo o sentimento de ter onde esconder meus segredos. Sentamos para almoçar em uma praça de Frankfurt. Eu era a própria desesperança, nada mais me importava a não ser o moedeiro perdido. Mas se alguém se preocupava comigo, eu dizia: “É só o sono”.

Até que, na mesa ao lado, se acomodou um casal alemão. Com eles, um imenso cão de uma raça que desconheço. Parecia uma raposa, talvez um lobo. Só muito vagamente se parecia com um cachorro. Logo percebi que o lobo — pois só podia ser um lobo domesticado pela família e pela filosofia — me encarava. Olhos cilíndricos, pestanas de vedete, postura de mestre. Foi com grande temor que passei a encará-lo também.

Era difícil sustentar o olhar, seus olhos azuis me devassavam, como câmeras secretas. Mas insisti. Até que, subitamente, o lobo se ergueu, me deu as costas e começou a andar. Passos lentos, mas seguros,

rumo a um canto da praça. A essa altura, já na segunda caneca de cerveja, o casal se esquecera do bicho. Além do mais, ele parecia um animal confiante e civilizado, incapaz de provocar problemas, ou de agredir alguém.

Até que o lobo se enfiou em um beco. Veio-me, então, o pensamento insensato: “Ele quer me levar ao moedeiro”. Nós, os obsessivos — sou um obsessivo clássico —, diante de uma ideia ou hipótese súbita, afrouxamos os freios. Ébrios ou não, nos entregamos. Pedi licença a meus amigos, levantei-me e segui o animal. Agora que ele andava, entendi que era bem menor do que eu supunha. Mas o porte altivo e a elegância o elevavam acima do chão. Talvez flutuasse. Talvez não passasse de uma visão.

Entramos no beco, o lobo à frente e eu logo atrás. “Devo ter deixado o moedeiro cair quando mexi no bolso para pagar uma conta”, pensei. E, ainda mais convicto, concluí: “O lobo sabe de tudo. Não sei como sabe de tudo, mas sei que sabe”. Obsessivos são sujeitos que usam ideias fixas como coleiras. Obsessivos são cachorros adestrados pelo pensamento.

Na esquina, havia uma livraria. Na vitrine, entre compêndios e guias turísticos, avistei uma biografia de Wittgenstein. Logo me veio à mente sua sentença mais célebre: “Aquilo que não se pode dizer não deve ser dito”. Calar, muitas vezes, é o melhor. Fugir também. Devo fugir do lobo?

Também o lobo, por ser um

lobo, nada dizia. Nada dizia, mas fazia. Descia a rua estreita, apertava os passos. Apesar do tempo que perdi diante da livraria, não o perdi de vista. “Essa viagem não só me esgotou, me enlouqueceu”, pensei. “A Islândia e se imenso vazio me destroçaram a mente.” Eu só pensava em meu moedeiro, e o cão era só uma isca.

Mais alguns passos, ouvi gritos às minhas costas. Era o casal alemão que, ofegante, vinha à caça de seu cão. Não entendo uma única palavra do alemão, mas percebi que eles chamavam o cachorro de Witt. Saltaram sobre o bicho, o ataram a uma coleira, ralharam e retornaram para a praça. Congelado — como se ainda estivesse em Akureyri —, escondi-me atrás de uma coluna.

Foram-se, mas ali fiquei, imóvel. Se o lobo me levou até o beco, alguma resposta nele eu devia encontrar. Olhei em torno, observei as pessoas que passavam apressadas, turistas chineses barulhentos, um grupo de árabes. Nada mais. Mas, antes que a desesperança me dobrasse, eu vi o velho.

Estava em uma esquina, vestia trajes típicos alemães e tinha diante de si uma mesa. Vendia quinquilharias: chaveiros, imãs de geladeira, panos de prato. Um impulso — como um empurrão — me conduziu em sua direção. Sorridente, passou a ordenar seus produtos. Então, no meio deles, eu vi. Sim, vi um moedeiro de couro.

Eu sabia que não era meu moedeiro perdido. Era mais arredondado, o couro mais grosso e

tinha uma aparência rústica. Era o único moedeiro à venda. Era ele. Perguntei o preço. O velho me apontou o valor anotado no verso. Não preciso dizer que eu o comprei. Sem pensar, como faço as melhores coisas.

Voltei às pressas para o restaurante. Meus amigos já estavam preocupados. “Você desapareceu.” Sorri, não havia o que explicar. O casal alemão ainda tomava sua cerveja na mesa ao lado. O lobo me olhava. Seu olhar, agora, era mais sereno. Parecia cansado. Tive a impressão absurda de que sorria. Não precisei dizer nada: “O que não se pode dizer não deve ser dito”, pensei, encarando Witt.

Uma amiga, que fala o alemão, puxou assunto com o casal. Tinham vindo de Heidelberg para um casamento. Jamais se separavam do lobo. A festa tinha sido linda, mas agora vinha a parte triste: no dia seguinte, sacrificariam o cachorro. Apesar da aparência saudável, ele sofria de uma doença grave, estava desenganado, e tinha muitas dores. A cerveja na praça era, também, uma despedida.

Depois que me amiga traduziu a conversa, desolado, não me contive: ajoelhei na praça e abracei o lobo. Ele se aninhou em meu peito e chegou a suspirar. Creio que foi nesse momento que, por distração, perdi meu segundo moedeiro. Hoje comprei um terceiro, bastante parecido, em uma feira de artesanato no centro do Rio. Ele está aqui a meu lado. Não se batizam moedeiros, mas passei a chamá-lo de Witt. **📍**

entrevista 

CELSO JOSÉ DA COSTA



Dos números às letras

O matemático Celso José da Costa surpreendeu o meio literário ao ganhar o prêmio LeYa com o romance **A arte de driblar destinos**

JACQUES FUX | BELO HORIZONTE - MG

Estamos em 1913. Um aluno um tanto esquisito participa das aulas do matemático, lógico e escritor Bertrand Russell, em Cambridge. No fim do semestre, ele se aproxima do professor e faz uma pergunta insólita: “O senhor poderia fazer a fineza de me dizer se sou ou não um completo idiota?”. Russell, um tanto surpreso, disse que não tinha como saber e questionou o motivo. O aluno retrucou: “Caso seja um completo idiota, me dedicarei à aeronáutica; ao contrário, tornar-me-ei filósofo”. Russell propôs então a escrita de um texto filosófico durante as férias. Quando recebeu o material, ao ler apenas a primeira proposição, Russell exclamou: “Não, você não deve se tornar um aeronauta”. Esse jovem, Ludwig Wittgenstein, acabou se tornando um dos maiores filósofos da história.

Estamos em 2022. Um aluno um tanto excêntrico participa de vários dos meus cursos online. Ele já havia me escrito dizendo que também era matemático e que se interessava por literatura. No fim do semestre, falei de um trabalho que realizei — *Leitura crítica* de inéditos — e ele se mostrou interessado. Dias depois, me contou que havia autopublicado um livro, **A vida misteriosa dos matemáticos**, e que também pretendia autopublicar o recente romance que me enviava para análise crítica. Googlei o Celso José da Costa: gênio da matemática que resolveu um problema em aberto por 206 anos. O mundo inteiro o cita como o descobridor da *Superfície Costa*. Pensei: “Ok, tudo bem, mas e como será a sua literatura?”. Então, ao ler o primeiro capítulo, surpreso, exclamei: “Não, ele não deve autopublicar esse livro”. Propus uma conversa, sugeri algumas alterações e disse que o livro era maravilhoso, fascinante, com narrativa e linguagem incríveis e que poderia receber um grande prêmio literário. Recomendei a inscrição no Prêmio LeYa e ele, um pouco incrédulo, enviou o manuscrito.

No final de outubro de 2022, Celso José da Costa foi anunciado como vencedor, por unanimidade, pelo romance **A arte de driblar destinos**. O livro foi descrito pela comissão julgadora como uma “saga familiar que reflete muito bem, com ritmo e vivacidade, o mundo social do interior do Brasil”.

• Para resolver grandes problemas matemáticos é preciso de muita juventude, de um bocado de ousadia e uma (ou várias) pitada de genialidade. Pode nos contar um pouco de você e da descoberta da *Superfície Costa*?

Nasci no interior mais antigo do Paraná, na fazenda Ribeirão do Engano. Sou o primogênito de uma família de cinco filhos. Durante minha infância morei em uma cidade bem pequena, onde me iniciei na escola primária. Depois mudamos para uma cidade maior, Santo Antônio da Platina, em busca de continuidade nos estudos. Desde os primeiros contatos com os números me apareceu a facilidade: sempre ajudava meus coleguinhas nos deveres da escola e explicava as contas mais difíceis. E nessa trajetória, após os estudos secundários, deixei a família no interior e fui para Curitiba estudar engenharia. Não me adaptei ao curso e mudei para medicina. Fiquei dois anos na engenharia e outros dois anos em medicina. Teve um tempo em que tentei seguir os dois cursos, mas terminei por desistir de ambos. Foi nesse momento de incertezas que encontrei um grupo de estudos em matemática na Universidade Federal do Paraná e terminei vindo para o Rio de Janeiro fazer um curso de verão no Impa (Instituto de Matemática Pura e Aplicada). No ano seguinte, estava inscrito no mestrado. O Impa é o principal centro avançado de pesquisa em matemática da América Latina, e está entre os principais do mundo. Lá fiz o mestrado e o doutorado em matemática. Na tese de doutorado, descobri as equações de uma superfície que viria a resolver um problema de matemática com 206 anos de existência. Hoje a comunidade internacional denomina tal superfície-solução de *Superfície Costa*. Quem se interessar pela imagem da superfície pode consultar o google com a palavra-chave *Costa Surface*.

• **Creio que a dedicação para solucionar um problema de tal magnitude tenha sido enorme. Durante esses anos, você lia os clássicos literários? Literatura contemporânea? A literatura te interessava em qual nível?**

Sim, sem dúvida. Chegar ao ponto de resolver um problema com esse nível de sofisticação exigiu um longo caminho e muita dedicação. Mas foi uma trajetória sem atropelos ou estresse. Minha dedicação vinha de longe. Desde os meus doze anos estudei muita matemática. Meus professores me emprestavam livros diferentes e eu tinha um ritmo constante, em média, estudar mais de quatro horas por dia, até em fim de semana. Mas, como disse, sem estresse, estudar matemática para mim sempre foi uma diversão. Então passei pelo mestrado, pelo doutorado e resolvi a tese, por assim, dizer, sem sofrer. A matemática sempre se me apresentou como lúdica. Mas apesar da imensa dedicação à matemática, carregava comigo as palavras. Fui um bom aluno também em português, e já no início das faculdades em Curitiba, morando numa casa de estudantes (mais de 200 moradores), tive uma biblioteca básica com um bom acervo de literatura. Também frequentava a

Biblioteca Pública do Paraná, lia no local e trazia livros emprestados com regularidade. Consumia principalmente clássicos russos e brasileiros como Dostoiévski, Gogol, Machado de Assis e Lima Barreto. Lia também os contemporâneos de então, Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Miguel Astúrias. Além de leitor dedicado, escrevia um diário, arriscava algumas poesias para consumo próprio, frequentava o teatro de vanguarda de Manoel Karam e ia com frequência ver peças e ouvir música no Teatro Guaíra. Havia uma vida cultural pulsante em Curitiba, no tempo dos meus vinte e poucos anos. Então, acho que apesar de todos os desvios estive sempre próximo da matemática e da literatura.

• **Se a matemática é para os jovens, a literatura obriga leitura, sedimentação, repouso, tempo. Como foi a sua preparação (e sua vontade) para escrever os dois romances?**

Comecei a me interessar pela literatura, a narrativa dos livros, assim que surgiu na minha frente a possibilidade. Lembro de ter topado na biblioteca da escola secundária com um livro de Mário Palmério, **Vila dos Confins**. O nome e a capa colorida me cativaram. Talvez tenha sido o primeiro livro encorpado que li, pois antes gostava muito de revista em quadrinhos, o *Mandrake*, o *Tarzan* e outros tantos. E do livro inaugural nunca mais deixei de ler com regularidade. Aos vinte anos já era um leitor consolidado. Agora quanto a escrever, lembro-me de ter rabiscado um caderno de poemas para uma menina por quem estava apaixonado, sem ser correspondido (situação ideal para um projeto de poeta!). Foi durante a escola básica e felizmente o caderno sumiu (anos depois, ela, já casada e com filhos, me garantiu que a peça se extraviou numa mudança). Também dessa data consta meu hábito de escrever em diários, de modo desorganizado, sempre sobre fatos diversos da vida corrente. Então desde sempre fui captado pelo poder da palavra. E no início foi a palavra falada. Meu pai foi um exímio contador de história. Não tinha estudo, mas uma capacidade extraordinária em descrever a cena de um fato acontecido. Foi o meu primeiro professor de literatura, ele quase analfabeto, e eu um ouvinte cativado. Então, nos anos maduros que vivo agora, a passagem da matemática — da qual me distancio em termos de pesquisa — para a produção literária foi uma passagem sem grande esforço. Há cerca de sete anos o desejo latente se manifestou e passei a escrever um livro na vertente do realismo fantástico, narrando a história da matemática, com o foco nas lendas que fizeram avançar essa disciplina. Levei quatro anos na produção do **A vida misteriosa dos matemáticos**. Depois comecei a escrever o livro atual [**A arte de driblar destinos**], distinguido pelo prêmio LeYa.



Desde sempre fui captado pelo poder da palavra. E no início foi a palavra falada. Meu pai foi um exímio contador de história. Não tinha estudo, mas uma capacidade extraordinária em descrever.”

• **Há uma disputa filosófica entre os que acreditam que a matemática é descoberta — uma revelação da natureza das coisas — ou é invenção — apenas um jogo divertido. Para você, a matemática é descoberta ou invenção? E a literatura?**

Sou pela dualidade, tanto vigora a invenção quanto a descoberta. Se bem que prevalece mais a descoberta, a invenção é a propulsão inicial. Os 10 símbolos numéricos foram inventados ao longo da história, o zero sendo a última conquista. Uma vez concluído esse passo, um mundo está dado com suas regras definidas, e a nós basta descobrir. É como o jogo de xadrez. Foi inventado ou descoberto? Bem, perdido nas brumas do tempo, uma pessoa ou várias inventaram o jogo com suas regras. Depois veio a descoberta das melhores aberturas, as sequências que podem levar a um xeque-mate, um mundo de possibilidade foi sendo descoberto e outros tantos ainda restam a descobrir. E como no xadrez, a invenção em matemática não tem fim. Por isso, quem se dedica a essa nobre disciplina nunca fica desempregado. Sobre a literatura também aqui temos uma atividade híbrida, a invenção e a descoberta. Mas como na matemática, a invenção está na base primal, o que vem depois é a descoberta. Aliás na *Biblioteca de Babel* de Borges estão todos os livros que podem ser escritos, não é mesmo? A literatura nesse aspecto da invenção ou da descoberta tem sua matriz comparável à atividade do xadrez. Nesse sentido um dos maiores enxadristas de todos os tempos, o russo Alexander Alekhine (1892-1946) e o argentino Jorge Luis Borges são galhos da mesma árvore frondosa do conhecimento, têm o mesmo DNA.

• **O seu romance autoficcional tem dois volumes: o primeiro, vencedor do LeYa, conta da sua infância e o segundo revela a descoberta da Superfície Costa. Pode nos falar um pouco mais sobre o enredo do livro premiado?**

A arte de driblar destinos, vencedor do LeYa, reflete minhas vivências perambulando pelo interior mais profundo do Paraná, até minha chegada a Curitiba aos dezenove anos (caramba: isso é um spoiler!). Creio que a narrativa reflete de modo pícaro e dramático, as venturas e desventuras de um menino até o momento de seus dezenove anos, em sua trajetória de mudar a própria vida pela via do conhecimento. É uma caminhada com muitas dificuldades e superação, com destinos paralelos a todo momento aparecendo para toldar o objetivo central. Como cenário as pequenas cidades do interior com sua singular população de personagens, às vezes histriônicas, outras divertidas, imprevisíveis, como o coveiro, o faquir sertanejo, os feiticeiros, o médico temerário...

• **Você autopublicou seu primeiro livro, *A vida misteriosa dos matemáticos*, e também está escrevendo outros romances. Pode nos contar um pouco mais sobre eles?**

A vida misteriosa dos matemáticos pode ser enquadrado na esteira do realismo mágico. A história se passa num mundo paralelo, o Aleph, onde os matemáticos e filósofos de todas as épocas se reúnem para discutir a repercussão de suas descobertas e principalmente as lendas que suportam tais descobertas — a maçã caiu mesmo na cabeça do Newton? Arquimedes, após descobrir a lei da flutuação dos corpos em líquidos, saiu nu pelas ruas de Siracusa gritando *Eureka!*, *Eureka!*? E Giordano Bruno? Em que circunstância foi queimado na fogueira da Inquisição, por acreditar que Deus criou outros mundos povoados de vidas humanas no imenso Cosmo? E foi durante a preparação desse primeiro livro que me entusiasmei de tal modo com a nova fase de produzir literatura que me veio esse **A arte de driblar destinos**, e simultaneamente vieram outros textos, os quais virão à luz nos próximos anos. Desses inéditos o mais avançado — uma espécie de continuidade do livro premiado — tem o nome provisório de *A geometria do chapéu do sambista*. Mas tenho ainda dois outros textos a meio caminho. Todas essas narrativas são longas e nos próximos tempos virão a lume.

• **Quais eram (ou ainda são) seus sonhos matemáticos? Foram realizados? Quais são (ou eram) seus sonhos literários?**

No universo da matemática, quero seguir contribuindo com o ensino dessa disciplina. Sigo dando palestras lúdicas para estudantes de todas as idades. É uma atividade paralela, enquanto continuo a escrever romances. Um veio que pretendo explorar é o da escrita de romances dirigidos a jovens estudantes da escola básica. Romances lúdicos que possam revelar a beleza da matemática e servir de estímulo a carreiras científicas. Quanto a descobrir novos teoremas, creio que não voltarei a empregar minha energia nessa tarefa. Os sonhos literários, por ora, são dominantes. Preciso terminar essa série de romances já iniciados. Mas, lógico, fico atento à chegada da deusa da inspiração: se ela bater à minha porta e me eleger, posso sim pensar em um problema matemático de raiz.

• **A mente, a labuta e dedicação do matemático funcionam diferente da mente, da labuta e da dedicação do escritor? Como se entrelaçam? Como se distanciam?**

São cartilhas diferentes, então é preciso se preparar para um e outro caso. Quando me decidi a fazer literatura, tive que raspar alguns vernizes enalacrados em minha formação de matemático. O rigor, o pensamento dirigido para uma única meta vigora quando nos debruçamos sobre a folha em branco na faina de provar um teorema. Já a literatura é diversidade de assuntos com uma lógica outra, mais frouxa, eu creio. Inclusive se pode explorar a ambiguidade, as várias camadas, deixando ao leitor a tarefa de interpretar os fatos, segundo seu mundo interior de experiência. Minha trajetória de passagem do mundo matemático para o mundo da literatura foi com muito estudo preparatório, intensifiquei as leituras, assisti a muitos vídeos sobre a rotina dos grandes escritores e suas técnicas de criação, fiz vários cursos de escrita.

• **O matemático Henri Poincaré, após longos períodos de estudo, caminhava para pegar o ônibus e tinha seus insights. Você acredita em insights literários? É no seu sítio, cercado por livros, que você se inspira/labuta?**

Sim, os *insights* podem te pegar inesperadamente. É preciso ficar ligado o tempo todo. A literatura, como a matemática, é uma amante possessiva. Descobri logo isso. Então meu bloco de notas segue comigo para anotar alguma ideia que me salte à mente, ou na minha frente, seja qual for a circunstância. Durante minhas caminhadas pela manhã na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, (eu moro ao lado), vou refletindo sobre as cenas, vou tentando encontrar o melhor título para o livro, mentalmente ensaio diálogos, monto uma cena.



A literatura, como a matemática, é uma amante possessiva. Descobri logo isso. Então meu bloco de notas segue comigo para anotar alguma ideia que me salte à mente, ou na minha frente, seja qual for a circunstância."

Quando frequento um café, fico escutando as conversas na mesa ao lado e até acontecem casos em que mudo minha trajetória e sigo duas ou três pessoas em conversa pela rua, sempre buscando aprimorar a dicção dos diálogos. Mas gosto também de ficar longas temporadas em meu sítio na serra de Macaé, um lugar bem isolado, cercado pela mata, reescrevendo os textos. É a fase mais deliciosa, reescrever e reescrever em busca das melhores palavras e das melhores resoluções das cenas. E lógico enquanto avanço na escrita tenho meus companheiros de aventura, sempre estou lendo, tanto os clássicos quanto os contemporâneos.

• **Inicialmente, você planejava a autopublicação de *A arte de driblar destinos*, mas mudou de rumo e conquistou o prêmio LeYa. Quais são suas expectativas?**

Foi uma felicidade imensa ter o livro reconhecido pelo LeYa. Tenho consciência de que o prêmio pode ampliar o número de leitores dessa história e isso é o que mais deseja todo escritor. E sobre o futuro, tudo está aberto, vou continuar trabalhando com carinho no meu novo livro.

TRECHO

A arte de driblar destinos

Capítulo 11: O faquir sertanejo

Eram quase cinco horas da tarde, momentos de suspense diante da cova, em minutos iria começar o desenterro do Faquir. Eu estava ao lado de meu pai, junto também Urias e Barril. Meu pai trazia um revólver por dentro da camisa; em casa eu tinha percebido seus movimentos preventivos. Mamãe e Martinha não vieram testemunhar o acontecimento, não aprovavam aquela encenação, achavam um despropósito a prefeitura gastar dinheiro com essa barbaridade.

Na hora marcada começou a delicada e demorada operação de retirar a terra com as ferramentas sem macular o caixão e, depois, com ajuda de cordas, alçá-lo à borda do buraco. Nenhum ruído vinha de dentro do esquife e era chegado o momento de suspense máximo: a abertura do caixão. A consternação foi geral. Lá estava o homem morto. O corpo estendido de braços foi saudado por murmúrios doloridos. "Ele se debateu antes de morrer", alguém comentou. "Pobre homem, foi abandonado por São Lázaro e Jesus Cristo", outra voz pranteava. Não era o desfecho desejado!

Mas o corpo de braços e inerte durante longos segundos era uma técnica de suspense, fazia parte da encenação. Pois, vencido esse tempo eterno de consternação, o faquir se virou e sentou-se dentro do caixão, espichou a espinha, estirou os braços e puxou fundo uma golfada de ar, durante quase um minuto, como se estivesse recuperando para o corpo todo o ar exaurido embaixo da terra. Um suspiro geral de espanto escapou das gargantas. Após a respiração primal, recuperado, o faquir soltou um exagerado bocejo, encerrando, enfim, o sono hibernal de vinte e quatro horas. Manifestando o desejo de matar a sede, tomou o rumo do bar do Sendão, levando atrás de si a multidão, como se entoasse uma melodia encantada numa flauta invisível. Depois, com os cotovelos apoiados no balcão e sorvendo uns goles de guaraná, a quem perguntava do seu estado reclamava de uma leve enxaqueca, aliás prejudicada pela claridade que lhe machucava os olhos, apesar da mansidão da luz naquele fim de tarde. 📖

Espelhamentos e acasos

Livro da poeta baiana **Clarisse Lyra** brinca com distâncias, oráculos, temporalidades e a noção de que tudo pode ser reescrito

ANA LUIZA RIGUETO | RIO DE JANEIRO - RJ

Parece o chat UOL mas melhor. O Tinder é um lugar incrível. Entretenimento privado e nada personalizado é o que ele te proporciona: em qualquer momento, sem perder tempo na Netflix ou fazendo cursos, podendo dar um *ghost* a qualquer hora, você vai lá, deslizar por um *match* dos sonhos ou um *match* mediano. E com sorte engatar uma conversinha fiada sobre signos, opiniões publicamente impopulares, profissão ou poesia. Aí você pode descobrir pessoas que conhecem pessoas que você conhece — geralmente é com essas que você sai. Ou pessoas que de tão interessadas em você descobrem sua minibio na internet muito rapidamente — geralmente você sai com essas também e geralmente elas são as mesmas que conhecem gente que você conhece. Sei disso porque me contaram.

Ironicamente, alguém te envia um poema pelo chat do Tinder e você pensa: meu deus, nem aqui eu tenho paz, fui dar um *match* e acabei numa conversa sobre poemas. E calhou que vocês já falaram de Ana Martins Marques, já falaram de Filipa Leal, já falaram até de Adília Lopes. A coisa fica tão surreal que você pensa que estão armando pra você, ninguém vai pro Tinder falar de poesia, deve ser pegadinha. Então vocês marcam um *date*. E cada um vai levar um livro de poemas. Você leva um livro contemporâneo para dar aquele engajamento nas poetisas vivas. Você leva **Tanto tempo para aprender a escrever um poema com hortênsias**, da Clarisse Lyra. Finalmente vocês se sentam no bar em plena luz de meio-dia. E pedem cerveja, e pedem um almoço com peixe frito.

Enquanto esperam, tiram os livros da bolsa. Ele traz Golgona Anghel, **Nadar na piscina dos pequenos**, e você pensa que isso só pode ser uma piada. E você conta que pegou esse livro emprestado ontem mesmo com uma amiga. Então vocês começam pelo livro de Clarisse Lyra, é fim de semana e, abrindo aleatoriamente numa página, você lê este poema:

Um final de semana

*um final de semana
com você
seria tão bom quanto having
a coke with you?
foi o que ela disse
e eu admiro tanto esse
jeito de dizer o desejo
sem constrangimento
ao contrário, x, pra fazer carinho
precisa falar com voz de criança
assim o ridículo se confunde
com o ridículo e
fica tudo bem*

Sem dizer nada, ele abre o livro de Golgona, você nunca saberá se foi um poema aleatório ou não, e lê:

Ficamos tanto tempo em silêncio,

*que conseguimos,
até que enfim,
confundir-nos com a noite.
Vinhamos, é certo, de sonhos distintos
e ainda não tínhamos aprendido a adormecer
sem que isso não parecesse uma queda no vazão.*

*Acetávamos, no entanto,
que os nossos corpos continuassem um caminho
para o qual nós não tínhamos explicação.*

O peixe chega junto do pirão, do arroz e da batata frita. Vocês pensam que o bar talvez não seja o melhor lugar para lerem poemas assim, à queima-roupa numa primeira vez. Mas talvez seja só a fome. Você percebe que está faminta e que quer uma coca-cola, como no poema, e pede.

Enquanto almoçam e trocam silêncios, você volta a pensar em encontros e em poemas. Pensa que o peixe está uma delícia e que coca-cola é bom demais. Pensa no título do livro de Clarisse Lyra, o que te faz lembrar que sua mãe ama tirar fotografias ao lado de arbustos de hortênsias. **Tanto tempo para aprender a escrever um poema sobre hortênsias**. Pensando no nome, você tem a sensação de que ele aponta para um trajeto, “tanto tempo”, anterior a si mesmo. Melhor: aponta para os poemas do livro enquanto fala de um trajeto necessário para escrever um poema “sobre hortênsias”.

E, amiga, eu tô no futuro

E, amiga, eu tô no futuro é o título de um poema de Clarisse. De um poema não, são dois poemas que repetem esse mesmo título, e estão postos lado a lado, em páginas que se tocam de frente.

Um começa assim: “ele cheira a macadâmia e ervas/ pequenas especiarias fumadas/ e nanquim/ é um pouco frio, então/ jogo uma echarpe clara/ sobre minha blusa”. O outro, tem início parecido, mas com algumas alterações: “ele cheira a célula, macadâmia/ pedras/ você não sabe o cheiro que têm/ essas coisas no futuro/ é um pouco frio, então/ jogo uma galáxia/ sobre minha blusa”. E terminam desse jeito, respectivamente: “o amor é doce e perfumado/ cristais de açúcar de fruta/ amanhece devagar, o céu/ tem a coloração de maçãs” e “o amor é doce e perfumado/ fumaça de nanquim/ amanhece devagar, o céu/ se disfarça de maçã”.

Duplicados e alterados, sem que um se perca do outro porque mantém o mesmo título e a opção pelo mesmo universo de palavras, sem grandes mudanças estruturais, são dois poemas que guardam em si um percurso — de alterações, edições que, tornadas aparentes na publicação, deixam à mostra o processo de reescrita.

O poema, carta endereçada a uma amiga que está no passado, dá notícias de outro momento. Nós — e a amiga — só podemos ler e reler a carta no presente. A poeta faz com que a localizemos à frente no tempo e, por isso, enquanto lemos, estamos no passado. Essa configuração temporal estabelece distâncias, reproduzindo o que já vinha anunciado no título do livro, uma marcação de trajetória, reescrita e tempo. Esse não é o único par de poemas que repete um título, há outro, *Me esforço em ser perfeita para me sentir invulnerável*. O primeiro, um poema em prosa:

dizia Gerda Taro. Gerda Taro foi a mulher que criou Robert Capa. Robert Capa foi a marca que ela e seu marido usaram para vender suas fotografias a veículos de imprensa no período entreguerras. Gerda Taro morreu em 1937 depois de ser atropelada por um tanque. Gerda Taro estava fotografando com sua Lei-



Tanto tempo para aprender a escrever um poema com hortênsias

CLARISSA LYRA
Jabuticaba
52 págs.



A AUTORA

CLARISSA LYRA

Nasceu em Feira de Santana (BA), em 1988. É poeta, professora, tradutora e revisora. Mestre em Letras pela USP. Foi editora no zine *Felisberta* e coedita a revista *Capivara*. Organizou e traduziu, junto com Mariana Ruggieri, o livro **Discoteca selvagem**, da poeta argentina Cecilia Pavón (Jabuticaba).

ca a Guerra Civil espanhola. Em 2013, Robert Capa foi tema da matéria “homens que você deveria conhecer #42” da revista *Papo de Homem*.

No segundo, logo na página seguinte, espelhado, lemos:

*dizia Gerda Taro.
Gerda Taro foi
atropelada por um tanque de guerra.
São dois dados de sua biografia.
Se os destaco e digo que
isso parece querer dizer algo
sobre se esforçar e sobre sentir
estarei fazendo uma leitura redutora.
O problema com uma leitura redutora
é que uma leitura redutora é uma leitura injusta.
E por que eu faria isso?
Para ter um poema assinado com meu nome?
Gerda Taro, perdão por atrapalhar seu descanso.*

Aqui, a poeta também está no futuro — em relação a Gerda Taro, interrompida de seu descanso eterno por conta de uma leitura redutora oferecida por seus biógrafos. E poderíamos até pensar em Gerda Taro como a amiga endereçada no poema *E, amiga, eu tô no futuro*, para quem são enviadas notícias — de um futuro que cheira a macadâmia, em que o amor é doce e perfumado, futuro onírico, diálogo e temporalidade impossíveis mas, no poema, realizáveis.

Enfim, a ironia

Partindo das definições propostas por Richard Rorty sobre ironia, Rosa Maria Martelo diz que reescrever o mundo é uma das atribuições de uma ironista: “Em termos rortyanos, o principal alvo de desconfiança de uma ironista é o senso comum, e, para a ironista, o senso comum é, antes de mais nada, uma linguagem que só pode ser objeto de distanciamento mediante o recurso a outra linguagem.” Isso faria com que estivessem sempre em dúvida os vocabulários tidos por finais. A poesia ofereceria, assim, uma possibilidade de reformular, refazer, esse vocabulário final. Martelo continua citando Rorty: “Neste processo de redescoberta, as ironistas nunca se levam completamente a sério porque entendem que ‘os termos em que se descrevem a si próprias estão sujeitos a mudanças, [e] por estarem sempre conscientes da contingência e fragilidade dos seus vocabulários finais e, portanto, dos seus eus”.

Assim, nos deparamos com a possível ironia contida em **Tanto tempo para aprender a escrever um poema com hortênsias** — e voltamos ao *date*.

Você se lembra que tinha começado a pensar em temporalidades e em distâncias, se dá conta do bar, do encontro do Tinder, do peixe frito, da coca-cola e que *having a coke with* alguém vai ser pra sempre uma coca-cola com Frank O’Hara. Levanta a cabeça e vê um homem mastigando à sua frente, você então sente vontade de pedir a opinião dele sobre o título do livro de Clarisse. “E esse título, heim?” E levanta o livro diante de si mesma, aproximando a capa do rosto dele. Ele diz alguma coisa mais ou menos comum sobre o perecível das flores e você rapidamente esquece. Você pergunta onde ele mora e ele diz que no Catete. Você diz que o seu sonho é morar no Catete com ele. Ele ri e você também. Você ri mais ainda por dentro porque de algum modo acredita estar dizendo a verdade. Então, você fica com duas palavras na cabeça: tempo e contingência. Duas palavrinhas que produzem distâncias, pois sustentam relação entre elementos.

Todas essas são questões recorrentes no livro de Clarisse Lyra, que não para de produzir relações por meio dos espelhamentos e dos acasos mais ou menos controláveis da escrita — não só pelos títulos idênticos, mas pela repetição de estruturas com pequenos desvios, pela insistência na temática dos oráculos, pela recorrência de marcações temporais nos poemas, pela dicção próxima da fala da própria Clarisse etc. Esses espelhamentos, modos de reescrita, podem até deixar a sensação de que os poemas são inocentes, desprovidos de armadilhas. Mas não. Como no fim de *E, amiga, eu tô no futuro*, em que o céu se disfarça de maçã, não é maçã. **📖**

Delírio errante

O breve romance **Baldomero**, de Leandro Rafael Perez, promete muito mas se perde pelo caminho

GIOVANA PROENÇA | TAUBATÉ - SP

Quando se trata de literatura, o título de uma obra nos antecipa, muitas vezes, o que naquele livro pode nos sensibilizar. Começa aí o estranhamento que sentimos ao nos deparar com o curioso e incomum **Baldomero**. A técnica, que consiste no emprego de um nome próprio para batizar o romance, contudo, não é nova nas letras, vide **Mrs. Dalloway**, de Virginia Woolf, ou **Macunaíma**, de Mário de Andrade. De antemão, títulos assim, embora envoltos de certo enigma, nos informam que estamos diante de uma narrativa centrada em uma personagem principal, o que se repete no **Baldomero**, romance de Leandro Rafael Perez.

É este inusitado nome, de certo pouco usual nos cartórios, que anuncia uma aparente proposta: apresentar uma narrativa estranha em relação ao que estamos acostumados a encontrar nas estantes. **Baldomero** é uma trajetória errante. Nosso protagonista é o típico locutor do anjo torto de Drummond, um *gauche* na vida. Mas, nos caminhos do romance, surgem muitas armadilhas.

Formalmente, ele flerta com tons experimentais. Contudo, permanece dentro do que podemos chamar de narrativa convencional, o que se refere ao modelo empregado pela maioria dos autores da leva do século 21. Na construção do enredo, a problemática é maior. Quando se atira em uma louca desvairada, é preciso guiar o leitor para dentro desta aventura. Caso contrário, o que resta é apenas uma expressão confusa.

O título completo do livro ajuda a iluminar parte da questão: **Baldomero (ou Babá, para os íntimos, inexistentes)**. De fato, a solidão, chamada de o mal moderno, está no cerne da literatura desde as suas origens. Mas, do século 20 em diante, o caso se torna ainda mais crônico. Podíamos esperar, assim, que Baldomero fosse uma meditação sobre o isolamento em plena década de 2000. Afinal, somos avisados que se trata de uma história pré-linha amarela — metrô que une o centro de São Paulo (desde a Estação Luz) ao Campus da Universidade de São Paulo (no Butantã) — cujo início das atividades se deu em 2010.

Essa solidão ganha novos contornos ao se considerar aspectos da sexualidade do protagonista. Baldomero é um homem gay

nos seus vinte e tantos anos. Busca por um namorado ou, na pior das hipóteses, alguém com quem possa dividir a intimidade. Para ele, isso é representado pela permissão de chamá-lo por um apelido: Babá, dado por um de seus amantes casuais. Nessa trajetória sentimental que vem antes do surgimento do Grindr — aplicativo de encontros focado em homens homossexuais — podemos ver a superficialidade das relações, sempre efêmeras e desajustadas, do protagonista. **Baldomero** teria muito a ganhar focando apenas nessa odisséia sentimental.

A exploração do universo LGBT, na época conhecido como GLS, é um dos pontos positivos do romance. Com toadas de humor, que em certas passagens beiram o absurdo, Baldomero navega nos mares dos romances passageiros. O desarranjo se evidencia nos encontros sexuais do protagonista, repletos de desconforto. A performance de masculinidade do personagem diz muito sobre a socialização do mundo gay, semelhante à de outros contemporâneos como o **Diga que não me conhece**, de Flavio Cafero. Há também certa nostalgia, com o retrato das noites entre a Rua Augusta e o Largo do Arouche no período em que o livro se passa, que trazem tons de uma outra década.

Estudante de geografia na Universidade de São Paulo, Baldomero vive o aperto típico de muitos universitários. Mal remunerado no emprego de telemarketing, o jovem enfrenta dificuldades financeiras, a ponto de dever o aluguel para a colega Fernanda, com quem divide um apartamento. Isso também o afasta da faculdade, colaborando para a falta de perspectiva que ronda o futuro para ele.

Desconforto

Todos os relacionamentos do protagonista errante são preenchidos pelo desconforto. A tensão financeira mina a pseudo-amizade com Fernanda, ele não suporta as divagações de seu suposto melhor amigo, Henrique; as visitas para a mãe na longínqua Região Metropolitana refletem um estranhamento, e ele é marcado pela lembrança dos abusos sexuais cometidos por um tio. A intimidade, anunciada no subtítulo, parece incapaz de ser encontrada, o que marca os vínculos do personagem.

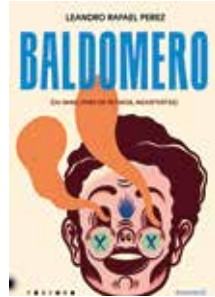


PABLO SABORIDO

O AUTOR

LEANDRO RAFAEL PEREZ

Formado em linguística pela Universidade de São Paulo (USP), Leandro Rafael Perez nasceu em 1987 e é autor de três livros de poemas publicados pela Patuá: **lança além do real só** (2011), **turnê a meio mastro** (2014) e **pau mole** (2017). **Baldomero** (2022) é sua estreia na prosa.



Baldomero

LEANDRO RAFAEL PEREZ
Fósforo
80 págs.

TRECHO

Baldomero

Baldomero só queria se chamar Valdomiro. O nome vinha da rua onde nasceu e viveu por vinte anos. Baldomero Fernandez. Divisa Diadema. À época, sua mãe considerou o nome bonito, único — talvez por falta de figura masculina mais significativa.

Tinha quem o chamasse de Val, e teve aquela bichinha, ah, aquela bichinha, que uma vez o chamou, entre berro e sussurro, de Babá, no intervalo das mamadas.

O nome, signo que contém a identidade de um ser, constitui uma problemática para Baldomero. Na falta de alguém para chamá-lo de Babá, ele busca por uma nova alcunha para a certidão de nascimento: o também incomum Valdomiro. É nesta indecisão, que beira a recusa de assumir o nome de batismo, que a fratura do sujeito se expressa em Baldomero, conflito que se repete durante a trama.

A linguagem do romance, que ora cria a atmosfera irônica da trajetória de seu protagonista, ora recai em absurdos, surge como uma surpresa. Estreia de Leandro Rafael Perez na prosa — ele é autor de três livros de poemas pela Patuá — o lirismo é deixado à parte, com uma poeticidade que se manifesta no livro principalmente pela cadência da narrativa, composta por um ritmo que simula o movimento da própria vida errante de Baldomero por São Paulo.

Um retrato, repleto de humor ácido, de um jovem tentando encontrar o seu lugar no século 21, **Baldomero** teria muito a ganhar ao centrar-se nesta premissa. Os problemas da trama tornam-se evidentes em uma das mais desnorteadoras passagens do romance. Incapaz de atender ao pedido de Fernanda, que desejava o apartamento só para si na comemoração do aniversário, Baldomero se faz presente, um penetra na própria casa. Com isso, ele presencia um assassinato cometido pela amiga e por sua própria irmã, uma espécie de vingança feminista contra um ex-namorado.

Este ponto do enredo fica deslocado do restante da composição, gerando uma fratura no ritmo da narrativa. Sem dúvidas, há uma quebra de expectativa, mas, esta não acrescenta ao romance. O erro repete-se com um suicídio inesperado, fato que mais uma vez rompe com o tédio cotidiano da sobrevivência na metrópole, o que parecia nos anunciar **Baldomero**.

Como romance, **Baldomero** poderia ser muitas coisas. De certo, a trama resvala em todas elas, sem se concentrar propriamente em uma centralidade, a não ser a de seu protagonista. Isso não é um problema, de modo que, em 80 páginas, Leandro Rafael Perez flerta com o caráter multifacetado da forma, que presta um tributo ao romance moderno por excelência — “uma pequena ode ao **Ulysses** de Joyce que tem um pé na viadagem e outro nos problemas do século 21”, segundo a editora Fósforo.

A desvairada de Baldomero funciona melhor quando, apesar de seus desvios, consegue guiar o leitor por suas desventuras. Apesar de cair em armadilhas na composição de seu enredo, o romance pode ser um bom entretenimento para aqueles que desejam se atirar em uma trajetória errante ou ter um gostinho do absurdo que é a vida no início do século 21. Uma coisa é certa: **Baldomero** é para os leitores que não temem uma boa dose de delírio. **📖**

alcir pécora

CONVERSA, ESCUTA

Entre os lugares-comuns dos estudos acadêmicos hoje, poucos são tão dominantes como os de pós-colonialismo e decolonialismo, que dizem respeito ao redimensionamento crítico dos processos de colonização europeia dos demais continentes, o que inclui a crítica da bibliografia utilizada para pensá-los. Nesse contexto conceitual, a noção de “patrimônio”, enquanto representação relevante do legado cultural de um povo, precisa ser repensada em novas bases teóricas. É o que pretende fazer o volume **Patrimônios de Influência Portuguesa: modos de olhar** (Imprensa da Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian/Editora da Universidade Federal Fluminense, 2015), organizado por Walter Rossa e Margarida Calafate Ribeiro, pesquisadores do Centro de Estudos Sociais (CES), da Universidade de Coimbra.

Preocupado em evidenciar as assimetrias do processo colonial, os trabalhos aí reunidos se propõem como um gesto em favor da integração do patrimônio das diferentes culturas, países e territórios envolvidos — notadamente em Portugal, Brasil e áreas dos continentes africano e asiático —, mas, ao mesmo tempo, com uma clara disposição de recusa de fantasias nostálgicas e autoritárias associadas à pressuposição de identidade “fraternal” desses povos. Além disso, os autores incluídos no volume pretendem integrar à noção de patrimônio a de “sustentabilidade cultural”, isto é, concebê-la como plataforma de interação entre as áreas de preservação e de ação político-cultural, num contexto de cooperação entre os povos e de reconhecimento da cultura do outro.

Trata-se, portanto, de um esforço interdisciplinar análogo ao dos *critical heritage studies* [estudos críticos do patrimônio], presentes nas Universidades anglo-americanas desde meados dos anos 80, o que proporciona ao conjunto dos trabalhos uma visada crítica do eurocentrismo e uma disposição para compreender a noção de “patrimônio” por meio de uma pluralidade de olhares distintos. Daí o alerta que os organizadores fazem no sentido de que uma concepção renovada de “patrimônio” deve ser entendida como um “operador histórico”, estruturado pela língua que vem de Portugal, mas dinamizado por diferentes tempos e geografias, que mais celebram as diferenças existentes numa determinada rede de territórios do que qualquer essência comum entre eles.

O veterano crítico português Helder Macedo abre os trabalhos ocupando-se das noções de “língua”, “comunidade” e “conhecimento” a fim de destacar o fato de que o contato com a língua de poder tende à manipulação das outras culturas e conhecimen-

tos em favor próprio, reduzindo-os a um lugar periférico, quando não condenando-os à desaparecimento. Nesse processo, chamado por Macedo de “solipsismo de centro”, o papel-chave é atribuído à língua, pensada sobretudo como instrumento do imperialismo nacionalista da matriz.

O trabalho seguinte, da pesquisadora Renata Araújo, da Universidade do Algarve, discute os conceitos de “influência”, “origem” e “matriz”. Dos três, ela supõe no primeiro, que dá título do volume, menor investimento hierárquico e, portanto, maior possibilidade de incorporar noções de reciprocidade, assim como de postular para o patrimônio um futuro que dê menos margem a mistificações nacionalistas. Na sua perspectiva, uma geografia de difusão “influyente” deveria ser mais centrífuga que centrípeta, considerando resistências e hibridações encontradas nas antigas colônias em contraste com os aspectos mais coercitivos da matriz. Nesse novo registro, as expectativas seriam as de superação do mito étnico da origem em favor do reconhecimento de processos de contaminação recíprocos, que dariam margem a uma verdadeira partilha das heranças.

Segue-se o trabalho do pesquisador italiano Roberto Vecchi, da Universidade de Bologna, que trata dos conceitos de “identidade”, “herança” e “pertença”, ressignificando-os em termos de relação com o “outro”. A partir daí, o patrimônio dos diferentes povos envolvidos no processo colonial seria pensado não mais como “igual”, mas “em-comum”. A mesma fór-

mula seria aplicada na redefinição da ideia de “comunidade”, de modo que a noção de “identidade” — integral, plena, nostálgica — desse lugar a uma nova ideia predominante, a de comunidade incompleta, não homogênea e constituída pela falta.

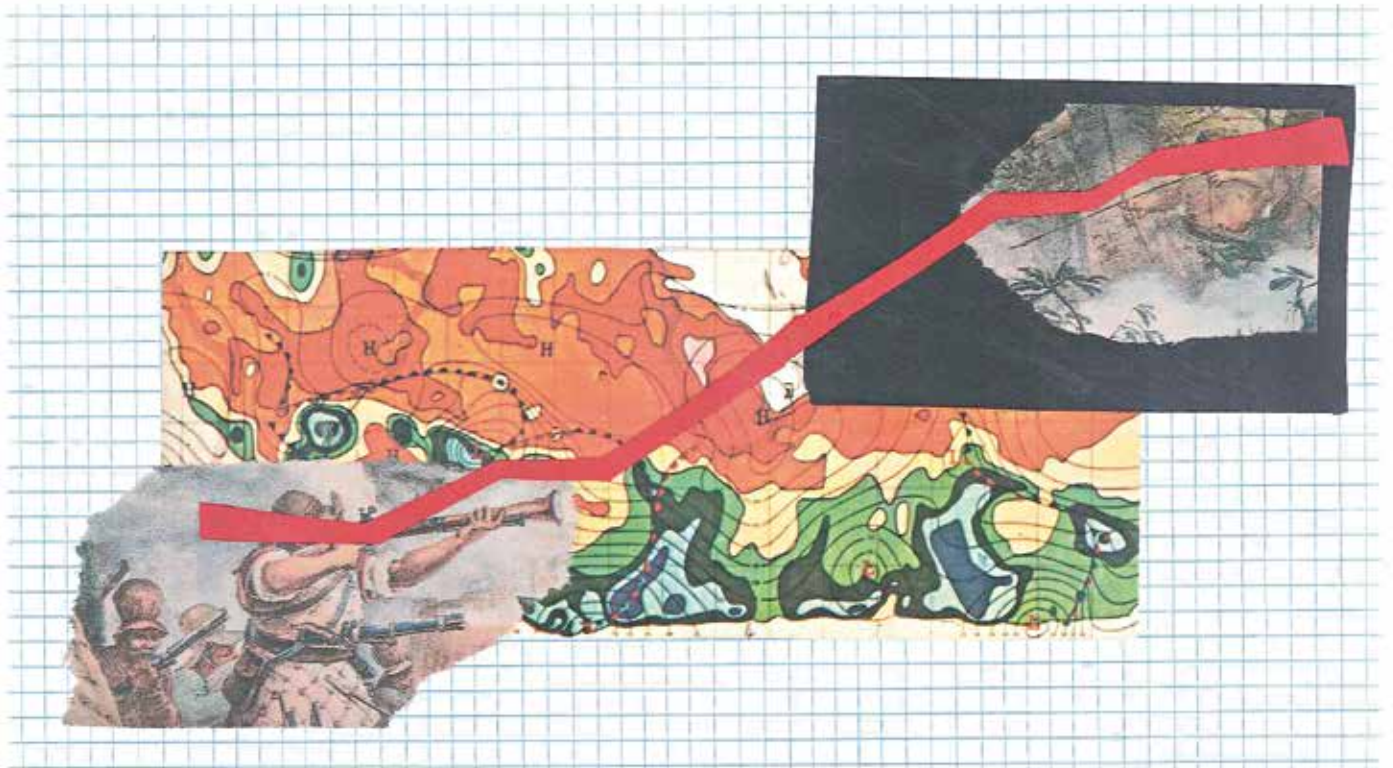
Antonio Sousa Ribeiro, da Universidade de Coimbra, trata a seguir da questão da “memória”, tomando a mesma direção contra-hegemônica dos trabalhos anteriores. Para ele, os estudos da memória devem abrigar uma visão “transdisciplinar”, atenta aos quadros sociais implicados aí, o que valorizaria, por sua vez, uma memória pública consciente das catástrofes históricas, e, portanto, mais capaz de valorizar o reverso das histórias triunfais dominantes. Nessa perspectiva, o pesquisador julga que ganham força os estudos da violência e também os estudos pós-coloniais, nos quais se é obrigado a considerar patrimônios que foram silenciados, e que existem hoje em formas praticamente imateriais.

Miguel Bandeira Jerónimo, outro pesquisador da Universidade de Coimbra, trata em particular da justificativa usual do colonialismo moderno como “missão civilizadora” e, portanto, como empresa de “elevação moral dos povos atrasados”. Contudo, Jerónimo demonstra como as leis imperiais evidenciavam um inequívoco “racismo institucionalizado” a operar como legalização do trabalho forçado. A finalidade última de tais leis, nada civilizada, seria a sua auto-perpetuação, vale dizer, a preservação do Império, ainda que as

ideologias imperiais se recobrissem de uma plasticidade que lhes permitia tomar a forma de eventuais ações benevolentes, como as de supressão da escravatura, do tráfico negreiro, e enfim de incorporar nelas motivações religiosas e humanitárias.

Fecha essa primeira parte dos estudos, reservada àqueles de natureza conceitual, o historiador português Francisco Bethencourt, do King’s College. Tematizando as noções de “colonização” e de “pós-colonização”, o autor destaca nelas dois processos concomitantes: o de coisificação do colonizado pelo colonizador, em que cada um deles habita mundos excludentes, e o de interiorização da repressão pelo próprio oprimido. Compreendendo a crítica “pós-colonial” como análise de teor marxista de sociedades não europeias, Bethencourt ressalta ainda a difícil emancipação dos povos colonizados da mentalidade de oprimido, bem como as contradições existentes dentro das próprias perspectivas anti-colonialistas, como a desigualdade na esfera de poder nos países independentes, a apropriação do aparelho do estado por pequenos grupos, a irrupção de neopatrimonialismos e clientelismos etc.

Isto posto, o autor considera que o termo “influência” não está dissociado da ideia de submissão a alguém que exerce algum direito de domínio, de modo que o propósito de pensar o patrimônio em termos mais igualitários teria de ser o resultado de uma luta pela “memória coletiva” no bojo de lutas sociais e de projetos políticos divergentes. ●

Ilustração: **Miguel Rodrigues**

PATRIMÔNIO CULTURAL EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS (1)



Da crítica ao estereótipo

A vida futura acerta dos debates em torno da literatura, mas não aprofunda questões identitárias relevantes

MARCOS PASCHE | RIO DE JANEIRO - RJ

Se 2022 foi um ano de celebração e debate dos cem anos da Semana de Arte Moderna, este 2023 agora iniciado assinala o sesquicentenário da publicação do ensaio *Notícia da atual literatura brasileira*, com que Machado de Assis, embora em ato individual e discreto, também estabeleceu um marco de reflexão sobre as letras nacionais. Naquela oportunidade, o ensaísta reconhecia a procedência do nacionalismo literário para a consolidação de uma literatura nacional, mas sublinhava o ponto a partir do qual o fator procedente degenerava no dogma, quando a retórica laudatória de certos temas literários se sobrepunha ao exame efetivo de obras. Machado assim diagnosticava o que chamou de “instinto de nacionalidade”, exibindo rara capacidade de discernimento, própria das mentalidades autônomas. Adiante voltarei a este raciocínio.

Chama a atenção que nos últimos anos uma interpretação da obra e da figura de Machado de Assis tem sido feita literariamente, pela via da ficção narrativa, dentro da qual o autor consagrado no gênero aparece como personagem. Nesse sentido, destacam-se os romances **Machado** (2016), de Silviano Santiago, e **O homem que odiava Machado de Assis** (2019), de José Almeida Júnior.

Tal expediente é também praticado por Sérgio Rodrigues, que em 2019, com a publicação de **A visita de João Gilberto aos Novos Baianos**, deu interessante sinal nessa direção, vista a presença do conto *A fruta por dentro*, com que reverbera a Capitu de **Dom Casmurro**. O autor agora aprofunda esse trabalho, porque **A vida futura**, seu novo romance, tem em Machado de Assis seu protagonista e narrador.

Literatura e política

O enredo de **A vida futura** se desenvolve tocando em pautas políticas muito reverberadas atualmente, e em geral causadoras de contendas quando transpostas para o campo das artes em geral e o da literatura em particular. Em certo momento, Machado de Assis e José de Alencar, outro personagem destacado na trama, partem de sua habitação metafísica rumo ao planeta Terra, para conferirem de perto um plano de reescrita de obras suas, liderado pela professora Stella McGuffin Vieira, apresentada pelo narrador como

a principal ativista brasileira da compreensibilidade textual como ferramenta de inclusão social e plenitude cidadã num país de gente semialfabetizada — uma gente que ela defendia ter o direito inato de saber o que escreveram fundadores da nacionalidade como Jota e Jota [José de Alencar e Joaquim Maria Machado de Assis]. Um dia, no clímax de sua carreira, lançou o ambicioso projeto Luta de Clássicos, dedicado a reescrever linha por linha os principais livros daqueles autores, ou seja, nós — pondo assim em movimento, embora disso não pudesse saber, as engrenagens da história de assombração que aqui se narra.

A iniciativa escandaliza os falecidos autores, que se movimentam para obstruí-la. Para isso, Alencar e Machado, ou Jota e Jota, conforme identificados no livro, percorrem espaços e situações ilustrativos da vida contemporânea, no Rio de Janeiro, desde um ato acadêmico-político na Escola de Comunicação da UFRJ até uma festa na Zona Sul da Cidade. Se no primeiro se formula uma cena de julgamento de obras de literatura que não se baseia em critérios literários, a segunda sugere um episódio muito próprio

O AUTOR

SÉRGIO RODRIGUES

Nasceu em 1962, em Muriaé (MG). É autor, dentre outros, dos romances **Elza, a garota** (2009) e **O dribble** (2013) e dos livros de contos **O homem que matou o escritor** (2000) e **A visita de João Gilberto aos Novos Baianos** (2019). Publicou também o almanaque **Viva a língua brasileira!** (2016).



A vida futura

SÉRGIO RODRIGUES
Companhia das Letras
168 páginas

TRECHO

A vida futura

Para resumir um caso comprido, meditei que um dos defeitos mais gerais entre nós, brasileiros, é achar sério o que é ridículo, e ridículo o que é sério. Sabia-o antes de ser um autor defunto e mais o sei agora. A nata de nossa crítica literária levou sessenta anos para começar a quebrar o código de meu romance mais famoso, e hoje querem que ginásios de joelhos ralados e álbum de figurinhas debaixo do braço decifrem tudo antes do bigode.

da *milicianização* da vida carioca e fluminense, elevada a um patamar ainda mais forte pelo bolsonarismo. Afinal, a recreação é oferecida por Beto Ferrão — “o Rei das Vans”, e presenciada por um grupo aparentemente heterogêneo, em meio ao qual “deputados federais e militares de alta patente confraternizam com cafetinas consagradas e talentosos matadores de aluguel”.

Por duas vias, portanto, o romance de Sérgio Rodrigues se manifesta politicamente. Se por um lado parece prioritário formular um quadro de curto-circuito entre a procedência de discursos inclusivos e os excessos de algumas situações em que são concretizados, por outro a narrativa aponta sem rodeios para um submundo que está consumado sem disfarces na superfície de nossa vida política e social. E o autor assim procede sem sobrepor o político ao literário, porque **A vida futura** é, antes de tudo, uma obra que reflete literariamente sobre debates e encaminhamentos em torno da literatura. Tanto é que, além dos célebres e já aludidos defuntos-personagens, outros autores do cânone ocidental são mencionados

direta ou indiretamente. Além disso, e de modo principal, o romance é narrado por Machado de Assis e em estilo machadiano, que Sérgio Rodrigues pastichou com habilidade, sobretudo na conjugação de crítica e ironia:

Mas sená demasiado pedir que não sejam mais ingênuos que o habitual? Fazer uma versão simplificada dos meus livros ultrapassa o vocabulário; há que cortar fundo na carne, na proporção exata do analfabetismo funcional cultivado com tanto esmero no corpo do povo. Ocorre que o mesmo pensamento nu, límpido embora, é hermético para quem não aprendeu a pensar. Em caso extremo pode ser de bom alvitre suprimir a obra de todo, deixando o nome do autor na capa e um maço de folhas virgens de entremeio; teria sua graça.

Inconsistências

Retomo o raciocínio de Machado de Assis aludido no primeiro parágrafo para estabelecer um paralelo com Sérgio Rodrigues. Assim como o autor de **Várias histórias** anotou o sim e o não de algo tão decisivo para a literatura de seu século — a expressão nacional —, o escritor de **O dribble** se interessa por observar, com independência intelectual, equívocos e contradições em torno de pautas identitárias.

Este subsídio ensaístico é uma das duas chaves de leitura de **A vida futura**; a outra é fornecida pelo próprio autor em entrevistas sobre o livro, por ele concebido como investida humorística. É pela conjugação desses dois fatores que lemos construções do seguinte teor, quando Jota narrador se dirige a quem acompanha seu relato: “Não fui prudente, leitora ou leitora — ou leitor, cousa de doudo, como logo aprenderei”. A circulação contemporânea dos fantasmas de Alencar e Machado motiva a elaboração de cenas caricaturais, especialmente as que exibem dificuldades de comunicação: “*Todes?! Seria um deus nórdico? Logo me perdi!*”.

Mas justamente nesse ponto **A vida futura** acaba por se trair e contradizer, tornando-se o próprio livro algo caricatural, indo pouco além disso como enredo e como crítica do tempo, por lhe faltar consistência no desenvolvimento de personagens, seus destinos na narrativa e situações em que se inserem. Daí vemos no romance muitas cenas previsíveis, como que apostando na redução superficial de debates contemporâneos que, mesmo não sendo isento de incoerências, são de inegável importância. Nesse sentido, o capítulo *Reescrever-me* chega a soar ingênuo, por do princípio ao fim se desenrolar como coleção de estereótipos incompatíveis com a densidade da pauta em questão e com a experiência do autor. E sequer a pretensão humorística do livro justificativa o resultado, porque tanto o referido capítulo quanto as demais partes correlatas também não se sustentam comicidamente. O prejuízo do conjunto narrativo geral é inevitável. **U**

LANÇAMENTO

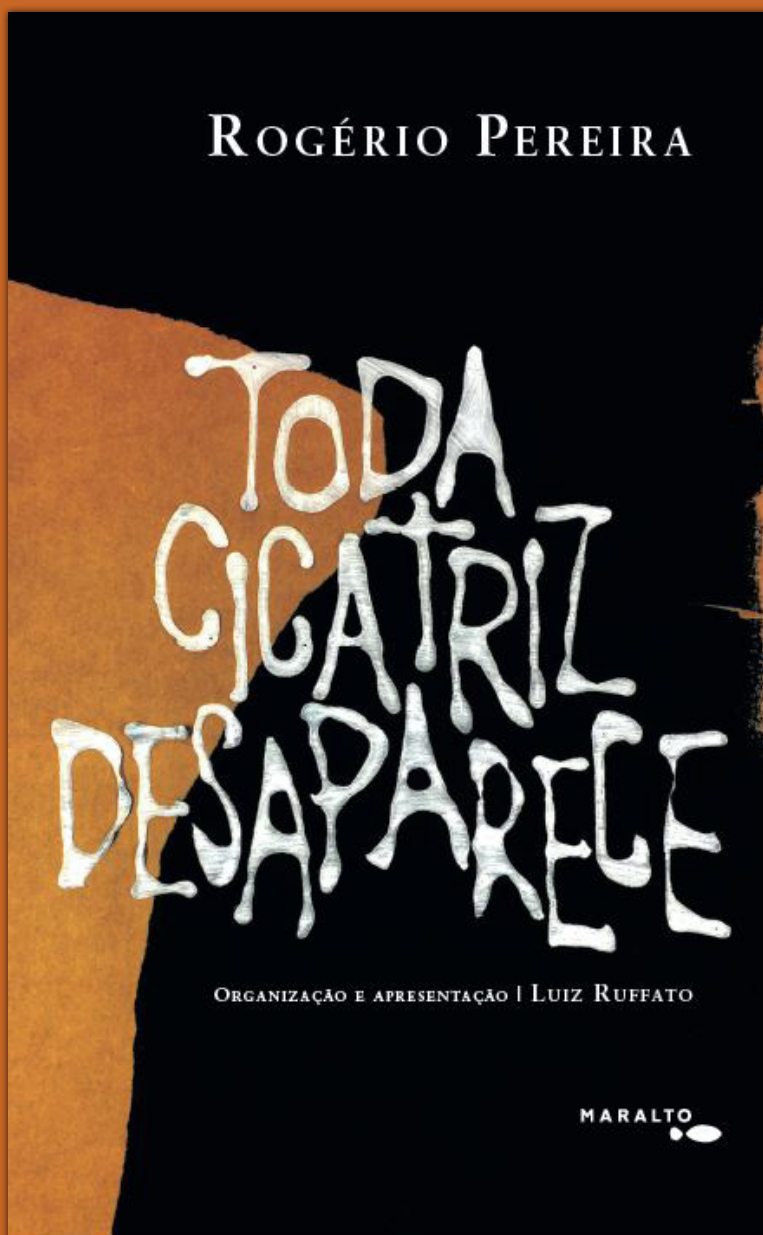
MARALTO
EDIÇÕES



COMPRE
NO SITE DA
EDITORIA

“Rogério Pereira é da família dos escritores que estão sempre remexendo suas próprias feridas, que, singulares em sua manifestação, transformam-se, por conta da linguagem, em experiências comuns a um enorme contingente de pessoas. Pereira nos fornece um texto único, profundo, lírico, atemporal, que nos arrebata e comove, sem nunca ser piegas.”

Luiz Ruffato – organizador



“Carregamos todos várias marcas. Tenho uma cicatriz enorme na perna direita. O pai ostenta algumas pelo corpo — um pedaço de lenha a voar do machado, um coice de um cavalo vingativo. A mãe tinha um corte que se estendia pela sola do pé esquerdo. Meu irmão já despencou algumas vezes do telhado onde tenta ganhar a vida. Mas não há com que se preocupar: nenhuma cicatriz resiste à morte.”

Ao sul da condição humana

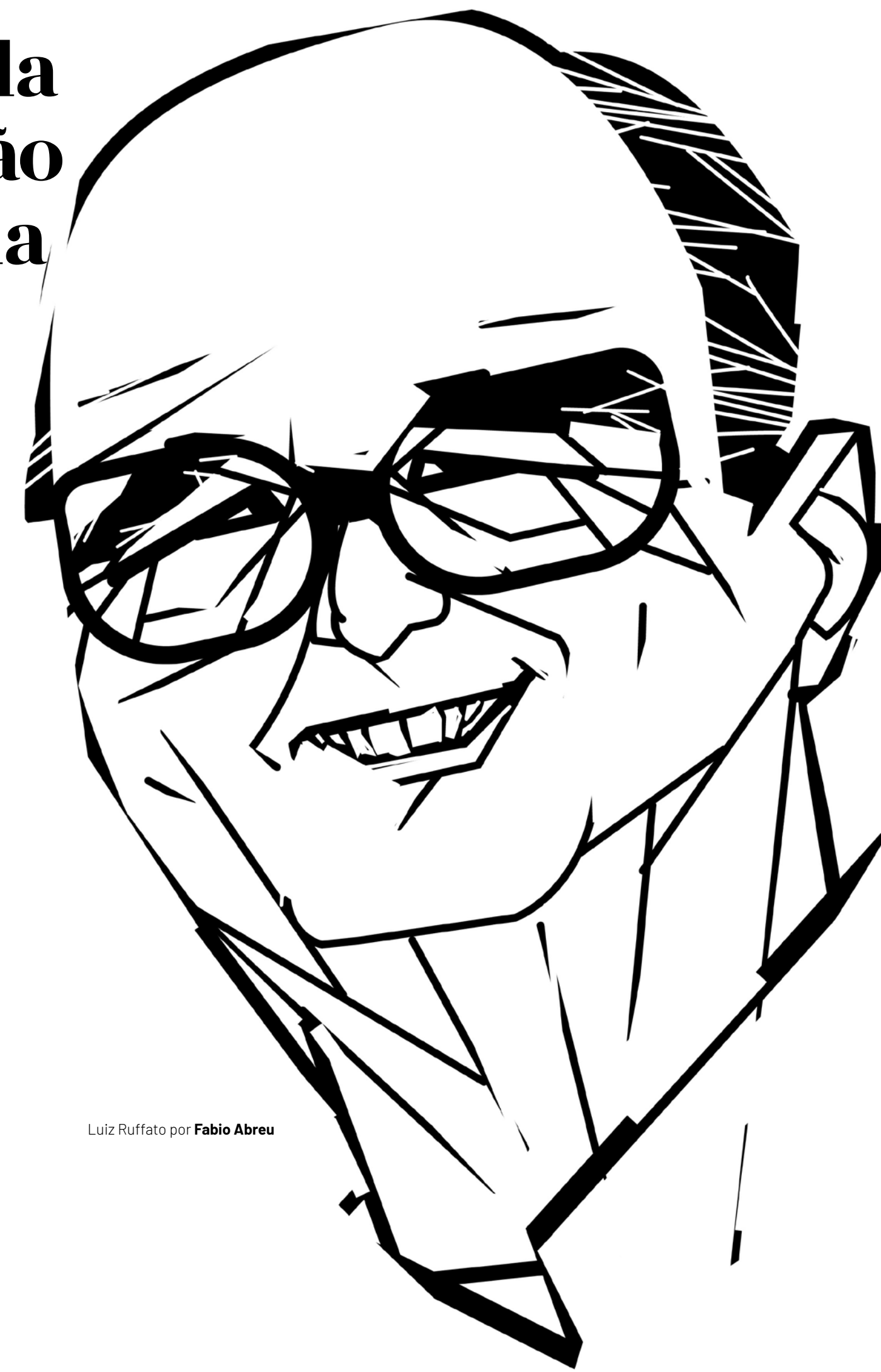
Em **O antigo futuro**, Luiz Ruffato reconta parte da história brasileira a partir das vidas dos seus personagens

RENATA BELMONTE
| SÃO PAULO - SP

// **O**ue saudade do futuro”, confessou o mineiro Murilo Mendes no poema *Mundo estrangeiro*. E é a partir deste sentimento, ou seja, da constatação de que uma longa espera, esperança, se fez irremediavelmente frustrada, ou melhor, é justo a partir da dor da descoberta de que aquilo que foi tão desejado jamais acontecerá, não importa o que se faça para tanto, que Luiz Ruffato, também um escritor mineiro, tece as linhas do romance **O antigo futuro**. Se o Brasil, em algum momento, foi conhecido como um país rico e diverso, que prometia um horizonte acolhedor e próspero para os que o escolhiam habitar, Ruffato faz questão de desmistificar tal discurso, deixando claro que grande parcela dessa narrativa não passou de uma ficção construída a partir do sacrifício e sofrimento de toda uma geração de pessoas pobres.

Assim, logo no início da trama, somos apresentados à família Bortoletto, através dos flashbacks de Alex, um de seus membros. Descendentes de italianos, os Bortoletto vivem em São Paulo, num prédio erguido por eles mesmos, na Casa Verde, bairro popular da Zona Norte paulistana. E é lembrando seu passado, nos breves momentos em que o duro presente lhe dá alguma trégua, que Alex nos conta a sua história. Vítima de um trauma profundo, ele é obrigado a deixar o Brasil e partir para Somerville, nos Estados Unidos, com o objetivo de recomeçar a vida e assegurar a sobrevivência dos parentes.

Deste modo, subsistindo como todo imigrante de origem simples, ou seja, submetido a longas jornadas de trabalho, economizando cada centavo e encontrando dificuldades para construir relações de afeto, num país com cultura e língua muito diferentes das que ele conhece, progressivamente, passamos a compreender a imensa dor que tal personagem



Luiz Ruffato por **Fabio Abreu**

Luiz Ruffato consegue o grande feito de pintar um belo e vívido mosaico humano, sem recorrer a expedientes simplificadores ou maniqueísmos que até poderiam tornar seu romance mais palatável para um grande público sedento por uma literatura panfletária.

carrega, bem como o inevitável componente socioestrutural dela. Entre o silêncio penoso derivado da ausência de sua mãe e o amor profundo, mas sem intimidade, que Alex devota ao Pai e aos dois irmãos, parece impossível não se comover com sua trajetória. Ponto para Ruffato, que nos faz mergulhar nos sonhos, lutas e desesperos da classe média baixa brasileira de meados do século 20, sem resvalar em qualquer sentimentalismo ou condescendência infantilizante.

A profunda pesquisa histórica e a escolha por uma linguagem que tanto fala sobre os personagens quanto é claramente pronunciada por eles e pelo mundo

que os cerca também merece elogios. Neste livro, estética e ética se confundem, impedindo que as escolhas das palavras se tornem performances vazias. Se no romance **Estive em Lisboa e lembrei de você** Ruffato já havia discutido as dificuldades de ser imigrante, existem tantas diferenças entre estes seus livros que quase esquecemos que ambos perpassam o mesmo tema. Em **O antigo futuro**, toda uma nova dimensão do assunto se apresenta e isso se dá justo por conta das paisagens íntimas que o autor optou por nos revelar. Ao contrário de **Estive em Lisboa...**, nesse seu último romance, quase nenhum espaço resta pa-

ra qualquer desenvolvimento cômico. Mesmo Tio Gilberto e suas “loucuradas”, personagem que promove o contraponto necessário para a pouca lúdica realidade dos meninos Bortoletto, é alguém que guarda seus impronunciáveis. Ruffato consegue o grande feito de pintar um belo e vívido mosaico humano, sem recorrer a expedientes simplificadores ou maniqueísmos que até poderiam tornar seu romance mais palatável para um grande público sedento por uma literatura panfletária, mas que comprometeriam a qualidade artística do seu texto.

Sem soluções fáceis

Antes de tudo, o autor busca nos mostrar que o respeito é sempre o afeto mais importante que devemos ter por aqueles imaginados por sua caneta. E isso passa por não menosprezar ou supervalorizar seus personagens apenas por conta de suas condições materiais. Portanto, o que encontramos neste romance não são soluções fáceis ou dedos apontados para nenhum espantinho, pois ainda que enfrentem dificuldades semelhantes e compartilhem referências, as figuras que Ruffato nos apresenta são complexas e dotadas da inteira gama de sentimentos que compõe a condição humana. Universal em suas particularidades, **O antigo futuro** não parece desejar oferecer ao leitor qualquer promessa ou afago, mas sua leitura, ainda que densa, revela-se surpreendentemente fluida e prazerosa. Assim, para além da importante dimensão política da narrativa, destaca-se, especialmente, a maestria com a qual o autor desenvolve as subtramas e os conflitos íntimos daqueles que povoam suas páginas.

Se são múltiplos e singulares os personagens desta obra, podemos também destacar o modo escolhido por Ruffato para lhes dar vida. Dividido em cem breves capítulos, **O antigo futuro** se ancora na vertigem como estratégia de compreensão daquilo que está no nosso entorno e que insistimos em nomear de realidade, apesar da grande parcela do que dela nos escapa. Também não passa despercebida a intenção do autor em nos fazer assumir certas responsabilidades, diante de um passado que, se num primeiro momento se apresentou como farsa, se tornará tragédia certa em qualquer futuro próximo. Sem determinismos ou adesões cegas, Ruffato nos recorda lições importantes de um certo filósofo alemão.

Desse modo, os destinos tristes dos integrantes da última geração dos Bortoletto, trabalhadores urbanos como tantos outros, talvez não devam ser mesmo colocados apenas na conta do acaso. É provável que Deus somente exista quando certas linhas permanecem sem serem cruzadas. Sim, é fato que para todos existem paraísos e infernos, mas pouquíssimos são os que ocupam a condição de eleitos perpétuos do céu/olímpo deste nosso país marcado por tanto descaso.



O antigo futuro

LUIZ RUFFATO
Companhia das Letras
218 págs.

Aliás, não é à toa que, no mapa de Ruffato, Cataguases e a Itália são sempre lugares contíguos, vizinhos. E que, em seu relógio, o verão pode até tardar, mas as relações familiares são marco zero de quase todas as suas narrativas. Também não soa aleatória a opção do autor em numerar seus capítulos do fim para o início, assim como a de nomear o último deles de *O futuro*. Afinal, é dos silêncios dos desesperançados e, eventualmente, ressentidos, que se compõe este trabalho. Tampouco é gratuita a dedicatória para seus descendentes e antepassados. Se no início do romance encontramos expressões em inglês, língua hoje dominante, nos capítulos seguintes, ou seja, no futuro passado, o italiano era que dava as cartas, procedimento estilístico que traduz perfeitamente as transformações geopolíticas que sustentam nosso cotidiano. Resalto tais alicerces do texto porque jamais acreditei que, no exercício literário, é possível segregar, de fato, forma de conteúdo.

Solidão e memória

Tais elementos se fazem tão igualmente fundamentais para a consecução de uma boa história que se tornam coisa inseparável. E penso também que, como quando diante do passar do tempo, em que, por exemplo, não somos capazes de perceber seu fluxo sem o auxílio de calendários ou re-

tratos, este romance é mais bem compreendido se contemplado frente aos demais projetos ficcionais do autor. *Eles eram muitos os cavalos, mas ninguém sabe os seus nomes, sua pelagem, sua origem*, assim proclama Cecília Meireles, na epígrafe do primeiro romance de Ruffato. Para mim, resta claro que o norte da bússola artística do autor mineiro, desde os primórdios, aponta para a solidão das grandes cidades e a memória dos que as ocupam e sofrem.

A grande literatura é aquela que sobrevive em qualquer época, assim como também a que nos permite a possibilidade de enxergarmos, nos personagens de um outro, um alguém de nós. Recordo o romance **Inferno provisório**, que termina com pessoas participando da corrida de São Silvestre, no dia 31 de dezembro de 2002, cena que aponta simbolicamente para o início de uma nova era. Faço isso porque a publicação deste texto coincide com a surpreendente volta de Lula à presidência da República, depois de quatro anos de trevas do governo Bolsonaro. E porque penso que tal acontecimento político permitirá uma inesperada camada interpretativa para **O antigo futuro**. Temos mesmo o direito de sonharmos tempos melhores? Ou algo está mudando para que tudo continue como está, nos moldes do que proclamou Lampedusa, em **O leopardo**? Verdadeiramente, uma nova era de alterações estruturais se anuncia? A desigualdade fundante deste país e as tensões que tanto acompanhamos serão mitigadas? Bom, somente o cotejo entre o que virá e os termos de **O antigo futuro** nos revelará se dias melhores são apenas miragens ou algo a ser mesmo concretizado. De tudo, portanto, resta apenas uma certeza. É preciso dar conta do presente. E, diante de uma obra como esta, a literatura brasileira contemporânea vai muito bem, obrigada. **📖**

TRECHO

O antigo futuro

Caminhou devagar, as pernas pesadas, até entrever, em meio a rostos estranhos que obstruíam a frente da lanchonete, dois corpos tombados, o vermelho escuro ultrajando o branco do ladrilho. As vistas anuviaram, cambaleou, alguém o amparou, carregaram-no escada acima, depositaram-no na poltrona verde, deram-lhe um copo de água com açúcar, afundou num silêncio movediço. Avisado, o tio Gilberto, o Artista, acompanhou o enterro do Bruno no cemitério Chora Menino, despachou o caixão do Vânderson para Colatina, no interior do Espírito Santo, acompanhou a Rivânia por repartições públicas para tratar das pensões do marido e do concunhado.

O AUTOR

LUIZ RUFFATO

Nasceu em Cataguases (MG), em 1961. Publicou diversos livros, entre eles **Inferno provisório**, **De mim já nem se lembra**, **Flores artificiais**, **Estive em Lisboa e lembrei de você**, **Eles eram muitos cavalos**, **A cidade dorme** e **O verão tardio**. Suas obras ganharam os prêmios APCA, Jabuti, Machado de Assis e Casa de las Américas, e foram publicadas em quinze países. Em 2016, foi agraciado com o prêmio Hermann Hesse, na Alemanha.

ADRIANA VICHI





wilberth salgueiro

SOB A PELE DAS PALAVRAS

TRADUZIR, DE CARLITO AZEVEDO

(d u a s (l i n g u a g e (
 n s d) i f e r e n) t e s
 (u m a s (o n a n t e & a (
 O U T) r a) a u s e) n t e
 (l u a m (I N g u a n t e (
 l u a) c r e s) c e) n t e

Já nas páginas primeiras de seu primeiro livro, **Collapsus linguae**, de 1991, e já premiado com o Jabuti, Carlito Azevedo dá a ver *Traduzir*, poema que transita entre o verbal e o visual. Se *traduzido* em versos comuns, o poema assim ficaria: *duas linguagens/ diferentes/ uma sonante/ e a outra ausente/ lua minguante/ lua crescente* — expressivo, mas bem longe dos efeitos que o poema verdadeiro e original provoca. O sinal de parêntesis em movimento, a exata distribuição das letras, as palavras em maiúsculo e a paratática homologia entre os versos e seus componentes dão ao poema um tom inaugural.

Seguindo as fases da lua, sigamos o poema:

((((pelos seis versos, os parêntesis se deslocam de modo similar e harmonioso, sugerindo o próprio caminhar da lua. Os sinais “)”) e “(”, de fecho e abertura, correspondem, iconicamente, às fases intermediárias da lua (minguante e crescente), e não às plenas (cheia e nova);

)))) cada verso se regula por quatro blocos de quatro elementos: três letras e um parêntesis. Este passa pelas letras, cortando-as, como a lua pelas nuvens (ou vice-versa), produzindo inesperadas combinações, o que reforça o efeito de estranhamento: *age, r)en)tes, s(on, e&a(, u)se, m(IN, (lua / lua), cr)e;*

((((além desses efeitos, o poema elabora novas dobradas ao ressaltar os polos opostos *OUT* e *IN*, vindos de dentro dos termos *outra* e *minguante* e carregando, bilíngues, os sentidos de *fora* e *dentro*, qual o movimento em vaivém da lua-parêntesis no texto;

)))) se o sentido de “traduzir” é “transpor de uma língua para outra” e por extensão “explicar, submeter a uma interpretação”, o poema *Traduzir* trata de *duas linguagens*, a verbal e a visual, fazendo dialogar fixidez e movimento, o dentro e o fora (*OUT/IN*), o maiúsculo e o minúsculo, o minguante e o crescente e, sobretudo, uma linguagem que produz som e outra que não: (*uma s(on an(t e&a(// OUT) ra) a u)se) nte*. Som e silêncio. Poema e lua.

Com esse poema, Carlito passa — desde a estreia — a pertencer à imensurável legião de poetas que se renderam ao fascínio da lua. Italo Calvino, ao falar de Leopardi em **Seis propostas para o próximo milênio**, diz que, “Desde que surgiu nos versos dos poetas, a lua teve sempre o poder de comunicar uma sensação de leveza, de suspensão, de silencioso e calmo encantamento”. Poucos signos, feito a lua, na história das artes e da poesia, atravessam e permanecem, incólumes e por séculos, como fetiche no desejo dos sujeitos, o que leva, inevitavelmente, à produção de incessantes clichês e de poemas de lesa-lua. Noutras palavras, é sempre um desafio para os poetas lidar com signos, imagens, metáforas tão usados, surrados, desgastados.

A lua, sua magia e seus segredos noturnos se tornaram das mais constantes fontes de inspiração para os românticos (para não irmos muito longe). A seguir, os modernos (de ponta) a desinvestiram de seu caráter etéreo, misterioso e aurático, tratando-a ora como objeto de pesquisa científica, ora já localizada num espaço para on-

de confluíria a cultura poética sobre ela, num processo constante de desmetaforização e remetaforização (tal aspecto Hugo Friedrich desenvolve em seu clássico **Estrutura da lírica moderna**, de 1956; no Brasil, em 1978).

Poucos, pouquíssimos escritores (não só poetas) resistiram à tentação de tomar posse da lua (feito o Calígula na peça de Camus), dar a ela uma forma. Não à toa, o antológico *Poema de sete faces* (1930, **Alguma poesia**) termina de modo apoteótico: “Eu não devia te dizer/ mas essa lua/ mas esse conhaque/ botam a gente comovido como o diabo”. Antes de Drummond, Álvares descrevia a amada dormindo, “Como a lua por noite embalsamada”; Alphonso, por sua vez, revelou para onde olhava sua trágica personagem: “Quando Ismália enlouqueceu,/ Pôs-se na torre a sonhar.../ Viu uma lua no céu./ Viu outra lua no mar”. Já de 1947 é *Serenata sintética*, de Cassiano Ricardo: “Rua/ torta.// Lua/ morta.// Tua/ porta” — sobre o qual há brilhante análise de José Américo Miranda em *Entre o instante e o tempo: um poema de Cassiano Ricardo* (1994). Manuel Bandeira surpreende e, em 1960, publica *Satélite*. Antes, em 1942, Cecília Meireles fez *Lua adversa*, e Vinícius fez *Canção de ninar meu bem*, em 1962. No campo da canção, como não lembrar *Lunik 9* de Gil (1967), e *Lua lua lua lua* de Caetano (1975)? O poeta Bith, em **Digitais** (1990), registrou em modo haicai: “mais uma vez: lua/ tão redonda e tanto tempo/ nem minha nem sua”. No **Rascunho** n. 208, de agosto de 2017, analisei o belo e triste poema de Leminski: “lua à vista/ brilhavas assim/ sobre auschwitz?”. Os exemplos tendem ao infinito.

Ou seja, é sempre um risco (o risco do bordado, diria Autran) o poeta lançar-se ao uso de metáforas tão recorrentes. Esse risco Carlito não evita, enfrenta-o, e para fugir à mesmice e ao estereótipo tem como inspiração o que diz em *Da inspiração*, poema que vem, em **Collapsus linguae**, logo após a *Traduzir*: “Desconfiar do estalo/ antes de utilizá-lo// mas sendo impossível/ de todo aboli-lo// desconfiar do estalo/ dar ao estalo estilo”. Não é o que pensa, contudo, o poeta e crítico Luis Dolnikoff, em seu rigoroso artigo *Relendo Carlito Azevedo ou Um caso exemplar da poesia brasileira contemporânea* (2009), que, a despeito de pontuar que Carlito “tem talento com as palavras”, discorda frontalmente do que diz José Lino Grünwald na orelha

do livro: “Um dos pontos mais altos — concretos — da poesia recente: o poema *Traduzir*. Talvez seja o momento de maior invenção do livro”. Para Dolnikoff, o poema não passa de “uma imitação despudorada de Augusto de Campos”, e procura apontar semelhanças — penso que frágeis — entre o poema visado (de Carlito) e o imitado (de Augusto).

De certo modo, Dolnikoff antecipa reflexões que viriam no também duro artigo intitulado *Negativo e ornamental: um poema de Carlito Azevedo em seus problemas* (2011), de Iumna Maria Simon e Vinícius Dantas. Neste, faz-se uma crítica radical a um poema do escritor carioca, *Na noite física*, lido como paradigmático de um tipo de fazer poesia no Brasil que, em suma, primária por efeitos esteticistas em detrimento de uma opção pelo real histórico. Contra os argumentos do artigo de Simon e Dantas, Susana Scramim escreve *A crítica brasileira de poesia contemporânea: velhos debates, outras máscaras* (2012), e sai em veemente defesa do poema e do poeta Carlito, sobre o qual escreveu o volume da importante coleção *Ciranda da Poesia* (Eduerj, 2010).

Fato é que a obra de Carlito tem atraído a atenção de grande parte de nossa crítica: além de Susana Scramim, críticos do porte de Antonio Carlos Secchin, Célia Pedrosa, Flora Süssekind, Heloisa Buarque de Hollanda, Italo Moriconi, Luiz Costa Lima, Silvano Santiago, Valdir Prigol e Viviana Bosi têm dedicado textos e elogios à obra do poeta e tradutor formado em Letras pela UFRJ, editor da badalada revista *Inimigo Rumor* e da coleção *As de colete*. Outra prova de reconhecimento veio dos próprios poetas: os 54 poetas convidados pelo *Suplemento Literário de Minas Gerais*, numa edição especial de maio/2013, a indicarem “um único poema produzido por autor nascido a partir de 1960”, escolheram 52 poemas de 40 autores, e Carlito foi o poeta com mais poemas (cinco) indicados pelos pares.

A abundância de citações e de diálogos intertextuais é, sem dúvida, um traço da poesia contemporânea, e a poesia de Carlito não escapa a esses procedimentos. Na última página do livro **Monodrama**, de 2009, finalista do Portugal Telecom (atual Oceanos), há uma lista de “agradecimentos e ‘coro’” com 25 nomes, entre os quais lemos: Philippe Ariès, Pina Bausch, Samuel Beckett, Henri Bergson, Philip K. Dick, Hans Magnus Enzensberger, Claude Lanzmann, Bia Lessa, Jorge de Lima, Tzvetan Todorov, Mark Twain, Tristan Tzara — pequena mostra do imenso paideuma do qual o poeta se apropria em sua obra.

Se *Traduzir* é um poema que aciona a herança da poesia visual, é também um poema que aciona um tema (objeto, imagem, metáfora), a lua, tão ancestral quanto contemporâneo, e assim, sem citar explicitamente um outro poema ou poeta, cita de uma só vez todos aqueles que, nalgum momento, de alguma forma, lidaram com o signo “lua”. Nesse sentido, lembremos outro poema de Leminski, de *La vie en close*: “celeumas luas/ onde se lê uma/ leiam-se duas”. No poema do curitibano, o engenho de “tripartir” o substantivo “celeuma” em “se lê uma” parece encenar a visão diplópica, enquanto encena também a estrutura de uma errata. Considerando, no entanto, essa vasta tradição de poemas que falam da lua, os poemas de Leminski e de Carlito percebem que uma lua nunca é somente uma lua, nem duas, mas um complexo signo que incorpora história e mito, que movimenta ciência e fantasia, que entrecruza linguagens e repertórios.

Nesse entrecruzamento, é plausível supor que o poema *Traduzir* de Carlito Azevedo (1991), seja uma espécie de resposta à questão final de *Traduzir-se*, de Ferreira Gullar (**Na vertigem do dia**, 1980): “Traduzir uma parte/ na outra parte/ — que é uma questão/ de vida ou morte — / será arte?”. As “duas linguagens diferentes” — uma que é minguante e outra que é crescente, uma que soa e outra destoa (porque ausente), uma lua no céu e outra no papel, uma lua real e outra lua na arte — não são ecos de uma pergunta que, sem solução, ecoa sem cessar? Mesmo indiferente a nossos anseios e fetiche terrenos, a lua é o astro em torno do qual tanta arte, tanta poesia se produz, séculos afora. É lua aqui, lua lá, lua para todo brilho e paladar. **U**

ATÉ O LIMITE

Curiosamente, o poeta Antonio Carlos Secchin queria ser romancista. Aos 14 anos, já tinha dois livros em prosa, um pronto e outro inacabado. “Só depois passei para a poesia. Em geral, é mais frequente o roteiro inverso”, revela o autor de **Ana à esquerda**, livro de narrativas recém-lançado pela Martelo.

Sétimo ocupante da cadeira nº 19 da Academia Brasileira de Letras (ABL), eleito em 2004, Secchin começou a publicar no início dos anos 1970. Além de vasta obra poética, dedicou-se também à reflexão da produção de autores como João Cabral de Melo Neto e Cruz e Sousa.

Com uma vida dedicada aos versos, a poesia continua sendo essencial em sua rotina de leitor. Ele também revela que sente mais prazer na reescrita do que na criação e que uma das coisas que o irritam no meio literário é a “empáfia com que alguns exibem suas certezas sobre como deve ser a ‘verdadeira’ literatura”.

E se pudesse indicar um livro para o novo presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, Secchin indicaria o romance **Viva o povo brasileiro**, de João Ubaldo Ribeiro. “Mesmo que Lula não atravessasse logo o livro todo, pediria que ele ao menos o conservasse por perto.”

• Quando se deu conta de que queria ser escritor?

Muito cedo percebi que não era bom em números, e que podia compensar isso com as letras. Talvez tenha me tornado escritor para fugir da matemática. Aos 14 anos, já dispunha de um romance inconcluso e de outro completo. Só depois passei para a poesia. Em geral, é mais frequente o roteiro inverso.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

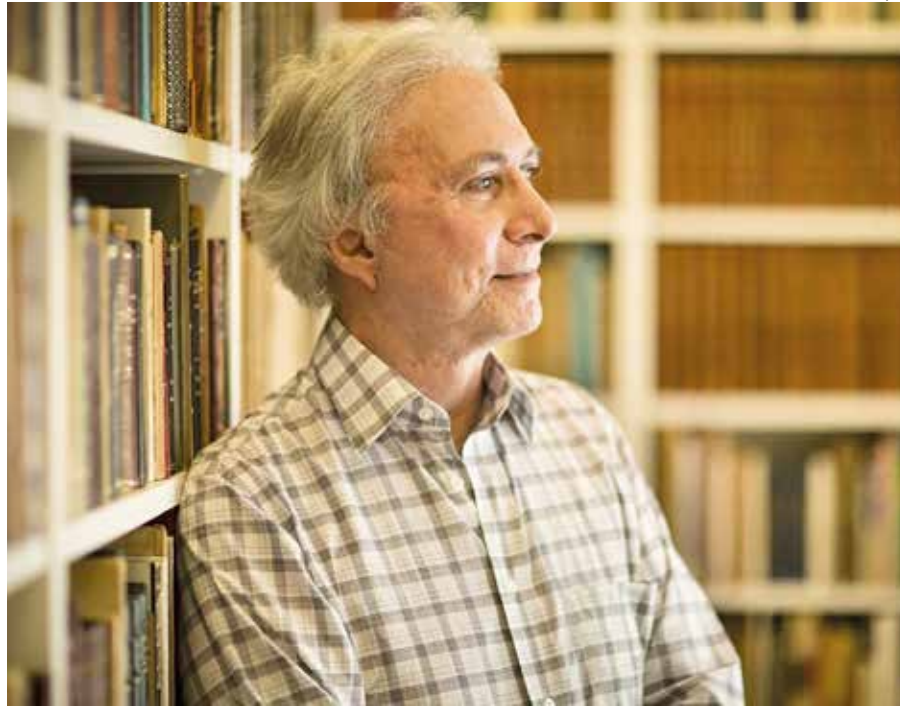
Tenho obsessão pelo ritmo, em prosa ou em verso. Nenhuma frase inimiga da música. Ainda que dissonante, de vez em quando.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Duas leituras, para mim, diárias e inadiáveis: poesia e boletos em véspera de vencimento.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Lula, qual seria?

Primeiro, recomendaria que jogasse fora toda a biblioteca de seu antecessor, constituída, parece, de uma única obra, do coronel Ustra. Depois, mesmo que Lula



REPRODUÇÃO



Ana à esquerda

ANTONIO CARLOS SECCHIN
Martelo
124 págs.

não atravessasse logo o livro todo, pediria que ele ao menos conservasse por perto **Viva o povo brasileiro**, de João Ubaldo.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

A ideal é, paradoxalmente, a mais aflitiva: a pressão do prazo.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Não ter ninguém por perto.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Aquele cujo resultado eu não apago na íntegra no dia seguinte.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

A reescrita. Refazer o escrito, operar em sintonia fina, até o ponto de dizer: não dá mais, estou no meu limite.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

Primeiro, diluir-se na repetição de um estilo alheio. Na sequência, liberto do outro, tornar-se prisioneiro de seu próprio estilo.

• O que mais o incomoda no meio literário?

A empáfia com que alguns exibem suas certezas sobre como deve ser a “verdadeira” literatura.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

No passado, José de Alencar, massacrado por uma cruel, injusta, comparação com Machado de Assis. Alencar, com todos os seus equívocos, foi um grande pensador do Brasil, mas hoje quase ninguém o lê. No presente, a lista seria grande. Os poetas Adriano Espínola, Emmanuel Santiago e Leonardo Antunes, por exemplo.

• Um livro imprescindível e um descartável.

No mundo pré-internet, organizei um **Guia dos sebos** de 14 capitais brasileiras. Para mim, que sou bibliófilo e viajava muito, tratava-se de um livrinho imprescindível, pois continha dentro de si,

potencialmente, 2 milhões de outros livros. Hoje, claro, é exemplo de obra descartável, tornada obsoleta pelo comércio eletrônico.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

A pretensão de “retratar a realidade”, como se a linguagem literária fosse feita de signos transparentes com a função de servir a algo externo a ela.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

A questão, para mim, não é o assunto, mas o tom. Se for panfletário, edificante... estou fora. A literatura é um manual de maus modos.

• Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

A asa esquerda de uma borboleta da Finlândia. Foi a imagem que me ocorreu para representar a alienação a-histórica dos estudos literários na década de 1970, quando cursei a Faculdade de Letras.

• Quando a inspiração não vem...

Respeito a sua ausência. A inspiração deve ter bons motivos para esse sumiço.



A questão, para mim, não é o assunto, mas o tom. Se for panfletário, edificante... estou fora. A literatura é um manual de maus modos.”

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Alguém que topasse rachar a conta. Os figurões só aceitariam o convite para serem censurados. Os secundários, os esquecidos, os não biografados, teriam ótimas histórias para contar. Como o juízo da posteridade não lhes diz respeito, ficariam à vontade para dizer o que quisessem, sem censura.

• O que é um bom leitor?

Todo autor é uma invenção de seu leitor. Bom leitor é aquele que ensina ao autor que ele é bem diverso do que supunha ser.

• O que te dá medo?

Perder a autocrítica. Conviver mal com a decadência, física e mental.

• O que te faz feliz?

Não sou muito exigente. Uma vitória do Botafogo já está de bom tamanho.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

A certeza de que tudo pode ser mais bem dito. A dúvida é se de fato pelo menos consegui chegar perto desse melhor dizer.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Não relaxar na batalha contra o lugar-comum.

• A literatura tem alguma obrigação?

Sim. Reafirmar que não tem obrigação nenhuma.

• Qual o limite da ficção?

A ficção começa quando a realidade se esvai. Isto é, a todo momento. Por isso a ficção é ilimitável e inesgotável.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Responderia: “Serve o vice-líder? Nesse momento o Alckmin está mais disponível”.

• O que você espera da eternidade?

Cito dois versos de um antigo poema: “Tanto faz minha sorte ou meu inferno,/ Não tenho tempo para ser eterno”. ❶

**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

2023: O ANO DO ESPERANÇAR

Há um ano, o título de minha coluna expressava o sentimento de boa parte daqueles que não suportavam mais viver sob o agora ex-mandatário e, ao mesmo tempo, resistiam a ele e sua insistência em submeter a nossa jovem democracia aos lances fascistas de seu desgoverno. Intitulada *2022: o esperançar das tristezas*, a coluna procurou saudar o novo ano que chegava ainda prenhe de sofrimento cívico e pessoal. Estavam em pleno desenvolvimento, e pareciam não ter fim, os horrores que ainda nos atormentam: ataques à democracia, desrespeito aos direitos humanos, impunidade dos corruptores dos cofres públicos e dos usurpadores da cidadania, tudo isso com o incentivo das mais altas autoridades do país. Pior, vislumbrava-se a possibilidade desse horror se perpetuar por mais quatro anos nas eleições que viriam em outubro.

Naquele início de ano, onde tínhamos muitas tristezas acumuladas e poucas perspectivas em superá-las, foi preciso tirar delas a esperança ativa e, consequentemente, a força para se opor ao projeto do tirano. Era preciso também procurar saídas que nos resgatassem as perdas reais, morais e de cidadania que seguíamos sofrendo desde o golpe antidemocrático que destituiu uma presidente eleita e sem culpa de qualquer crime que a levasse ao impedimento de suas funções constitucionais.

Sintetizei no artigo de janeiro de 2022 o que havíamos perdido: “perdemos como **coletividade**, como **nação**, valores simples, daqueles que se esperam entre conhecidos e amigos, entre vizinhos de um mesmo território, algo como a **confiança** de que podemos falar livremente sem riscos de sermos agredidos. Perdemos a **compaixão** com os menos favorecidos pela sociedade desigual, a **empatia** com atingidos pelas enfermidades e pelo desemprego, a **solidariedade** pelos injustiçados, o **respeito** aos direitos humanos”.

Se esses vaticínios de ano novo infelizmente ocorreram em 2022, igualmente se confirmou a força e a presença daqueles movimentos sociais que resistiram e souberam construir saídas no meio do caos fascista. E essa construção não poderia ter melhor desfecho do que a derrota do presidente inominável em outubro, com o triunfo da maioria dos votos populares elegendo o candidato da democracia e dos direitos humanos para a presidência. Escrevi assim há um ano: “A resiliência pulsa, recordemos, e 2022 é a hora de dar consequência a ela expulsando o que nos entristece e recomeçando a reconstruir o que nos foi tirado da política pública”.

O balanço de 2022, apesar de todos os sofrimentos, angústias e percalços, é positivo quando constatamos que soubemos, democraticamente, expulsar o que nos entristece e recomeçar o Brasil pleno de liberdades, de direitos e de deveres pautados pela Constituição, pelas leis e pela busca da harmonia nos territórios coletivos que toda sociedade minimamente organizada conquista.

Portanto, que comece 2023, ano do esperançar freiriano, que necessitará ainda e tanto da resiliência dos ativistas pelos direitos, pela civilidade e pela liberdades democráticas. Não nos iludamos que será fácil a reconquista de um estágio civilizatório que começávamos a consolidar após 30 anos do final da ditadura de 1964. A divisão do país é mais que evidente, e a parcela da sociedade que está sob as ordens ou sob a manipulação subversiva da extrema direita mostra suas garras violentas com atos terroristas que agredem e assassinam brasileiros, interrompem o direito de ir e vir, queimam propriedades e bens públicos, atacam a justiça e a liberdade de expressão e de vinculação a partidos ou às causas emancipatórias.

ONDE ESTÃO OS OLHOS
QUE QUERO VER



Ilustração: Conde Baltazar

Aos ativistas que formam leitores e leitoras em todos os cantos do Brasil caberá uma atividade diuturna e imprescindível: além de não esmorecer na luta pelo direito à leitura para todos e continuar a formar mais e mais leitores e leitoras, é preciso também auxiliar o novo governo Lula a cumprir sua promessa de campanha — mais livros e menos armas. Na coluna de dezembro, já tratei dos caminhos a seguir com a reprodução dos dez pontos que ativistas do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas endereçaram em *Carta aberta ao presidente* e a todos os democratas brasileiros.

Não é necessário repetir o que já foi dito, mas é importante lembrar que se já nos expressamos enquanto ativistas sobre os caminhos, é fundamental que auxiliemos o novo governo sendo vigilantes, participantes e atuantes em todos os aspectos e desdobramentos da regulamentação da lei 13.696/2018, da Política Nacional de Leitura e Escrita/PNLE, e da construção do novo Plano Nacional do Livro e Leitura/PNLL decenal. Empossado o novo presidente e seus ministros/as da Cultura e da Educação, é importante dar consequência às intenções de inclusão de todos e todas à cultura e à educação e criar meios,

mesmo sob dificuldades notórias pelas quais o país passa, de reerguer os programas e ações que formam leitores no país.

Não podemos e não devemos deixar somente aos governos a recordação de que é preciso agir pela leitura e pelo livro, por mais confiança que tenhamos nas lideranças. Caberá sempre à sociedade civil organizada e aos ativistas da cultura e da educação o dever de recordar/reivindicar/cobrar/participar do processo de reconstrução do novo arcabouço do Estado brasileiro e de suas políticas de formar leitores sob os quatro eixos do PNLL, hoje perpetuados na PNLE: democratização do acesso ao livro e à leitura em todos os seus suportes; incentivo e formação de mediadores e mediadoras de leituras; zelo e incremento ao valor simbólico do livro, das leituras, das literaturas e das bibliotecas; apoio e incentivo ao desenvolvimento da economia do livro.

Se nos últimos anos o ativismo foi de total resistência aos ataques fascistas contra o livro e a leitura, evidenciados pela destruição das políticas públicas federais do setor, o próximo quadriênio será do esperançar que não renuncia a se fazer ouvir, de exigir planos, programas, ações e investimentos do Estado para a formação de leitores

em todos os quadrantes do Brasil.

Lembro aos amigos e amigas escritores, editores, livreiros, distribuidores, bibliotecários e trabalhadores em bibliotecas, contadores de histórias, mediadores de leitura, e a todas as associações representativas do setor, que somos excessivamente silenciosos e pouco nos fazemos ouvir pelos governos e pela sociedade, salvo raras e episódicas exceções. É o momento, na retomada democrática representada pela eleição do presidente Lula e por seu ministério plural que representa a sociedade brasileira, que gritemos mais alto as nossas reivindicações e que esses gritos sejam sempre acompanhados da mensagem inequívoca que um Brasil de leitoras e leitores plenos é o mais eficaz instrumento para a emancipação civilizatória de seu povo. E, antes de tudo, é um direito humano.

Se a leitura por si só não transforma o ser humano em um democrata antifascista, é certo que um leitor ou leitora terá instrumentos mais aguçados, na era da super informação e do conhecimento múltiplo, para compreender e rechaçar as investidas das mentiras cotidianas, da violência social, do autoritarismo opressor e do lugar dos direitos e deveres em uma sociedade organizada. **■**

Universo onírico

Carola Saavedra explora diferentes gêneros literários em **O manto da noite**, narrativa sobre identidade e pertencimento

BRUNO INÁCIO | UBERLÂNDIA - MG



CAMILLA LORETA

Caminhar por uma obra de Carola Saavedra é sempre uma delicada surpresa. A consagrada autora de **Flores azuis** (2008) e **Com armas sonolentas** (2018) parece ter construído um universo ficcional próprio, em que múltiplas narrativas se alinham, ainda que seus romances não sejam ligados entre si.

Há em alguns de seus principais personagens a busca por uma autoconsciência tão subjetiva quanto inalcançável. A escritora sabe disso. E, assim, evita soluções prontas ou epifanias transgressoras que só existem em filmes hollywoodianos.

Desde seu primeiro romance, Carola Saavedra não tem medo de arriscar. **Toda terça** (2007) é uma referência na construção de diálogos, enquanto **O inventário das coisas ausentes** (2014) brinca com a metalinguagem ao se dividir em duas partes: *Caderno de anotações e Ficção*.

Agora, após explorar gêneros como o ensaio em **O mundo desdobrável** (2021) e a poesia em **Um quarto é muito pouco** (2022), a autora retorna ao romance em **O manto da noite**.

No entanto, categorizar o novo livro de Carola Saavedra como romance é mera formalidade, até porque, mais do que nunca, a escritora recorre aos múltiplos gêneros literários para romper barreiras imaginárias.

A narrativa abre espaço para a dramaturgia e até esboça uma ficção científica existencialista, tudo isso sem que o fio condutor do enredo seja esquecido. Para tanto, estabelece, desde as primeiras páginas, um clima onírico, responsável por conferir à trama uma dinâmica própria de tempo, espaço e ritmo.

Nessa história em que identidade e ancestralidade se entrelaçam, pessoas desaparecem de uma hora para outra, distâncias imensas são percorridas em instantes e o que foi pode nunca ter sido. Há espaço para diálogos profundos com a Cordilheira e até permissão para que perguntas infantis obscuras sejam feitas (e repetidas) em voz alta.

O clima onírico é um convite para sonhar junto, ideia parecida com a tese defendida pela personagem Nina, de **O inventário das coisas ausentes**, ao explicar por que considera ir acompanhada ao cinema algo muito íntimo: você fica ali no escuro, ao lado da pessoa, os dois em silêncio, é como se você dormisse ao lado dela e sonhasse o mesmo sonho.

E a sensação proporcionada pelas páginas de **O manto da noite** é exatamente essa. É possível experimentar dúvidas e conflitos, encarar o passado e, em determinado momento, se deparar com um sentimento de pertencimento tão intenso e acolhedor quanto o mais sincero dos abraços.

A AUTORA

CAROLA SAAVEDRA

É autora de **Toda terça**, **Flores azuis**, **Paisagem com dromedário**, **O inventário das coisas ausentes**, **Com armas sonolentas**, **O mundo desdobrável** e **Um quarto é muito pouco**. Seus livros já foram traduzidos para o inglês, francês, espanhol e alemão.



O manto da noite

CAROLA SAAVEDRA
Companhia das Letras
156 págs.

América Latina

Esse pertencimento, aliás, não se limita apenas à história contada em primeiro plano, já que também abrange um subtexto tão profundo quanto a trama principal.

Há na prosa ritmada de Carola Saavedra uma história paralela que se mostra pouco a pouco, palavra a palavra. Trata-se de uma mitologia que homenageia povos originários, reforça a potência da América Latina e conclama aquele sentimento de unidade tão caro a pensadores como Lélia Gonzalez, Darcy Ribeiro, Ángel Rama e Eduardo Galeano.

Aqui, em meio a muitos outros méritos, a escritora apresenta um livro que não se encerra em si. Não se trata, obviamente, de uma obra a ser completada por leitores e leitoras, mas sim de um texto que flerta com a complexa história de uma América Latina que — assim como a protagonista — continua a buscar sua própria identidade.

As seis partes

A divisão do livro em seis partes (*Pré-escrito*, *Primeiros anos*, *Cordilheira*, *O diário carioca*, *Caliban à deriva* e *Pós-escrito*) possibilita, além de transições orgânicas, a abordagem mais profunda de certos aspectos desse universo tão bem construído.

Cada parte recorre à sua própria linguagem e faz contribuições necessárias à narrativa, sem a pretensão de apresentar verdades inquestionáveis ou entregar respostas fáceis. Os fragmentos esclarecem um ponto, para, logo em seguida, estabelecer outra dúvida.

Em **O manto da noite**, os personagens ou mesmo a memória, elemento tão pertinente ao enredo, estão distantes da posição endeusada da Certeza. Na quarta parte, por exemplo, há um esquecimento acidental que mais parece um ato falho, ainda que a personagem central não tenha notado isso (ou finge não perceber).

E por falar no tom confessional de *O diário carioca*, o intervalo entre as datas de cada acontecimento narrado serve como complemento à história, ao permitir uma observação privilegiada da relação estabelecida entre a protagonista e seu diário.

São esses intervalos que deixam subentendida a maneira que a personagem se sente em relação ao livro que almeja escrever. As diferentes frequências servem para expressar empolgação, foco em outra atividade, satisfação e, por fim, insegurança.

Também merece destaque a quinta parte do livro, *Caliban à deriva*, uma peça que responde algumas questões, levanta outras e estabelece, de uma vez por todas, os elementos mitológicos dessa aventura que se apresenta como um exemplo bem-sucedido de realismo onírico.

TRECHO

O manto da noite

Eu olho para os meus pais com desconfiança, serão eles mesmos? Talvez aquilo não passe de uma alucinação provocada pelo cansaço, penso. Minha filha, a sua mãe quer te dizer algo. Sim, o que foi? A mulher que diz ser a minha mãe me lança um olhar triste, diz: sinto não ter sido a mãe que você queria ter tido. Eu olho para o trem, quase através dele, a paisagem.

Relações familiares

Há ainda uma oscilação no campo das relações familiares, com momentos de afastamento e desconfiança e outros de pertencimento e segurança. Além dos pais, da avó e do irmão da protagonista, o conceito de família parece se estender à Cordilheira, que em certos momentos ocupa um papel de mãe-ideal, num processo que toma forma a partir da transferência.

A princípio, pode até parecer que os traumas e conflitos mal resolvidos ficarão reservados ao plano de fundo da história, ou que serão confessados apenas à Cordilheira em uma busca desesperada por aprovação. Nem um, nem outro. A autora aborda essas questões por meio de frases soltas, pequenas recusas e lembranças que voltam à tona. Para isso, faz das muitas possibilidades proporcionadas pelo sonho meios para reencontros, conversas e despedidas.

Reencontro com o passado

O manto da noite caminha por muitos terrenos e não se perde em nenhum. Carola Saavedra mais uma vez demonstra originalidade, sensibilidade e um olhar aguçado para questões como identidade, solidão, memória e ancestralidade. Sua narrativa flui e ecoa, abraça e entorpece, aproxima e desorienta.

O romance é uma delicada viagem ao desconhecido e, mais ainda, o reencontro com um passado que pulsa e ressoa dentro e fora dos sonhos. É um grande exemplo de singularidade e subversão às estruturas narrativas convencionais, com toda a delicadeza que pede uma boa obra literária. **U**

O ajuste de contas

Em trama policial muito bem urdida, **O portão do não retorno** expõe as feridas causadas pelo genocídio dos colonizadores na África

HARON GAMAL | RIO DE JANEIRO - RJ



DIVULGAÇÃO

A literatura é capaz de fazer o ajuste de contas em relação às nossas frustrações do dia a dia. Quando não conseguimos resolver nossos problemas com força física ou intelectual, apelamos à literatura. Se alguém nos derrotou num debate ou mesmo nos abateu num confronto físico, que escrevamos um romance. Nele, um dos personagens desempenhará o nosso papel da vida real e, certamente, no âmbito das letras, sairemos vitoriosos, viraremos o jogo, transformando fracasso em vitória. No caso de um debate, nossos conceitos que, de modo geral, foram refutados com sagacidade pelo adversário, mover-se-ão ao avesso por meio de investidas literárias. No romance, seu autor não estará no ardor da discussão, mas no aconchego de um lar, ou na luminosidade de um escritório. Terá então mais tempo e conforto para pensar, poderá consultar compêndios de retórica, que ensinam a arte da vitória. Vivemos num mundo injusto e cheio de perigos, onde os espertos se saem bem, enquanto o homem honesto, trabalhador, estudioso, dedicado, muitas vezes se deixa lograr. A literatura, esta senhora bem-vestida, elegante, mulher de formas harmoniosas, inteligente e ainda com certo frescor, surge então ao nosso socorro.

Outro dia, vendo uma matéria na TV, reparei jovens praticando *slam*, um espaço livre para se falar o que quiser, muitas vezes marcado pela rima, pela poesia. Cada autor adiantava-se e recitava o seu texto, decorado, com floreios, todos deixavam o seu recado.

O evento era quadro de uma feira literária de periferia, realizada no Rio de Janeiro. Um daqueles jovens, na entrevista à repórter de TV, disse que, de início, temeu a literatura. Era ela constituída por textos de difícil acesso, como poemas clássicos e livros eruditos. Mas, depois, concluiu que não era bem assim. Encontrou jovens como ele e reparou que faziam uma espécie de literatura marginal. Salvaram-se todos. Seus poemas transmitiam sentimento de revolta, eram contra a opressão, contra o racismo, contra a homofobia etc.

A partir desses exemplos, entende-se que a literatura estará sempre disposta a quem dela precisar, venha a injustiça de qualquer lugar. O romance **O portão do não retorno**, de A. J. Barros, inscreve-se nesta filiação. Através de uma trama policial muito bem urdida, o autor expõe as feridas do genocídio empreendido pelos colonizadores às populações africanas. No início, temos a seguinte nota do autor:

Nas minhas viagens pela África, fui descobrindo lugares históricos e cheios de simbolismo que me motivaram a registrar em um livro essas observações. Não quis, no entanto, me limitar a uma descrição didática, e me ocorreu criar um enredo que motivasse a leitura e desse ao leitor a oportunidade de conhecer melhor a riqueza daquele sofrido continente. [...] Quando se estuda a escravidão, a pergunta que fica sem resposta é: como um genocídio que sacrificou mais de cem milhões de seres humanos, com requintes de crueldade, pode ter caído no esquecimento?

O AUTOR

ADHEMAR JOÃO DE BARROS

Foi funcionário do Ministério da Fazenda (Receita Federal), onde desempenhou várias funções antes de se dedicar à literatura. Escreveu dois livros de sucesso: **O conceito zero** e **O enigma de Compostela**. Tem uma característica própria: sempre vai ao local da ação, para observar a região e a sociedade, obtendo assim uma noção realista do que vai escrever. Com isso, já viajou por mais de 170 países.



O portão do não retorno

A. J. BARROS
Geração Editorial
361 págs.

Então, A. J. Barros vai tentar responder a esta pergunta.

A narrativa é dividida em vários livros, que são estruturados em capítulos, cada um desenvolvendo de certa forma, a viagem que Maurício, o personagem principal, empreende através de vários países, dando ênfase à África. A história começa com um assassinato na Irmandade dos homens pretos, uma associação com sede em São Paulo. Um amigo do protagonista, que detém um determinado segredo, é morto por pessoas desconhecidas. A vítima deixa algumas dicas ao amigo. Este parte com o objetivo de resolver o enigma. A partir daí, segue-se uma trama de romance policial, com vários personagens típicos e situações clichês, que envolvem muitos perigos. Maurício vai aos Estados Unidos, mais precisamente a Chicago, em busca de um famoso professor universitário. Deste ponto em diante, com a ocorrência de vários atentados e outras mortes, empreenderá um périplo por vários países africanos.

Estofo cultural

O pano de fundo do livro é a exposição de várias etnias e/ou antigas civilizações africanas, mostrando a superioridade e o esplendor de muitas delas. Cada país em que Maurício visita, o narrador nos presenteia com a história local, com um estofo cultural desconhecido para a maior parte dos leitores.

Dentro do âmbito da narrativa policial, há o personagem que não é um detetive profissional, mas maneja a investigação com sorte e com pessoas que aparecem inesperadamente para ajudá-lo. Aqueles que são realmente policiais acabam tornando-se coadjuvante na mão deste homem que sai a campo, percorrendo todos os locais possíveis, para completar a profecia sob a qual está submetido e revelar o segredo do enigma inicial.

O autor, que já vem de outros romances em que desenvolve o gênero fantasia, mostra-se competente neste seu novo livro, o que se pode questionar é o caráter exageradamente fantasioso de certas situações geopolíticas, todas utilizadas como recursos de argumentação. Há diálogos que envolvem o presidente dos Estados Unidos, personalidades de outros países, explosões, e mesmo um começo de guerra nuclear. Para a revelação do segredo, descoberto por este exímio investigador, vale quase o fim de todas as civilizações e também o fim do mundo.

A linguagem é leve, permitindo ao leitor avançar sem maiores obstáculos. As tramas são bem amarradas e a narrativa consegue manter a curiosidade sobre o que está por vir.

Questões como a negritude e a dívida dos países ocidentais com as nações africanas são discutidas longamente no livro, deixando entrever que se trata de algo praticamente impagável.

Volto, então, ao que disse no início. Trata-se da literatura vindo em socorro de uma causa. No entanto, o excesso de peripécias, de perigos que os personagens enfrentam, a quantidade de vítimas e um tipo de impossibilidade final nos levam a crer que o autor se municiou de alta dose de ironia. Talvez seu objetivo seja mostrar que se trata de uma causa — nos moldes em que se apresenta no enredo — quase impossível de ser resolvida. Entretanto, como diz na nota inicial, mais vale um romance do que uma explanação didática. No romance, são livres autor e leitores. E ninguém é dono da verdade. 📖

TRECHO

O portão do não retorno

Antes cômicas do seu poderio bélico e tecnológico, as grandes potências estavam agora humilhadas e humildes. Embora fosse a mais chocante e ultrajante de todas as projeções, com aquela humilhação da rainha aos pés do rei negro, outras projeções se espalharam pela Europa e Estados Unidos, exigindo a devolução de todos os tesouros africanos, como o busto de Nefertiti, a esposa de Aquenaton, guardada no Neues Museum, em Berlim...

rascunho recomenda

Em **O guardião de nomes**, personagens e narrativas estão intrincados em uma elaborada trama, que tem o ato de nomear como o centro dos acontecimentos. O barão Álvares Corrêa está exultante por descobrir que a esposa aguarda um sétimo filho, e avalia o melhor nome para a criança, certo de que se trata da última gestação. Senhor de vasta propriedade, faz questão de dar nome a tudo que germina em suas terras: batiza os potros e bezerras, os filhos dos empregados, rearranja os sobrenomes das famílias que se mudam para a região. Com os seis primeiros filhos, não foi diferente. O nome do sétimo filho é a assinatura em sua obra: está decidido a acertar na escolha da palavra e na criação do menino. A esposa, contudo, tem outros planos. Por conta de um sonho profético, defende que a criança se chame Antônio, que é o mesmo nome de um antigo pretendente, com quem quase se casou. Mês após mês, a gravidez será marcada pela disputa do casal em torno do nome, ele empilhando argumentos, ela resistindo.



O guardião de nomes

LEONARDO GARZARO
Rua do Sabão
476 págs.

Neste romance do colaborador do **Rascunho** Haron Gamal, o narrador passeia pelas ruas do Rio de Janeiro e de Paris, enquanto discute com seus amigos e recém-conhecidos sobre a possibilidade de haver uma fórmula infalível para o convencimento. Em meio à leitura de autores do passado, do presente e da vivência cotidiana na qual nos insere de forma quase viva, suas reflexões se desdobram da literatura para a filosofia, transitando de uma possível função desta arte feita de palavras à plena beleza. Voltando-se novamente sobre a realidade, o narrador insinua que o próprio livro em nossas mãos fornece a experiência necessária para tal empreitada.



Sophie e os cervos

HARON GAMAL
Cajuína
304 págs.



DIVULGAÇÃO

As personagens das 18 histórias desta coletânea de contos transitam entre a infância e a vida adulta. Crianças que lutam para atravessar o cinismo dos mais velhos, e estes últimos, por fim, em uma batalha para recuperar alguma inocência. O espaço narrativo é o Oeste catarinense, lugar onde a autora foi criada. As narrativas se desenvolvem em cidades como Palmitos, Tigrinhos, Flor do Sertão, Chapecó e Maravilha. O livro traz histórias familiares e apresenta vidas que nunca foram atravessadas pelo urbano, pela celeridade de uma grande cidade ou pelos códigos mercadológicos das grandes metrópoles.



Marinheira de açude

MICHELLI PROVENSI
Reformatório
112 págs.

Em **Heresia**, a consagrada autora Betty Milan aborda o tema da morte assistida e questiona até que ponto é legítimo o prolongamento da vida pela ciência e de uma existência orgânica na qual a memória e a própria subjetividade já se extinguíram. Autobiográfico, o livro trata da morte da mãe da autora, com Alzheimer, e do prolongamento de sua vida em decorrência da proibição cultural, e legal, de buscar a morte assistida. Manuel da Costa Pinto, na orelha do livro, escreve: “Essa tensão entre o real e o ficcional se torna ainda mais aguda quando aquilo que é representado toca o nervo exposto de dilemas éticos e emocionais — como neste romance de Betty Milan”.



Heresia

BETTY MILAN
Record
112 págs.



Cura-me, senhor

IVANA ARRUDA LEITE
Abarca
142 págs.

Em seu novo livros de contos, Ivana Arruda Leite traz narrativas dos milagres de Jesus Cristo intercaladas pelas desventuras, nada sagradas, de uma mulher que apesar dos tombos, nunca perde a fé — ou quase nunca. São episódios que se confundem com a própria biografia da autora em um testemunho sincero de vida pessoal e espiritual. Sem deixar de destilar seu humor arguto e irônico, tão característico, Ivana oferece um livro com histórias que atravessam tempo e espaço, trazendo a religiosidade para o centro do debate. Autora de livros infantis e infantojuvenis, Ivana também publicou livros de poemas e os romance **Hotel Novo Mundo**, **Alameda Santos** e **Breve passeio pela história do homem**. O livro traz texto de apresentação de Marcelino Freire, em que o pernambucano destaca a produção da autora. “Pela volta de Ivana Arruda Leite à publicação. Ave nossa! Fazia tempo. Um pecado essa demora. Sem explicação. Uma autora feito ela, a meu ver. No mesmo altar em que ponho Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Andréa Del Fuego, Jarid Arraes, Maria José Silveira.”



O drible da vaca

MÁRIO PRATA
Record
384 págs.

Há algum tempo vem caindo por terra o clichê de que não há em nossa literatura bons livros de ficção sobre futebol. O mais recente romance do mineiro Mário Prata ajuda a enterrar de vez essa premissa. Entre o real e o imaginário, mesclando personagens históricos e fictícios, Mário Prata transporta o leitor para a Universidade de Cambridge, na Inglaterra de 1859, usando como narrador um tal John H. Watson — ainda apenas um professor de Educação Física, mas que anos depois ficaria mundialmente conhecido como o futuro parceiro de Sherlock Holmes. Revelando detalhes sobre os primórdios do futebol que nem os britânicos conhecem, e turbinando-os com privilegiado senso de humor, **O drible da vaca** combina imaginação livre e pesquisa profunda, inspiração e transpiração de um dos autores brasileiros mais destacados. O livro também marca os 60 anos de carreira do escritor, que desde muito cedo transitou pelo jornalismo, pelo teatro, pela televisão, pelo cinema e, claro, pela literatura.

Publicado apenas em folhetim em 1882, **O mameluco**, romance de Amélia Rodrigues (1861-1926), ganha uma primeira edição em livro pela paraLeLo13S. Apresentado pela doutora em Literatura e Cultura Brasileira Milena Britto, que assina também um ensaio sobre a obra no mesmo volume, a narrativa é ambientada em uma fazenda do Recôncavo baiano. O livro situa as discussões raciais da época e traz a mestiçagem brasileira para um debate aprofundado, além de jogar luz na violência que foi a Guerra do Paraguai, pano de fundo para o romance.



O mameluco

AMÉLIA RODRIGUES
Boto-cor-de-rosa e para-LeLo13S
220 págs.

Duas vezes vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura, Ana Paula Maia realiza um misto de romance de aventura e narrativa psicológica em **De cada quinhentos uma alma**. O protagonista é Edgar Wilson, que trabalha recolhendo animais mortos. Ele é responsável por levar as carcaças até um grande depósito, onde um triturador dizima os despojos. Contudo, quando o país entra em colapso e começa a enfrentar situações cada vez mais inusitadas, ele acaba usando seu conhecimento para tentar dar sentido ao caos e encontrar uma forma de sobreviver à barbárie.



De cada quinhentos uma alma

ANA PAULA MAIA
Companhia das Letras
112 págs.

MINISTÉRIO
DO TURISMO
APRESENTA

paiol
LITERÁRIO



palco de grandes ideias



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Natalia Borges Polessso

No segundo encontro da 11ª edição do Paiol Literário, a gaúcha Natalia Borges Polessso conversou sobre sua carreira com o escritor e editor do *Rascunho*, Rogério Pereira, em um bate-papo transmitido ao vivo pelo canal do projeto no YouTube.

Nascida em Bento Gonçalves, no interior do Rio Grande do Sul, Natalia ficou conhecida nacionalmente após a publicação de seu terceiro livro, a coletânea de contos *Amora*, em que personagens gays são perpassadas pelas mais diferentes questões existenciais. O livro venceu o prêmio Jabuti em 2016 e deu maior visibilidade à autora, que viajou pelo Brasil e por diversos países para divulgar a obra.

No entanto, a perspectiva gay de seus livros, explica a autora, não serve como um elemento limitador de suas histórias. “Não escrevi especificamente a respeito de lésbicas, escrevi várias coisas atravessadas por essa questão”, diz. “Tomo uma decisão consciente, que é sempre levar pessoas não binárias, mulheres lésbicas, transexuais, bissexuais para a literatura para que elas falem sobre o que quiserem e não só sobre sexualidade.”

Natalia escreveu ainda outros dois livros bastante elogiados pela crítica e que angariaram muitos leitores: os romances *Controle* (inspirado em letras da banda inglesa New Order) e *A extinção das abelhas*, que figurou entre os cinco finalistas da mais recente edição do prêmio Jabuti.

A autora, que desde 2007 lançou sete livros, atualmente prepara uma nova coletânea de contos. Durante o Paiol, ela falou mais sobre seu processo criativo e comentou questões da realidade brasileira, como os anos difíceis passados recentemente por conta da pandemia de covid-19, o governo Bolsonaro e as expectativas para o futuro com uma nova gestão no país.

• Por que ler

Para mim a literatura sempre foi uma coisa tão corriqueira, que nunca parei para pensar na importância dela. Não consigo imaginar minha vida apartada das letras, sem produzir e consumir literatura. Porque isso me ajuda, de algum modo, a formar minha visão de mundo, o que penso sobre as coisas, sobre as pessoas. A literatura serve para isso. Mas claro que serve para fruir também, se divertir e tal. Tem esse exercício de olhar para o mundo por meio de outros olhos. Para mim isso é o mais importante.

• Formação

Não fui uma criança e uma adolescente que lia tanto. Mas não era por não gostar de literatura, e sim por conta do acesso aos livros. Minha casa não era uma casa com livros circulando. Minha família é de não leitores. Eu tinha — bizarramente — uma enciclopédia médica em casa, mas ninguém da família era da área da saúde. Lembro de três coisas muito marcantes em minha vida relacionadas à literatura. Uma delas é que morei um pedaço da minha infância com minha avó e com meu avô, enquanto meus pais se mudaram para outra cidade. Nesse período, minha avó toda noite me contava uns causos, porque ela é do interior de Vacaria, no Rio Grande do Sul. Coisas sobre a vida no campo, correr das vacas, etc. E eu achava aquilo fascinante. Esse foi o meu primeiro contado com uma história, aí me dei conta do que era contar uma história.

• Mudança

Depois me mudei para Campo Bom, cidade na qual meus pais foram morar. E a biblioteca da escola era fechada aos alunos, você tinha que dizer o título que queria na porta e a bibliotecária te passava o livro. Então eu não sabia que livros existiam lá. Por algum tempo, a biblioteca foi assim e líamos obras indicadas pela professora ou por colegas... E eu não me interessava muito por aquela literatura da biblioteca.



DIVULGAÇÃO

• Drummond

Até que um dia foi parar lá em casa um livro com uma capa azul, que não tinha título, porque o livro se despedaçou e alguém fez uma capa nova para ele. E era uma coletânea de poemas, que trazia um poema do Carlos Drummond de Andrade, *Lira do amor romântico ou a eterna repetição*. Quando li esse texto, acho que foi a primeira vez que tive vontade de escrever. Eu estava na quinta série e pensei que talvez pudesse escrever algo parecido.

• Veríssimo

Depois, quando abriram a biblioteca para os alunos, o primeiro livro adulto que li foi *Incidente em Antares*, do Erico Veríssimo. E para mim foi uma mudança de paradigma ter encontrado esse livro. Aquela primeira parte superviolenta, com brigas familiares, vinganças. Fiquei meio assustada. Já a segunda parte, com os mortos no coreto, achei mais legal. Todos esses primeiros eventos me marcaram bastante. Fui começar a ler mais quando frequentava a biblioteca pública e, principalmente, quando entrei na faculdade, porque tinha acesso mais direto aos livros, com professores fazendo indicações.

• Letras

Entre com 17 anos na faculdade de Letras. Mas antes queria muito ser médica ou fazer educação física. Só que duas coisas me impediram: medicina, eu sabia que era um curso muito caro e não teria como ir para uma capital para fazer o curso em uma federal. E também não posso ver sangue porque desmaio. E a educação física, queria fazer porque gostava muito de esporte. Só que nasci com um problema cardíaco — e acabei fazendo cirurgia só depois de adulta. Minha terceira opção era o curso de letras, mas não por conta da literatura, mas porque eu gostava muito de inglês. E pensava que indo fazer o curso, poderia ser professora de inglês — o que fui por muitos anos e ainda hoje traduzo por conta da faculdade. E é engraçado, porque minhas melhores notas eram em literatura. Não eram em português.

próximo encontro
10/janeiro
19h30
Carol Bensimon

• Na universidade

Sempre fui muito curiosa em relação aos livros. E também já gostava de escrever antes de entrar na faculdade. Ensaiaava uns poeminhas em cadernos, algumas histórias. Mas nunca imaginei que isso pudesse virar uma profissão. Isso foi uma coisa mais recente até. Sempre imaginava que iria escrever algumas coisas que talvez seriam publicadas — ou não. A relação com a literatura mudou sim na faculdade, mesmo sendo uma formação bastante clássica, no sentido de ser eurocentrada, masculina e branca, acho que foi também um modo de aproximação e leitura de autores de quem tinha curiosidade de conhecer. Por exemplo: fiquei muito marcada por **Orlando**, da Virginia Woolf. Lembro até hoje eu indo para a faculdade, no frio em Caxias do Sul, e lendo no romance aquela cena da neve. Então, tinha uma curiosidade de leitora que foi nutrida pela universidade. Tanto é que trabalhei com linguística e fui para a teoria crítica feminista no mestrado.

• Profissão

Sempre fico na dúvida do que escrever quando pedem para eu identificar minha profissão: escritora, tradutora, pesquisadora, etc. Mas quando casei, no cartório coloquei escritora, na certidão de casamento. Sempre tive um pouco de dúvida quanto a isso... até porque escritor que vive da escrita é uma coisa um pouco recente. E digo até em relação à construção social dos escritores. Pegando como exemplo aquele trabalho da professora Regina Dalcastagnè, que faz um levantamento do perfil dos escritores e personagens da literatura brasileira: 72% são héteros, brancos, moram nas grandes cidades e têm profissões estáveis, como jornalista, médico, advogado, etc. Então, acho que tem uma abertura de campo mesmo, em que outras pessoas começaram a participar desse metiê. Começou a pluralizar, com mais editoras, mais editais e a profissão começa a ficar visível aos nossos olhos mais romantizados.

• Início da carreira

Terminei a graduação em 2007. Naquele ano estava escrevendo algumas coisas, estava instigada com as leituras da faculdade. Nos intervalos, escrevia contos, anotava ideias, ia criando algumas imagens que achava interessantes para depois usar em algumas histórias. Aí mandei esses contos para um concurso lá de Caxias do Sul, ganhei e foram parar em uma coletânea. Depois disso, em 2010, fiquei sabendo que existia um projeto chamado Financiarte. Era um edital em que as pessoas ganhavam dinheiro para publicar seus livros ou viabilizar projetos de música, dança, etc. Um amigo havia publicado um livro pelo edital e achei aquilo muito interessante. Em 2012, inscrevi o **Recortes para álbum de fotografia sem gente**, meu primeiro livro, publicado em 2013. Então, pensar nisso mais profissionalmente foi por causa de um *ethos* mesmo, de coisas que aconteciam ali na cidade, que eu podia ver. Eu também fazia algumas oficinas de escrita com o pessoal das Letras, e aquilo foi me interessando.

• Publicação

E vejo que hoje é muito mais fácil de publicar do que há dez anos, quando eu quis publicar o **Recortes**. E eu, na minha ingenuidade, mandei esse livro para a Companhia das Letras, pensando que eles pudessem querer publicar. Para minha surpresa, eles me responderam com uma cartinha bem querida, dizendo que não publicariam porque já estavam com a grade cheia...

• Movimento da literatura

Hoje em dia é desesperador para um leitor acompanhar o que está acontecendo. É muito livro sendo publicado. Fiz doutorado na PUC, e lá aumentou muito o número de alunos de graduação em escrita criativa. Isso é um sintoma dessa ideia de profissionalização.



Tomo uma decisão consciente, que é sempre levar pessoas não binárias, mulheres lésbicas, transexuais, bissexuais para a literatura para que elas falem sobre o que quiserem e não só sobre sexualidade.”



O processo literário é isso, essa busca por esse tesouro, as coisas que quero falar, mostrar, são esses os meus desejos estéticos, são esses os meus desejos políticos, porque também há esse atravessamento.”

• Não é só escrever

Sei que a literatura não se faz exatamente no pós, mas gosto muito disso [de divulgar os livros], porque vamos aprendendo a falar sobre o nosso trabalho. Não acho que seja em vão. Às vezes, confesso, é cansativo. Muitas vezes estou cansada, mas assumi um compromisso e preciso divulgar um evento. Acho antipático não divulgar. Preciso ir lá, fazer stories ou post no Instagram, falar com as pessoas. Porque, afinal, eu me comprometi a estar em um lugar pra conversar, então vou divulgar. Porque hoje a gente, além de escritora, passa a ser também administradora do tempo, divulgadora, pensando nas redes sociais. E claro que muda você estar em uma grande editora ou em uma editora não tão grande, como a Dublinense, mas que tem uma distribuição bastante boa. Mas, mesmo assim, independentemente de estar em uma grande ou pequena editora, hoje o autor tem esse trabalho de estar presente *online* para fazer a divulgação de seus trabalhos.

• Método de trabalho

Eu demoro para escrever. Acho que nenhum dos meus livros escrevi em menos de um ano, sempre levei uns dois anos para concluí-los. E os romances são mais demorados ainda. Trabalho em um horário em que as pessoas não estão nas redes sociais. Acordo muito cedo. Agora, estou escrevendo um novo livro de contos. São coisas que eu já havia escrito. Mas preciso dar a esse material uma unidade. Então estou acordando todos os dias às 5h, 5h30, faço meu cafezinho, arrumo as coisas prosaicas da casa, e sento para escrever até a metade da manhã. Mas preciso me organizar muito para que eu tenha esse espaço. Porque, em geral, escrevo quando dá. Porque sempre tenho muito trabalho.

• Dupla jornada

Publiquei todos os meus livros enquanto estava no mestrado, no doutorado e no pós-doutorado. Sempre trabalhei com a pesquisa junto. **A extinção das abelhas**, por exemplo, foi um livro que comecei em 2016. Quando fui contatada pela Companhia das Letras, mandei esse livro, mas foi negado porque ainda estava muito incipiente. Eles então perguntaram se eu não tinha outro material. Aí mandei o **Controle**. Minha vida gira em torno da escrita, porque ou estou traduzindo, pesquisando ou escrevendo artigo... Por exemplo, agora tenho esse livro de contos para entregar, mas também estou escrevendo outros dois. Mas tem um momento

da escolha. Comecei **A extinção das abelhas** em 2016. Mas ele começou a tomar forma em 2019 e eu o terminei no início de 2020. E naquele ano, organizei minha vida para trabalhar todas as manhãs em **A extinção das abelhas**. Estava fazendo pós-doc. E acho que é isso que faz a diferença, quando você já tem um material para trabalhar. Que é o que está acontecendo agora com o meu livro de contos. Tenho um contrato, então estou com a cabeça nessas histórias.

• Outros livros

E agora, nos últimos meses, até troquei de projeto. Estou escrevendo **Corpos secos 2**, porque há prazo para entregar. Também estava escrevendo um livro chamado **Penélope obscura**, desde a pandemia, sobre sonhos, uma espécie de thriller psicológico, mas aí veio a sequência da campanha eleitoral e fiquei muito mal, não tive condições de escrever um livro que tinha assassinato, desaparecimento, etc. Então pensei, vou pegar meu projeto de contos, pois são histórias mais sobre sentimentos e utopias. E estou desde a metade de 2022 concentrada em terminar esse livro.

• Amora

A presença de personagens homossexuais no **Amora** foi um elemento fundamental para eu pensar para onde queria levar os contos. Porque há vários temas. A questão é que todos os temas do livro são apresentados por protagonistas lésbicas. Por exemplo, em um dos contos, a relação lésbica que se coloca é da avó e da neta se descobrindo. *As tias* também traz a questão da finitude, da morte. Porque esse corpo, esse indivíduo, essa lésbica, vai ser atravessada por outros tipos de problema.

• Protagonistas

Quando pensei em escrever o **Amora**, decidi colocar todas as protagonistas lésbicas para ver para onde as histórias me levavam. E olha como o pós é importante às vezes. Quando terminei de escrever o livro, uma professora me perguntou: agora você já escreveu sobre lésbicas, então não pode mais se repetir. Vai escrever sobre o quê? Aí eu pensei, cara, mas não escrevi especificamente a respeito de lésbicas, escrevi várias coisas atravessadas por essa questão. Aí tomo uma decisão consciente, que é sempre levar pessoas não binárias, mulheres lésbicas, transexuais, bissexuais para a literatura para que elas falem sobre o que quiserem e não só sobre sexualidade. Que as histórias não orbitem apenas na sexualidade dessas personagens, mas que isso seja um elemento que cria algum tipo de estabilidade nas narrativas. E para mim isso tem funcionado, assim como isso funciona para o Samir Machado de Machado, que tomou a mesma decisão. Com uma diferença, ele não mata suas personagens gays, que sempre vivem em suas histórias.

• Questões

Trabalho muito com questões. No **Recortes**, minha questão era estética. Queria criar imagens, explorar tensões imagéticas. Tanto é que o **Recortes** não tem muitas histórias marcantes. É quase poesia. O **Amora** e o **Controle**, que foram escritos na mesma época, têm a preocupação de desenvolver personagens lésbicas, bissexuais, LGBTQIA+ multifacetadas. Por exemplo, no **Controle**, tem a Nanda e ela é epilética também, mora em uma cidade do interior e cresceu nos anos 1990. Então queria trabalhar com isso, como fiz no **Amora**, só que com mais fôlego, em um romance. Já em **A extinção das abelhas** as questões são outras, que dizem respeito ao colapso do mundo, de como a gente está vivendo em sociedade, como estamos apartados da natureza. Então o processo literário é isso, essa busca por esse tesouro, as coisas que quero falar, mostrar, são esses os meus desejos estéticos, são esses os meus desejos políticos, porque também há esse atravessamento.

• LGBT

A representatividade LGBT na minha obra tem mais a ver com a decisão que tomei de trazer essas personagens para diversos tipos de situações. Jamais quero ser a pessoa que tenta dar cabo, fa-



DIVULGAÇÃO



Amora

NATALIA BORGES POLESSO
Dublinense
256 págs.



A extinção das abelhas

NATALIA BORGES POLESSO
Companhia das Letras
308 págs.

zer algo que seja completo em termos de representatividade, acho que isso é um projeto furado. Mas sempre vou tentar colocar essas personagens porque elas fazem parte do meu modo de ver o mundo. E também são uma aposta estética para os problemas que quero criar nas narrativas que estou propondo. A representatividade você tem que pensar mesmo de fora. Como os críticos e os leitores vão ver isso.

• Literatura é branca

Lembro até hoje da primeira Flip de que participei, quando encontrei a Conceição Evaristo. Ela havia sido jurada do Jabuti e elogiou muito o **Amora**. Mas ela me perguntou se eu tinha a intenção de ter colocado alguma personagem negra no livro. Falei que minhas personagens não tinham nenhuma descrição física muito detalhada porque eu queria que os leitores pudessem imaginar o que quisessem. Aí ela falou para mim, mas você sabe que a leitura é branca. Assim como você fez questão de colocar personagens lésbicas, porque a leitura é hétero, a leitura também é branca. Aí fiquei com isso na cabeça. Depois do **Amora**, sempre tento também contemplar outras questões.

• Criação de contos

Para mim, tudo começa nas personagens. É algo importantíssimo, quem está no centro da história? Não precisa nem pensar no narrador, mas acho que o narrador é um segundo ponto que precisa imaginar — e tentar se distanciar para compor esse narrador, quem está contando a história, de qual ponto de vista. Calcular todas essas questões ajuda talvez em trabalhos um pouco mais complexos. E talvez isso não possa ser feito sozi-

nho. Gosto muito das oficinas de escrita e acho que são lugares em que podemos experimentar, ouvir uma pessoa que está ali para te orientar e você pode compartilhar tudo com os outros alunos. As oficinas são interessantes nesse sentido, porque a gente consegue conversar um pouco sobre os nossos processos e às vezes soluciona dúvidas.

• Prêmios

Antes do **Amora**, eu tinha o **Recortes para álbum de fotografia sem gente**. Depois ele foi para a Dublinense, mas antes foi publicado por uma editora muito pequeninha que tinha distribuição só na minha cidade e em algumas livrarias de Porto Alegre. E ele ganhou o Açorianos, que é um prêmio do Rio Grande do Sul. E isso já mudou um pouco a dinâmica do interesse das pessoas pelo livro e também do interesse por mim enquanto escritora. Eu estava na PUC fazendo doutorado quando publiquei o **Recortes**. E circulava bastante com o pessoal de escrita criativa, apesar de ser de outra área. Mas quando publiquei e ganhei um prêmio, acabei ficando em uma vitrine. Quando você ganha um prêmio as coisas mudam, sim. Primeiro porque você tem o reconhecimento dos seus pares. O Jabuti, por exemplo, é o prêmio de mais prestígio no Brasil, as pessoas param para ver quem ganhou o Jabuti, vão buscar os livros finalistas.

• A extinção das abelhas

Agora, com **A extinção das abelhas**, que esteve entre os cinco finalistas do Jabuti, teve muita gente que veio me procurar e até mesmo postar nas redes sociais que estava lendo o romance. Um prêmio acaba mudando o caminho do livro.

Acompanhe
no canal do
YouTube do
Paio Literário



Jamais quero ser a pessoa que tenta dar cabo, fazer algo que seja completo em termos de representatividade, acho que isso é um projeto furado.”

• Viajando com Amora

O **Amora** já tinha uma vida mesmo antes de ganhar o Jabuti e o Açorianos. Mas depois que ganhou os prêmios, foi uma coisa muito doida, porque teve a tradução para o inglês, com publicação nos Estados Unidos e Inglaterra, rolaram vários convites também. Nunca fui uma pessoa que teve grana para viajar para um monte de lugares, e por conta do **Amora** eu viajei muito, fui para vários lugares do Brasil que não imaginei que iria. Ele também é um livro que circula muito na academia. Há vários trabalhos a respeito, TCC, trabalhos de mestrado e doutorado. Visitei muitas universidades no Brasil. Teve também o Bogotá 39, uma lista com os escritores mais destacados da América Latina com menos de 39 anos. Por conta disso, acabei viajando quase que pela América Latina inteira. A literatura me fez literalmente viajar. Fui para a China por causa do **Amora**. Ele mudou minha vida. Mas, claro, havia momentos em que eu estava pensando no aluguel do meu apartamento enquanto estava na China hospedada em um hotel de luxo. Não tinha cachê, mas tinha passagem, hospedagem e a experiência... Mas o dinheiro do aluguel eu não tinha.

• Recepção crítica

O **Amora** não teve muita recepção crítica nos grandes veículos do Brasil. Mas teve críticas muito boas nos veículos dos Estados Unidos e da Inglaterra. E uma coisa muito legal é que fui convidada para participar de um clube de leitura que se chama “One book one Bronx”. Um clube de leitura do Bronx, quase 50 pessoas participando, a maioria negras e mais velhas. Então fiquei imaginando como isso ia bater: um livro que é a cara dos anos 2000, escrito por uma guria do interior do Rio Grande do Sul, lido por habitantes de uma grande metrópole em que os movimentos sociais e o movimento LGBT aconteceram muito antes de chegar lá em Campo Bom, onde me constituí como ser humano. Mas sabe que as pessoas se sentiram profundamente identificadas. Elas se sentiram compartilhando daqueles problemas narrados no livro.

• Presença da universidade

E teve uma coisa que me chamou a atenção, que nunca haviam comentado no Brasil. Alguém falou: “Nossa, tem muito universitário no seu livro. Explica pra nós por que tanto aluno e professor”. E aí fiquei pensando e contabilizando as pessoas do livro que estavam na faculdade e realmente era verdade. E isso tem muito a ver comigo. Fui fruto dessa abertura da universidade, da possibilidade de muitas pessoas estarem lá, com bolsas. Vivi isso. Entrei na graduação em 1999 e saí em 2007, justamente porque ainda não haviam bolsas boas. Mas acho que a minha vida foi muito marcada por esse processo e talvez eu não estivesse aqui hoje como escritora e pesquisadora.

• Preconceito

Quería escrever um livro em que as personagens existissem e que eu não tinha visto ainda na literatura. Meu desejo era esse. E as pessoas também estavam desejosas de ler esses personagens. E talvez eles fizeram disso uma bandeira. O que recebi de mensagens de pessoas que leram e se identificaram, de filho que deu para a mãe, de mãe que deu para o filho, de mulher que deu para o esposo por conta do filho, ou de psicólogo que indicou para paciente. Isso é uma forma de fazer da literatura um instrumento para pensar o mundo e como a gente pode ser e se relacionar.

• Pandemia

Comecei a escrever **A extinção das abelhas** em 2016 e o entreguei à editora antes da pandemia porque ia viajar com minha mãe. E aí veio a pandemia e a gente teve que voltar correndo. O livro ficou parado na editora uns seis meses. Quando passou um tempo, pedi o livro de volta para fazer algumas inserções sobre a pandemia. E aí me dei conta de como a derrocada, a destruição de tudo, já vinha de antes. Tivemos esses movimentos profascistas, com as manifestações de 2013 pelo passe livre, em que surgiram as bandeiras do Brasil, para teoricamente demonstrar um movimento apartidário, depois passamos pelo impeachment da Dilma, pelo governo Temer, que começou a destruição da Ancine, do MinC, e que vem na escalada da campanha do Bolsonaro e da ascensão do bolsonarismo, porque são coisas distintas. E, por mais que depois de 31 de dezembro não tenhamos mais o “saco de bosta entupido” como presidente, o bolsonarismo vai continuar.

• Futuro

Primeiramente, espero dignidade social e política. A gente está sem dignidade. Foram anos vergonhosos de relações políticas. Eu me esforço para entender quem ainda apoia o governo Bolsonaro, mesmo depois de tudo o que aconteceu. Mas a primeira coisa que espero do novo governo é restabelecer a dignidade, que as pessoas possam comer. Para depois começar a conversar sobre as outras coisas. Mas sinceramente espero que a gente diminua o uso de agrotóxico, proíba algumas coisas, não dá para continuar como está. Espero também que se crie o ministério dos povos originários. Quero muito que tenha um ministro ou ministra do meio ambiente que consiga visualizar essas pautas e dar a atenção que elas merecem, porque é a partir daí que a gente anda daqui pra frente. Se não fizermos alguma coisa, não existe a possibilidade de continuar com a vida na terra. E, claro, espero que voltem as políticas públicas para a cultura, para o livro e literatura. Quero muito fazer um concurso. Estou aí, doutora, com pós-doutorado, e desempregada. Porque as pessoas que se qualificaram, fizeram doutorado, não têm emprego hoje na universidade. Há demanda, alunos, mas é preciso uma reforma. 🗣️



raimundo carrero

LUTA VERBAL

MORRE O PROTAGONISTA; CHEGA O COLETIVO

Quando Jorge Amado resolveu matar o protagonista literário no romance **Suor**, transformou um pardieiro do Pelourinho, em Salvador, em personagem central, com seus pedintes, esmoles e desempregados, chamados popularmente de arraia miúda, uma gente a que hoje chamamos de invisíveis, sem direito a auxílio ou qualquer programa governamental, num tempo em que nem se falava nisso.

Com a vantagem de que naquele lugar abjeto, para a sociedade bem comportada, surgiam figuras como o mendigo Cabaça, Chico, Linda e Julieta, apresentadas numa cena cruel e dolorosa como esta que chega com estas duas criaturas do fosso social:

Bateram na porta. Pancadas íntimas de quem não espera consentimento para entrar. E Julieta entrou de combinação.

— *Estou assim por causa do calor.*

Sentou-se na cama. As coxas abertas, escandalosas.

Espiou o fogareiro, pegou no vestido.

— *Que cheiro de chulé, hein, Linda?*

Como a resposta não veio, continuou:

— *Também nessa bilosca mora gente de toda laia...*

Já reparou na vizinha dos fundos, dona Risoleta? Caga em papel de jornal pra não esperar que a latrina se esvaíze. Juro que não limpa a bunda. E nunca desceu pra tomar banho...

— *É uma mulher muito trabalhadora.*

— *Pudera! Pra dar comida ao malandro do filho...*

Um homem daqueles, de dezenove anos, gordo como um burro, que não faz nada....Passa o dia todo socado com as raparigas do Tabuão ou então matando o bicho. Só vem em casa comer e buscar dinheiro. Que calorão, puxa!

Uma cena direta, incisiva, com a crueza de duas mulheres fortes, reveladas mais na ação dos diálogos de forma a somente aí mostrar a ambientação do romance sem recorrer a cenários, colocando o leitor imediatamente na grave denúncia social com seres humanos transformados em agonia social. Um pardieiro onde vivem aqueles rejeitados pela sociedade.

Vem daí o interesse em ser agudo e forte, sem os cenários luxuriosos que deslustram a cena ativa. Só uma palavra para tipificar Julieta: escandalosa. Possivelmente definida pelo olhar crítico e julgador de Linda. O mesmo olhar que julgaria o filho de dona Risoleta. Neste caso a técnica do olhar do personagem é cirúrgico.

Basta aqui, portanto, a palavra diante do outro diálogo. É algo distinto e forte. Temos então o discurso verborrente de Linda para definir o caráter de um personagem que nem sequer apareceu em cena. E o que se chama de personagem de criação indireta, ou personagem que passa a existir sem a intervenção do narrador.

Mas Linda continua falando e julgando muito. Muitíssimo.

Pegou na combinação e acudiu-a para ventilar as coxas.

E esse vestido, hein, dona Risoleta? A senhora devia era mandar aquela espanhola pras profundas... Feia como uma jararaca e querendo vestido de mocinha. Garanto que quer botar os chifres em seu León... Quanto ela paga?

Percebe-se, agora, que as duas têm a missão de trazer os personagens para o romance. Sobretudo através dos caracteres. 🗣️

A IMERSÃO FUTURISTA

*El futhuro será extraño,
byzarro, maravylloso,
o no será el futhuro.*

Sofia Soft

Nenhum dos seis livros do teólogo e ficcionista Ricardo Labuto Gondim foi comentado, até o momento, nas páginas deste incansável e incomparável periódico. Chegou a hora de pôr um ponto final nessa injustiça. Mestre Gondim é bom demais na ficção especulativa, e merece toda a nossa atenção.

Por onde começar?

Suas obras mais ambiciosas são os romances **Corrosão** (2018) e **Pantokrátor** (2020), publicados pela Caligari. Recomendando que vocês comecem por elas, curiosos leitores.

Corrosão é uma poderosa narrativa de confronto e descoberta, feita de camadas que vão se sobrepondo devagar, com vigorosa elegância.

O cargueiro Nikola Tesla, com duzentos e oitenta metros de casco, é o triunfo da engenharia espacial do século 22. Conduzido por uma sofisticada inteligência artificial, dezenas de robôs e apenas seis tripulantes humanos altamente treinados, sua primeira missão é viajar até as imediações de Plutão, interceptar um grande asteroide e extrair dele um óxido precioso inexistente na Terra, com propriedades supercondutoras.

Mas nas proximidades de Júpiter surge uma anomalia astronômica que chama a atenção primeiro do sistema de bordo do Nikola Tesla, depois de sua tripulação: uma vasta nuvem vermelha de hidrogênio, anelar, contendo uma nuvem verde de metano e enxofre, elíptica, por sua vez contendo nada mais nada menos que o lendário Titanic, duzentos e quarenta anos depois do seu naufrágio.

Obviamente a grande questão que impulsiona o enredo é: de que maneira o maior transatlântico de seu tempo se deslocou do fundo do oceano para as proximidades de Júpiter? Essa situação insólita mobiliza o controle da missão, na Terra, e os tripulantes do Nikola Tesla. O raríssimo óxido do asteroide não é mais prioridade.

Nas mãos de um ficcionista mediano, esse mistério seria, sozinho, o centro do sistema narrativo. Mas nas mãos de Ricardo Labuto Gondim ele é, digamos, uma das estrelas de um sistema estelar binário. Interagindo com o mistério do Titanic existe outra intensa força de atração literária: o drama

humano. Na maior parte do romance, acompanhamos o atrito às vezes epidérmico, às vezes profundo, que aquece a coreografia da equipe do cargueiro espacial.

Os personagens — suas idiossincrasias, habilidades e inquietações — são muito bem desenhados pela mão segura do romancista, mas dois se destacam: o capitão Mravinsky e a inteligência artificial A.N.N.A.

Fã confesso de **Moby Dick** e **Vinte mil léguas submarinas**, Ricardo Labuto Gondim, além de exercitar uma escrita minuciosa, rica em detalhes técnicos e psicológicos, muito apreciada pelos melhores escritores realistas do século 19, se inspirou em dois grandes capitães da literatura universal, Ahab e Nemo, para criar seu Mravinsky, um oficial enérgico e culto, apreciador de literatura e música eruditas.

A serviço da Corporação que investiu pesado em sua construção, o sistema neuromórfico A.N.N.A. e a espaçonave são uma coisa só, corpo e mente entrelaçados produzindo um magnífico veículo autoconsciente.

O comportamento lógico da IA, nos momentos em que o comportamento biológico da tripulação humana é tingido por traços emocionais, produz um contraste muito bem-vindo. Onipresente, A.N.N.A. interage com os nanorrobôs na corrente sanguínea dos tripulantes, com o compartimento criogênico, com os grandes reatores e propulsores da nave etc.

Enquanto isso, lá fora... A carcaça do Titanic. Tão fantasmagórica quanto a baleia branca do romance de Melville.

No decorrer da história, outros fenômenos até mais surpreendentes farão o narrador onisciente, estarecido, concluir que “a irracionalidade dos eventos implicava na ideia de que o absurdo era uma das muitas possibilidades do universo”.

Agora, darei a vocês treze razões pra lerem o romance mais recente do autor, **Pantokrátor**:

Primeira: É uma narrativa cyberpunk com DNA nosso. O cenário é a Cidade Maravilhosa modificada pelo apocalipse digital. Não é uma repetição de **Neuromancer** ou **Ghost in the shell** ou **Westworld** ou **Blade runner 2049**. Vai além. Transcende essas referências já tão manjadas.

Segunda: O principal protagonista, Felipe Parente Pinto (avatar de Philip Kindred Dick), é um dos tipos mais interessantes da literatura brasileira contemporânea. Felipe é um golem. Ou seja, um androide. Ou seja, uma marionete dos acontecimentos. Mas uma marionete carismática, com senso de humor. O segundo protagonista, professor Carlos Capek (avatar de Karel Capek), é um pesquisador acadêmico que tenta defender sua privacidade da invasão invencível conduzida pelos algoritmos.

Terceira: O antagonista, cujo nome eu não posso revelar pra não roubar parte do prazer da leitura... Veja bem, o que a gente mais encontra por aí, na literatura e no cinema, são antagonistas chiffrins, que não honram seu salário. Por quê? Simplesmente porque não são astutos. Às vezes são poderosos (força física, superpoderes), mas jamais astutos. O antagonista criado por Ricardo Labuto Gondim é poderoso e astuto.

Ilustração: **Caio Paiva**



Quarta: No plano político há a opressão do nefasto Regime, essa conjuração massacrante orbitada pelos neo-ortodoxos e pela Milícia Maxila. As digressões de Felipe Parente sobre necropolítica e tecnofascismo são lúcidas e aterrorizantes. (Aviso importante do autor: “Não creio em *distopia*. O que existe em oposição à utopia é o que chamamos de *realidade*, não uma categoria literária”.)

Quinta: A citação intertextual e a alusão a figuras históricas e mitológicas colorem o enredo. A linguagem é elegante, inteligente e, repito, carismática e bem-humorada. Ricardo Labuto Gondim é nosso Rabelais tropical. Nosso Swift brasilis.

Sexta: Os personagens coadjuvantes são tão bons que mereciam protagonizar um romance cada um: Simão, o mago golem; Andvari, o anão hiper-genético; Lisistrata, a lesbica solipsista; Laura II de Vison, rainha das technodrags; Kublai-chan, a diva do mercado financeiro; Alfred Jingle, o filósofo pós-metafísico. (Pensando bem, cada um dos coadjuvantes já representa mais uma boa razão pra você ler **Pantokrátor**).

Sétima: Os diálogos são sensacionais. As descrições são sensacionais. A hiperviolência é sensacional.

Oitava: Die Nibelheim. Um tecnoinferninho futuro, “materialização intangível de uma alucinação” assombrada pela genialidade audiovisual de Richard Wagner.

Nona: A imersão digital integral (IDI), oferecida pela companhia Kopf des Jochanaan, é imbatível. Além disso, as drogas sintéticas psicodélicas são absurdamente sedutoras. Se você procura o sentido da vida, junte as duas experiências e viva num paraíso artificial que deixaria Baudelaire orgulhoso e comovido.

Décima: A trilha musical do romance foi composta por uma galera peso-pesado: Stravinsky, Schönberg, Webern, Berg, Rachmaninov, Ravel e outros.

Décima primeira: **O anel do nibelungo**, a monumental tetralogia de Richard Wagner, tem um papel importante na trama. A ópera *Parsifal* também.

Décima segunda: Há os mediaones e a consciência algorítmica. Há o tecnopoder autotético. Há a volição da consciência no tempo. Há um cemitério-ilha de navios naufragados ou quase-naufragados. (Mas assim são quatro razões, certo?)

Décima terceira: **Pantokrátor** e **Corrosão**, e meia dúzia de contos avulsos que também endossam a epígrafe de Sofia Soft, tornaram Ricardo Labuto Gondim um dos autores mais importantes de toda a ficção científica brasuca. 📖

Desterro compartilhado

O ritmo dos poemas de **Potlatch** parece evocar um instrumento de percussão longínquo, intensificando a experiência de transe

LUCIANA TISCOSKI | FLORIANÓPOLIS - SC

Potlatch, de Guilherme Gontijo Flores, é dividido em quatro partes, *A parte da perda*, *Colheita estranha*, *Três estáticas* e *Cantos pra árvore florir*. Após o último poema, além de uma citação de Agostinho de Hipona, há notas que situam brevemente os leitores na desorientação causada pela profusão de referências e vertigens que, com certeza, sofreram aqueles que se deixaram levar pelas línguas e os rituais de perda e de excesso da poesia de **Potlatch**.

Talvez até “deixar-se levar” seja um eufemismo. A leitura desses poemas exige um esforço corporal, uma atenção concentrada, uma disposição para ser irremediavelmente afetado e confrontado com o fato de que “nada no tempo garante um depois.” Ao lado do tempo, a morte, com todas as suas alegorias e todo seu imaginário, guia nossa leitura desde o poema *Wega*, escrito a partir de cantos funerários do povo sul-africano xona, transcritos pelo etnólogo cubano Jesús Fuentes Guerra. O último poema traz o título do livro, no qual o dom se entrega à terra e ao dispêndio, em vãos contradons dos ancestrais “cedendo tudo que ganhou,/ desfaz-se tudo, menos carne,/ como um avô vem de outro avô,/ concede até chegar no cerne”.

A lapidação no elaborar de cada verso, o cuidado com o escandir e enlevar com um ritmo próprio são marcas indeléveis desses poemas. Refiro-me novamente ao estado corporal requerido em alerta (quase agônico). Condição, no entanto, suavizada pela maestria do gesto poético de Gontijo Flores. O ritmo dos poemas parece evocar um instrumento de percussão longínquo, causando uma sensação de atrito e choque, contemplação e pacto, intensificando a experiência de transe. É como se o autor nos convocasse a uma espécie de dança ritualística primeva, como se, de fato, participássemos de uma cerimônia estranha familiar de *potlatch*.

As orelhas do livro apresentam um brevíssimo comentário sobre o significado do título. Ainda assim, considero importante discorrer um pouco mais sobre determinadas conexões que se estabelecem a partir do conceito de *potlatch*. Trata-se de um cerimonial identificado entre tribos indígenas norte-americanas, mas também praticado por alguns outros povos, como os melanésios e polinésios. Muito grosseiramente resumindo — porque é um conceito com infinitas ambiguidades e complexidades de saberes antropológicos, etnológicos, sociológicos e filosóficos —, o ritual consiste em práticas comerciais que culminam em batalhas nas quais o suposto representante da tribo vencedora dilapida sua riqueza, e pode chegar à destruição dos bens acumulados, para humilhar seu adversário. Esta prestação essencialmente usurária de dispêndio dos bens teria como “contrapartida” apenas uma suposta glória, um prestígio ou honra, em suma, uma autoridade. Marcel Mauss, antropólogo e sociólogo francês, foi o primeiro a aprofundar os estudos sobre esse *Sistema*

de prestações totais de tipo agonístico, no livro **Ensaio sobre o dom** ou **Ensaio sobre a dádiva**, publicado em 1925. Segundo ele, a dádiva da riqueza exigiria sempre a obrigação absoluta de retribuição, sob pena de se perder o “mana” conferido pela dádiva, sendo a fonte dessa riqueza ou “mana”, a própria autoridade. Dá-se então uma intrincada relação de trocas de dádivas em retribuições, dilapidação e destruição (incluindo assassínios de escravos e animais) que parece não ter fim.

Escoar o excesso

Continuando no desvio, trago outro estudioso do assunto: Georges Bataille, alguém com muito mais proximidade de uma leitura do *potlatch* que nos conecta à literatura e ao **Potlatch** de Gontijo Flores. Segundo Bataille, a instituição tão estranha — e no entanto, tão familiar — desse sistema contratual de trocas de dádivas, pode ser encontrada em várias de nossas condutas nos tempos contemporâneos. O problema colocado por Bataille é o do dispêndio do excedente de energia na Terra, que supera os limites da utilidade prática da vida no planeta. Por isso, devemos dar, perder ou destruir, para dar conta de escoar o excesso. Mas não é tão simples quanto parece. É preciso que o gesto de dar reverta em poder. “A riqueza efetuada no *potlatch* — no consumo por outrem — só tem existência de fato na medida em que o outro é modificado pelo consumo.” A glória obtida por dar e destruir é expressa na despesa de energia sem medida e alcançada desde que atinja o outro (sendo, no âmbito literário, possivelmente representado pelo público leitor, mercado editorial e/ou sistema político-cultural).

E o que isso tem a ver com poesia? Ainda conforme o autor de *A parte maldita*, o que chamamos de poesia, de profundidade

ou de paixão é essa sombra inapreensível, essa riqueza que entregamos à destruição. Uma dádiva sem contrapartida, sem contradom, a não ser nossa finitude e a dilapidação de nossa riqueza (diga-se, a poesia ou o corpo) em troca de uma suposta (e patética) glória. E conforme Bataille, “depois de toda contradição e ambiguidade, dos usos da energia excedente pelos ricos, da derrição e das mentiras”.

Na contracapa da primeira edição de **Amavisse** (1989), Hilda Hilst aparece em uma foto com o editor Massao Ohno, e logo abaixo, seu poema que deixa clara a afinidade com Georges Bataille, também proclamada em outras ocasiões. Os versos da segunda estrofe do poema anunciam a despedida da “literatura séria” e inauguram “as adoráveis bandalheiras” que têm início com **O caderno rosa de Lori Lamby** (1990). O escritor, “colado à própria sombra” vem dizer adeus: “Poupem-no o desperdício de explicar o ato de brincar/ A dádiva de antes (a obra) excedeu-se no luxo./ O Caderno Rosa é apenas resíduo de um ‘Potlatch’./ E hoje, repetindo Bataille:/ ‘Sinto-me livre para fracassar’”. O resíduo do *potlatch* de Guilherme Gontijo Flores, com a publicação deste livro de poemas, é a perda sem contrapartida, um dispêndio de criação, camadas e camadas de histórias, de línguas, de corpos e de palavras que se avolumam formando ruínas, ossamas, tumbas e dentes soltos.

Terceira metade

*Dar por perdido
o perdido, dar
por perdido, né?
et quod uides
perisse perditum
ducas, por perdido,
dar por perdido
chaves, dedos,
dias, viço, chances,
isn't hard to master
é? dar por perdido,
the art of losing,
contas, corpos,
perdido, amores,
dar por cansaço
perdido tudo
em tudo que
se perde é sim
metade da arte,
o mais difícil.*

Ao miserável

O autor de *O erotismo* afirma que a literatura é o mal e — trazendo-nos um panteão de autores representantes desse mal, como Jean Genet, Kafka, Emily Brontë, Sade e outros — assegura que “o verdadeiro luxo e o profundo *potlatch* de nossa época cabem ao miserável, àquele que se estende sobre a terra e despreza”. E “[...] a mentira (dos ricos) destina a exuberância da vida à revolta — o esplendor dos farrapos e o obscuro desafio da indiferença”. O poeta cínico expõe a miserável glória de se saber preso e refém de um mundo em que a indiferença concebe queimar museus, permi-



Potlatch

GUILHERME GONTIJO FLORES
Todavia
128 págs.

te que crianças morram de fome ou em campos de concentração após o cerco às montanhas na Batalha de Kozara e que o sofrimento da doença psicossocial seja um dos tantos efeitos do colonialismo, como no poema a partir de Frantz Fanon, intitulado *É superfluo acrescentar que, aqui, não se trata de contratura histórica*.

Como contradom, contrapartida da riqueza, resta-nos a colheita estranha: “[...] eis a nossa política/ de troca, contradom/ na lida dos palhaços:/ você e eu assinalados/ pelo acaso dos lados/ que cabem a cada um,/ colhendo aqui o fruto/ do golpe sobre a carne”. Valeria ainda citar Foucault quando ele discorre sobre a vida *kinikós*, a vida de cão que é reversão escandalosa, violenta, polêmica da vida reta, da vida que obedece à lei e que, no entanto, tem a coragem da verdade, expõe o escândalo cínico e arrisca-se expondo a própria vida na fala franca da poesia, opondo-se às leis divinas, às leis humanas e a toda forma de organização social tradicionalmente estabelecida. Mas isso se houvesse tempo aqui para o excedente e o dispêndio.

Os poemas de **Potlatch** nos trazem um inventário de seres impossíveis, mas plausíveis numa Pasárgada de um “só-presente de agoras sem consolo”. Os seres se multiplicam e as imagens inusitadas expelem versos. Há peixe compelido, águia mutilada, cadelas de beco sem saída e há uma liturgia infinda de órgãos, vísceras, chagas, raiz, ramo, galho, ramalho, cordas umbilicais, secreções, carne, ossos, costela, asco, ilhas fantasmas que guardam beijos de carvão, museus naturais incendiados, dias excedentes, dentes, dentaduras frouxas, mandíbulas esmigalhadas num sorriso, dedos e palavras *Em lascas sobre a língua*: “Se adensadas em treva,/ espessas boca adentro,/ decaem em pleno peso/ feito pedras e hoje feitas/ coisas, as palavras vêm/ negar o mundo que antes apontavam, o mundo que/ fundavam a cada instante/ em nossos dedos e dentes [...]”. Cabem no livro muitos nomes, antinomes e rios, poemas dentro de poemas, poemas espelhados, chamadas em código morse, vozes esquizofrênicas e ecolalias, sensualidade tensa e arisca em recíproca mordida, além de Lázarus, escapulários, batistérios, “Um deus mortal em tudo” e a certeza de que tudo termina e determina o interminável desterro nosso de cada dia. **📖**



O AUTOR

GUILHERME GONTIJO FLORES

Nasceu em Brasília (DF), em 1984. Poeta, tradutor e ensaísta, recebeu os prêmios APCA e Jabuti por sua tradução de **A anatomia da melancolia**, de Robert Burton. É autor de, entre outros, **carvão**: **capim** (2018) e **História de Joia** (2019). Mora em Curitiba (PR).



nilma lacerda e maíra lacerda

CALEIDOSCÓPIO

Silviano Santiago publicou há algum tempo um pequeno artigo em que se referia às etiquetas apostas à literatura, para marcar a presença de novos atuantes em cena. Necessárias e passageiras, deveriam ser abandonadas tão logo a produção assim marcada se incorporasse à cena literária. Literatura feminina, negra, homossexual eram alguns dos exemplos citados. No presente, pode-se constatar o acerto do crítico. Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, Caio Fernando Abreu fazem literatura sem adjetivos.

No caso da literatura dos povos originários ou indígenas, tal etiqueta tem ainda sua conveniência. Apesar do lugar de fala indígena mostrar-se cada vez mais, há em circulação uma enorme quantidade de obras em que autores de origem variada recontam narrativas das quais se apropriaram e passaram a reproduzir, nem sempre com a atenção devida. Ao agir como substitutos das vozes originais, não alcançam a complexidade de representação de um mundo cujas versões passavam, até bem pouco tempo, pelo olhar e pela voz do colonizador. Com as recentes perspectivas de um olhar deconolizador, a produção cultural de povos autóctones chama a si legitimidade e valor, alcançando visibilidade e demandando novos paradigmas de compreensão.

A cuidada obra **Literatura indígena brasileira contemporânea**:

criação, crítica e recepção, de Julie Dorrico, Leno F. Danner, Heloisa Helena S. Correia e Fernando Danner, aborda múltiplos aspectos desse projeto e suas realizações. No Brasil, a urgência de *politicizar a luta indígena no país, como reação aos projetos de expansão socioeconômica dinamizados pelos governos militares nas regiões norte e centro-oeste*, propicia a organização para a luta política, vinculada necessariamente às questões de identidade, memória e expressão.

A literatura para crianças e jovens foi importante porta de entrada para tal e cabe a Daniel Munduruku um dos principais papéis na articulação entre autoria e publicização da literatura indígena. Escritor, publicou, em 1997, **Histórias de índio**, obra sucedida por fluxo ininterrupto de relatos que disseminam a poética e os valores culturais indígenas por leitores infantis e juvenis de todo o país. O livro ilustrado, espaço de diálogo entre os campos verbal e visual, objeto lúdico e provocador por excelência, fomenta a produção de significados no processo de leitura, deslocando o leitor de posições anteriores, oferecendo a ele um *novo lugar* na compreensão do mundo. Alcança-se, no tempo de toda infância, isto é, no tempo aiônico da experiência, a construção de diversa mentalidade, construída na recepção aos valores dos povos originários. As cosmogonias, a força do elemento fantástico, o aspecto sagrado do mito, as histórias de origem carregam posições fundadoras e identitárias que sensibilizam crianças e jovens. Configura-se, portanto, um país feito de alteridades e de consideração às verdades históricas na interpretação de sua memória.

Em parceria com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Munduruku amplia o espaço para escritoras e escritores indígenas, por meio de seminários específicos e da criação de um concurso literário voltado exclusivamente a obras dessa autoria. Um passo seguinte é a criação do Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual. O fortalecimento de uma produção literária, que demandava etiqueta e se mostrava incipiente, conduz

A LITERATURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Afinal, quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? Os indígenas são aqueles que de fato pertencem ao lugar. Nativos, como dizem. Gente da terra, com a qual mantém uma relação de profunda dependência, interação, respeito e parentesco. Índio, caipira, caboclo, caiçara, ribeirinho, quilombola, camponês, interiorano — cada qual sob sua cultura. [...] Embora sejam brasileiros, os dez escritores que assinam as narrativas desta coletânea são antes Mebengôkré Kayapó, Saterê-Mawé, Maraguá, Pirá-Tapuya Waikhana, Balatiponé Umutina, Taurepang, Umuko Masá Desana, Guarani Mbyá, Krenak e Kurá-Bakairi.

Os indígenas brasileiros não são um bloco monolítico, mas povos tão distintos entre si quanto os diversos povos da América. Reconhecer-se e ser reconhecido em sua singularidade tem sido objetivo do projeto de literatura indígena. Em um país miscigenado, cuja tradição cultural é resultado de confluências e absorções, como negar ao indivíduo a sensação de pertencimento, por meio de uma ilustração, uma prática, um rol de palavras? Em experiência de implantação de biblioteca na cidade de Açailândia, no Maranhão, a leitura do conto *Hariporia: a origem do açaí*, escrito por Tiago Hakiy, do povo Saterê-Mawé, deixou patente no público a emoção de se ver representado no verbo e no traço. Em outra cidade, em que a população indígena vinha da aldeia próxima para o curso, a representação pictórica que Graça Lima escolheu para a taba, em **A boca da noite**, de Cristiano Wapichana — tomada do alto e mergulhada no

sol do ocaso —, causou impacto no grupo, com exclamações: “É assim, nossas casas são assim, a aldeia é assim”.

Esses exemplos ratificam as palavras de Maurício Negro, que se refere a *uma sabedoria antiga, cujos ecos ainda estão por aí pedindo reforço em palavras e imagens*, proposta plenamente alcançada nos textos verbais e nas

ilustrações que remetem à xilogravura, nas quais estão presentes apenas o vermelho e o negro, cores das tradicionais tinturas indígenas obtidas do urucum e do jenipapo. Fernando Vilela utiliza-se de uma paleta contida e forte nas xilos para o magnífico **Sabedoria das águas**, de Munduruku, em que, à beira do rio Tapajós, Koru vive o imemorial dilema de **Fausto**.

A tentação do herói de Goethe é a tentação e o pecado do colonizador: dominar o espaço-tempo dos colonizados, o que resulta no sequestro da alma desses povos. Koru renuncia ao desejo fáustico ao saber do preço a pagar por ele, e ouve a voz do enorme gavião-real:

Viste seres que não são deste mundo no qual te moves. [...] São viajantes solitários pelo espaço-tempo do cosmo. Têm poder, mas não mandam em ninguém. Têm prestígio, mas não têm como usufruí-lo. Eles fizeram a escolha a que hoje renunciaste por amor a teu próprio espaço-tempo.

Entre a criação dos fantasiosos I-Juca-Pirama, Perri, Ubirajara e outros, sem compromisso com a realidade dos povos originários, e o consistente protagonista de **Maíra**, advindo da experiência antropológica de Darcy Ribeiro, os indígenas tomam a si dizer da própria identidade, em toda sua complexidade. O povo Guarani Mbyá chama de *belas palavras* a uma *linguagem ritual, extremamente elaborada, ayvu porã, [...] revelada pelas divindades aos dirigentes espirituais e pronunciadas em ocasiões especiais, a partir de um vocabulário e conceitos muito próprios: o povo brasileiro está aberto a ouvi-las.* **■**



Ilustração: Colagem digital de **Maíra Lacerda** a partir de ilustrações de **Fernando Vilela**

a uma profusão de belos e consistentes livros, com robusta premiação nacional e internacional.

Nós – Uma antologia de literatura indígena, coletânea de 2019, organizada e ilustrada por Maurício Negro, é uma dessas obras. Na acepção de Viveiros de Castro, *nós* tem o valor de um pronome cosmológico, em referência ao grupo. Na introdução, o esclarecimento essencial:

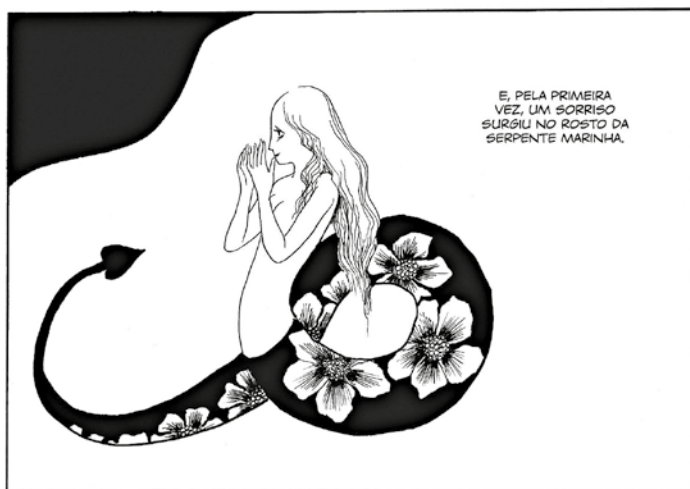
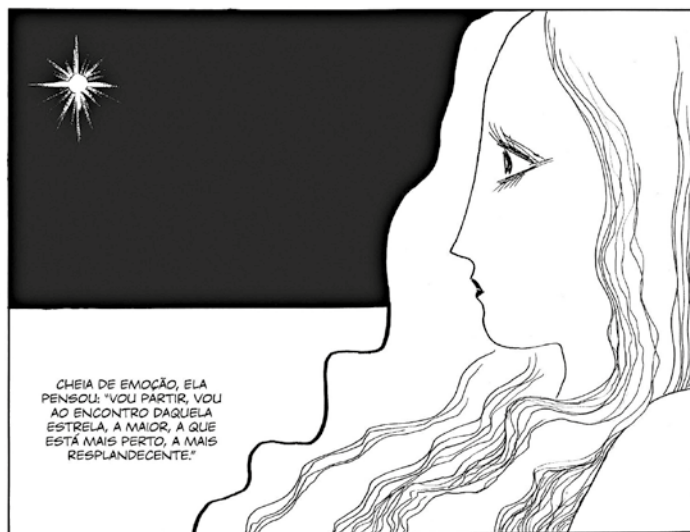
rascunho recomenda INFANTOJUVENIL E HQs



A tragédia da princesa Rokunomiya

KUNIKO TSURITA
Trad.: Alice Nogami
Veneta
504 págs.

Kuniko Tsurita é uma artista pioneira dos quadrinhos. Quebrando regras e rompendo tabus, tornou-se a primeira mulher a publicar regularmente na legendária *Garô*, a revista que liderou os mangás de vanguarda no Japão. Tsurita não apenas foi aquela que melhor retratou a cena *underground* do Japão dos anos 1960, mas também uma pioneira que, por exemplo, ousou retratar amores explicitamente lésbicos. Misturando influências da literatura francesa (Sade, Jean Genet, Le Clézio, Céline, Camus) com outras das artes plásticas e o psicodelismo de artistas como Tadanori Yokoo e Aquirax Uno, os quadrinhos de Tsurita são de tirar o fôlego, impressionantes em sua ousadia e beleza. **A tragédia da princesa Rokunomiya** é uma ampla coletânea que reúne desde



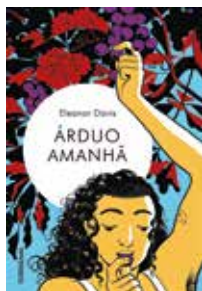
as primeiras histórias publicadas na *Garô* até a última, *Flight*, que, entre outras coisas, fala de voar sobre a floresta amazônica. A edição conta inclusive com um texto de Naoyuki Takahashi, viúvo de Tsurita, a respeito do interesse que a artista tinha pelo Brasil.



O pequeno astronauta

JEAN-PAUL EID
Trad.: Renata Silveira
Nemo
152 págs.

Todos os anos, Juliette faz sua peregrinação de bicicleta até o bairro onde cresceu. Este ano, em frente ao antigo apartamento da família, há um cartaz: "Vende-se — Open House". Ao passar pelas portas da casa de sua infância, as memórias vêm à tona. Os amigos, as pequenas alegrias, mas acima de tudo a lembrança avassaladora de seu irmão Tom, um pequeno astronauta que mudou a vida de todos. **O pequeno astronauta**, de Jean-Paul Eid, é uma ode à vida, por meio da narrativa sobre a chegada de uma criança com uma deficiência grave. Tom não anda nem fala, mas seu sorriso mudo é uma prova de sua felicidade e dará sentido à vida de toda uma família. Famoso quadrinista da região canadense do Quebec, Jean-Paul Eid nasceu no Líbano. Filho de mãe belga e de pai libanês, sua família imigrou para o Canadá quando ele tinha três anos. Em 1985, depois de estudar artes visuais e desenho, começou a trabalhar com HQs e ilustrações. Foi colaborador da revista *Croc*, na qual a premiada série *Les aventures de Jérôme Bigras* foi publicada. O autor gosta de renovar a relação entre HQ e leitores.

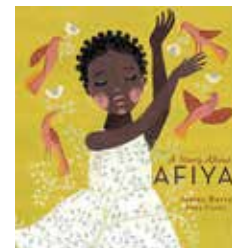


Árduo amanhã

ELEANOR DAVIS
Trad.: Érico Assis
Tordasilhas
152 págs.

Em **Árduo amanhã**, a personagem Hannah tem trinta e poucos anos, trabalha na área de saúde domiciliar e é ativista antiguerra. Seu marido, Johnny, é um maconheiro que passa os dias em casa trabalhando na construção de uma nova casa antes que o frio do inverno chegue. Eles moram na traseira de um caminhão, à espera de uma gravidez que parece que nunca virá. Com as pernas para cima para uma maior chance de concepção, Hannah vasculha os Reddits de fertilidade enquanto Johnny sonha com uma grande e variada horta para garantir que tenham sustento suficiente caso o fim dos tempos chegue, o que, dada a frágil democracia em que vivem, não parece algo tão distante. Ajudando Hannah na luta por um futuro melhor está sua melhor amiga Gabby, uma naturalista que ela idolatra e que a adora. E Johnny, em sua missão de construir a casa, conta com a ajuda de Tyler, um teórico da conspiração obcecado por suas próprias noções nebulosas da realidade. **Árduo amanhã** concilia momentos de profunda conexão humana a outros de medo, ameaças e insegurança.

O vestido de Afiya foi publicado originalmente na Inglaterra e em 2020 eleito um dos melhores livros infantis do ano pelo jornal *The New York Times*, que o descreveu "como uma combinação de história poética com arte expressiva". Na história, o vestido da menina grava as memórias de seus dias, de rosas em cachos a pombas em revoada, de tigres no zoo a folhas cadentes do outono. Uma celebração da infância escrita pelo poeta jamaicano James Berry e ilustrada pela artista brasileira Anna Cunha.



O vestido de Afiya

JAMES BERRY
Ilustração: Anna Cunha
Trad.: Marcos Marcionilo
Olho de Vidro
28 págs.

Márcia Leite escreve para crianças e jovens há mais de 25 anos. Tem livros publicados por diversas editoras brasileiras, alguns deles premiados, como a coleção *Historinhas bem...*, em parceria com o escritor Caio Riter, que ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura na categoria infantil. **Castelos de areia** é uma memória escrita e visual, sobre "lembranças salgadas que trazem o cheiro dos dias de sol perto do mar, o barulho das ondas e o som das risadas das crianças". Um retrato das histórias contadas, das férias de verão, da efemeridade e passagem do tempo.



Castelos de areia

MÁRCIA LEITE
Ilustração: Odilon Moraes
ÔZé
48 págs.

Amanhã apresenta ao leitor três narrativas entrelaçadas. A primeira história resgata as memórias da autora e leva ao ambiente rural onde ela viveu, descrevendo seu percurso até a escola. A segunda também se passa no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, quando o governo brasileiro proibiu o uso da língua japonesa, fechando escolas, desautorizando a circulação de periódicos e impedindo os imigrantes e seus descendentes de viajarem livremente. Por último, somos apresentados ao relato de Orié, imigrante japonesa, cuja infância no Japão inspira a terceira narrativa.



Amanhã

LÚCIA HIRATSUKA
Pequena Zahar
64 págs.

Autora de livros de História e biografias, Lilia Moritz Schwarcz volta seu olhar para o público infantil nesta narrativa. Alvo é um garoto cheio de energia. Ele mora com a família em um bairro elegante, vai à escola todo dia pela manhã e, a despeito de ser um garoto curioso, pouco percebe sobre o mundo à sua volta, tão diferente do seu. Ebony adora fazer amigos e contar histórias. Quando Alvo e Ebony se encontram, uma jornada especial tem início na vida dos dois. Neste caminho, Alvo se dá conta de que o mundo é muito mais diverso do que ele imaginava e de que é possível "ver e enxergar" além das nossas próprias existências e com muito mais cores.



Óculos de cor – ver e não enxergar

LILIA MORITZ SCHWARCZ
Ilustração: Suzane Lopes
Companhia das Letrinhas
144 págs.

Em **Histórias cansadas**, o uruguaio Mario Levrero retoma de forma irreverente a tradição de contar histórias para os pequenos na hora de dormir. Escrita na forma de um roteiro de teatro, encontramos apenas o diálogo entre uma criança chamada Nicolás e um adulto que encontra as saídas mais absurdas para conseguir, enfim, deitar um pouquinho e tirar um cochilo. Em suas histórias, surge um senhor que também busca um lugar para repousar e ele faz isso, mesmo que sua cama seja um guarda-chuva virado ao contrário ou que tenha que se espichar todo como um elástico, por distâncias enormes, até conseguir colocar cada partezinha de seu corpo exausto na cama para dormir.



Histórias cansadas

MARIO LEVRERO
Ilustração: Diego Bianki
Trad.: Antônio Xerxenesky
FTD
29 págs.

Colonialismo revisitado

Ainda que seja um tanto desconhecido do público brasileiro, Abdulrazak Gurnah possui uma consolidada obra literária. O Nobel de literatura, outorgado em 2021, apenas coroa uma trajetória a conferir-lhe uma notoriedade a ponto de iniciar os processos de tradução de seus livros para o nosso idioma, dando-nos acesso a um material até então exclusivo, preso nas mãos de especialistas. **Sobrevidas**, de 2020, é o seu primeiro livro editado no Brasil.

Abdulrazak Gurnah nasceu no arquipélago de Zanzibar, atual Tanzânia, em 1948. Ainda muito jovem, devido aos conflitos em seu país, emigrou para a Inglaterra, onde vive até hoje. Durante esse tempo, manteve uma relação muito próxima com a cultura de seu país e o continente de origem, sobretudo a África Oriental. Firmou-se como professor universitário, ministrando aulas de literatura na Universidade de Kent.

Foi durante o exercício da docência que iniciou os seus passos na escrita. Diferentemente de outros autores consagrados, conforme nos diz em algumas entrevistas, quando jovem, não sabia que um dia se tornaria escritor. A sua formação literária ocorre em paralelo à acadêmica, revelando traços singulares de sua escrita, mesclando a necessária curiosidade do pesquisador com a capacidade narrativa do escritor — evidenciada pela construção de diálogos entre diversos autores africanos bastante influentes em sua produção, como Chinua Achebe, Ngũgĩ wa Thiong'o, entre outros.

Ao ser laureado pela Academia Sueca, foi sublinhada a capacidade do autor em descrever, falar, pelos imigrantes na Europa — temática bastante presente em sua obra, cujo expoente neste sentido é **Paradise**, ainda sem tradução para o português. Simultaneamente, frisou-se a atenção dada aos efeitos do processo de colonização na África, com destaque para a Tanzânia. **Sobrevidas** exemplifica este último ponto.

Sobre vidas

Gurnah não se furta à crítica ao colonizador. Poderia fazer isso por meio de uma afinada ironia, como forma de subestimar ou ridicularizar os europeus na África; ou mesmo por meio de uma escrita quase toda repleta de elementos exclusivos das culturas africanas, esforçando-se por remeter a uma secular autenticidade, à originalidade e riqueza, reforçando o quanto disso foi destruído pela ganância ocidental.

Contrariamente, o autor de **Sobrevidas** segue por outro cami-

nho, optando por expressar singularidades e, conseqüentemente, a capacidade de elaboração e interpretação das experiências vividas por parte dos africanos — a partir de agora, tomemos cuidado com a palavra “colonizado”, que perde o seu sentido no livro. Enfim, não há preocupação em apresentar respostas, em reivindicar algo, em fornecer uma espécie de reação a todo um agressivo processo social, político e cultural que prevaleceu por mais tempo do que deveria.

Sobrevidas realça o cinismo europeu ante a dominação trajada de missão emancipadora e desenvolvimentista. A visão colonizadora, datada e, portanto, anacrônica, orienta-se pela suposta incapacidade de os “colonizados” compreenderem aquilo que realmente lhes faria bem. A isso, como sabemos, tem-se a desconsideração das experiências pessoais e, por sua vez, das singularidades envolvidas nos processos relacionais ali evidentes. Gurnah afia a lâmina de sua crítica ao demonstrar a preocupação quanto às relações sociais, às trocas culturais, sempre presentes em uma determinada sociedade. Em seu caso específico, a Tanzânia, tais relações ocorrerão com o que lhes estiver posto à mesa.

Por isso que não é somente a resistência ao movimento colonialista que se torna algo importante para Gurnah — embora a sua relevância seja inquestionável. Nas mesmas proporções, a própria convivência, ou mesmo ingenuidade, de alguns que, durante aquele período, foram entusiastas da dominação europeia, e no caso de **Sobrevidas**, da dominação alemã e inglesa, também são importantes. O que fica, independentemente do que seja, não pode ser negligenciado enquanto fator para a construção de uma história, ou de várias histórias.

Mistura cultural

Sobrevidas inicia com Khalifa, um trabalhador comum que tenta ganhar a vida honestamente. Pela apresentação, sabemos que ele tem origens indiana e africana, sugerindo a existência de uma mistura cultural na Tanzânia — importante entroncamento comercial no Oceano Índico. Mais do que a valorização da essência de uma identidade cultural ou outra, importa, aqui, o que de fato está presente.

Khalifa se casa com Bi Asha, sobrinha de seu patrão, o mercador Amur Biashara. Posteriormente, conhece Ilyas, de quem se torna grande amigo, adotando a sua irmã caçula após a ida para a guerra, iludido que se encontrava com a dominação alemã — tratam-se de conflitos alemães decorrentes da Primeira Guerra Mundial.

Em **Sobrevidas**, o tanzaniano Abdulrazak Gurnah, ganhador do Nobel de literatura 2021, expõe o cinismo europeu na África

FAUSTINO RODRIGUES | BELO HORIZONTE - MG



Definitivamente, o colonialismo é importante para o entendimento da África de **Sobrevidas**. Através das experiências dos personagens fica nítido o impacto da violência da dominação europeia, operando em um plano mais profundo.

Abdulrazak Gurnah por
Ramon Muniz

Na calma narrativa de Gurnah, despontam os acontecimentos e como eles são assimilados pelas pessoas envolvidas. O fato de Ilyas se alistar voluntariamente entre os temidos *askaris* (uma espécie de mercenários locais), para lutar ao lado dos alemães, não nos induz a um julgamento de seu caráter. Contrariamente, o escritor apresenta as razões que o fizeram seguir este caminho, mostrando o quanto da própria personalidade em questão foi moldada por circunstâncias construídas ao longo de sua história.

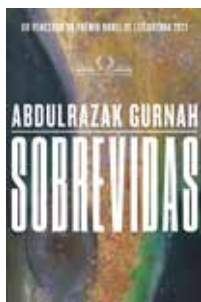
Em momento seguinte, a narrativa fica centrada em Hamza, também recrutado pelos alemães, na *Schtztruppe* (a tropa oficial dos germânicos na região), com os guerreiros *askaris*. Por sua vez, ele vem a ocupar um cargo doméstico, de serviçal, junto ao *Oberleutnant*, um oficial, atuando como seu assistente particular — gerando diversos comentários preconceituosos entre os demais recrutas que se encontram na linha de combate.

É por exigência de seu oficial que Hamza aprende alemão. Chega a ler Schiller no original. E, a despeito da posição ocupada, Gurnah não deixa de insinuar a violência existente no domínio europeu no continente africano, seja pela condicionada subserviência à qual Hamza se encontra submetido, seja pela finalidade com a qual o aprendizado de outro idioma lhe é imposto.

Mas, claro, a violência física existe. Concomitante à derrota alemã, Hamza é gravemente ferido durante o ataque de raiva de um oficial. Retirado do conflito, transfere-se para um acampamento a fim de se restabelecer, retornando, depois, a Zanzibar, onde, enfim, encontra Khalifa, passando a trabalhar com ele e o mercador Biashara.

Aqui, Gurnah nos entrega um belo senso de humanidade e solidariedade logo após a descrição dos conflitos que feriram Hamza. Isso porque Khalifa o acolhe em sua casa, mesmo nada sabendo sobre o seu passado e o que o levou até ali. Como consequência da guerra, Hamza permanece calado — chega a temer que saibam de seu conhecimento do idioma alemão, sob a pena de ser identificado como um colaborador, tendo em vista a dominação, agora, inglesa sobre o país. Na convivência entre os dois, conhece e se apaixona por Afiya, irmã de Ilyas, perdido no conflito e criada como se fosse uma filha de Khalifa e Bi Asha.

Chama atenção a importância da oralidade na obra de Gurnah. São muitas as remissões a conhecimentos de povos locais e passagens do Alcorão, atestando o seu vínculo cultural com a região. Entretanto, o autor não confere um tom de exotismo ou excêntrica a este fato, pontuando-o até mesmo como referência para que se compreenda o lugar ocupado pela cultura do colonizador ao longo do processo de dominação. **Sobrevidas** está longe de ser um livro contemplativo.



Sobrevidas

ABDULRAZAK GURNAH
Trad.: Caetano W. Galindo
Companhia das Letras
333 págs.

TRECHO

Sobrevidas

Uma tarde, Hamza entrou no escritório com o café e cumprimentou o comandante em alemão como devia, mas ele estava tão compenetrado no que lia que não respondeu. Os papéis que tinha na mão pareciam um documento oficial, e Hamza viu o emblema do governo no alto da página. Por fim, o oficial percebeu a presença de Hamza e fez um sinal para ele sair do escritório, e não o chamou para a aula de conversação de meia hora que normalmente tinham.



O AUTOR

ABDULRAZAK GURNAH

Nascido em 1948, em Zanzibar, na Tanzânia. Em 1994 foi finalista do *Booker Prize*, com **Paradise**. Foi professor de literatura na Universidade de Kent e recebeu o prêmio Nobel de literatura em 2021.

A despeito de seu conhecimento do idioma alemão, praticamente o único uso que Hamza faz disso é a transcrição de um poema de Schiller para a sua amada. Eis uma interessante metáfora quanto ao fato de nada de sua história ficar para ser escrito, permanecendo no silêncio, mesmo na relação com os mais próximos, restando unicamente a oralidade como fonte primordial para que se tenha acesso às experiências singulares dos africanos com o colonialismo dos séculos 19 e 20.

Os protagonismos

Sobrevidas não foca o colonizador. A atenção está nas relações entre mundos e culturas distribuídos nas inúmeras partes dos muitos territórios africanos. Por isso o silêncio de Hamza se faz importante. Seguindo na terceira pessoa, o autor produz um efeito de insinuação, fazendo-nos pensar o tempo inteiro sobre o que se passa na cabeça de seus personagens. Ao leitor, preso em uma instigante curiosidade, resta prosseguir com a leitura de maneira a ficar em evidência a complexidade de cada um deles. Uma complexidade, a partir de tal insinuação, que valoriza as experiências individuais e, por sua vez, suas histórias.

Isso fica claro nos momentos em que Khalifa, sujeito desconfiado e com certo amargor adquirido com o passar do tempo, interroga Hamza, contentando-se com o silêncio na resposta. Existe sempre a expectativa de algo a ser dito, justificado. Mas a importância quanto ao que deve ser dito, justificado, encontra-se toda sobre os personagens.

Tanta coisa tinha sido arrancada de sua vida que ele às vezes ficava paralisado por uma sensação de inutilidade diante de tudo o que pudesse desejar fazer. Era uma sensação que ele combatia diariamente e que a oficina e o trabalho com a madeira, além da benéfica companhia cotidiana do carpinteiro, de alguma maneira, ajudavam a dissipar.

Definitivamente, o colonialismo é importante para o entendimento da África de **Sobrevidas**. Através das experiências dos personagens fica nítido o impacto da violência da dominação europeia, operando em um plano mais profundo. A mudança da personalidade de Khalifa, com o passar dos anos, tornando-se uma pessoa mais amarga, deixa isso bastante evidente — serve até mesmo para demarcar a passagem do tempo.

Isso denota a vulnerabilidade dos personagens do livro, desprovidos de heroísmo e redenção. Não estão ali para ser reverenciados, contemplados. Isso é um claro artifício do autor para fazer com que diferentes vozes se manifestem revelando as suas experiências com a África colonial e o subjugo europeu em seu intenso processo exploratório. Não há uma visão única, mas, sim, uma polifonia, decorrente de vivências diferenciadas.

Assim sendo, Gurnah fica à vontade para desfazer qualquer tipo de expectativa e noção de final feliz como recompensa por tudo o que foi vivido. Isso porque, normalmente, o final feliz poderia ser admitido como o coroamento de uma trajetória, muitas vezes repleta de desafios. Trata-se de uma herança da literatura ocidental que, durante parte significativa dos séculos 19 e 20, admitia, em nome de uma noção muito precisa de missão a ser cumprida, que desafios deveriam ser enfrentados ante uma lógica previamente estabelecida de bem e correto a serem buscados.

Claro, o caminho traçado em **Sobrevidas** não é novidade na literatura contemporânea. Mas, definitivamente, sugere a ruptura com uma perspectiva de interpretação da trajetória ocidental de colonização que, em se tratando especificamente do continente africano, tem **Coração das trevas** como referência para boa parte do ocidente moderno. Gurnah revira Conrad do avesso, reposicionando o foco do tema tal qual ele deve ser tratado. O dualismo civilização e barbárie é vivido pelo próprio africano a descobrir o coração da África.

Eis o motivo pelo qual Gurnah fornece uma grande aproximação com os personagens. Através disso, projeta uma consciência quanto a sua escrita, quanto ao tema tratado, porque o narrador, em terceira pessoa, poderia, de antemão, ser detentor de um conhecimento sobre a situação vivida e que ali se encontra descrita. Entretanto, é ele quem exige do leitor o constante envolvimento com a trama apresentada.

Desde o primeiro livro publicado, em 1987 (já com quase 40 anos), até os dias atuais, Abdulrazak Gurnah escreveu dez romances. Produção significativa, demonstra o nosso desconhecimento quanto a obras desse quilate. O escritor tanzaniano é o primeiro de seu país a ser laureado com o Nobel de literatura. Ao todo, dos 119 ganhadores, o continente africano teve apenas cinco premiados: antes dele, Wole Soyinka, Naguib Mahfuz, Nadine Gordimer e J. M. Coetzee — os dois últimos, brancos.

Mais do que celebrar a entrada de Abdulrazak Gurnah para um seleto rol de maiores escritores da história, a premiação deve servir para que obras como as suas sejam popularizadas, de maneira que cheguem ao grande público e a países que não se encontram no centro das decisões sobre a produção e o consumo cultural no mundo. Se Gurnah, com sua narrativa potente, conseguiu inverter a lógica do entendimento quanto ao processo de compreensão do colonialismo na África, talvez esteja aberto agora o precedente para que se inverta igualmente o eixo dessa produção cultural, desmanchando o seu centro e espalhando focos para diversos territórios do mundo. 🌍



tércia montenegro

TUDO É NARRATIVA

LUZ DA VIDA

Se todo retrato é um retorno do morto (conforme dizia Roland Barthes em *A câmara clara*), por outro lado também é uma forma de refletir sobre a vida e suas circunstâncias. O volume *Photo Icons*, publicado pela Taschen sob organização de Hans-Michael Koetzle, trouxe uma boa oportunidade para isso, ao cobrir uma história da fotografia de 1827 a 1991. Não se dedica aos tempos mais recentes, da chamada pós-fotografia — mas para tanto podemos consultar os livros de Joan Fontcuberta, que já citei nesta coluna, algum tempo atrás.

A publicação de Koetzle a cada capítulo parte de uma foto icônica, por assim dizer, e faz sua análise incorporando curiosidades, dados técnicos e informações sobre o autor. Com esse método aparentemente simples, segue numa progressão cronológica que, ao final, constrói um panorama da própria história humana nesse período (claro, sob uma perspectiva ainda eurocêntrica, podemos criticar).

Recordamos situações extremas que talvez hoje tenham sido pacificadas na memória, e no entanto foram grandes tragédias. O fotógrafo Richard Peter pai, que registrou a destruição de Dresden pelos nazistas, perdeu nos bombardeios seus arquivos, milhares de placas, negativos e provas que representavam trinta anos de trabalho. Ao seu redor, centenas de vítimas mortas ou queimadas — e a maioria não pôde ser retirada dos escombros, porque a devastação da cidade se estendia por

quinze quilômetros. A impossibilidade de enterros apropriados favorecia o risco de epidemia, e assim foi preciso calcinar as ruínas com lança-chamas, além de murar abrigos provisórios.

O que Richard Peter pai viu e viveu (vamos tomá-lo como símbolo de tantos) é inclassificável. Saber que tantas pessoas estavam ali, sob os escombros, algumas vivas mas sem chance de resgate e, portanto, condenadas a perecer no fogo antes que seu corpo espalhasse doenças... apenas essa escala de horror deve ter preservado a mente do absoluto desespero. Porque os que perderam tudo mas estavam vivos ainda eram sortudos. E, então, o que poderiam fazer? Reconstruir a cidade, refazer a própria identidade. Uma fotografia, junto com o seu contexto, traz uma preciosa lição acerca de recuperar os eixos. É preciso tomar uma atitude prática em prol das melhorias, nem que seja um gesto mínimo por dia, e é preciso não desistir da beleza, não deixar que o ódio a substitua.

Através da análise de variantes de fotos — como, por exemplo, na obra de Man Ray —, acompanhamos o processo pelo qual um artista chega à perfeição. Quem vê somente *Noire et blanche* aprecia o equilíbrio dos rostos (o de Kiki de Montparnasse e o de uma máscara africana), em posições, tons e formatos tão complementares, que pode ser levado a pensar que foi fácil compor a cena. Mas o que parece hoje evidente surgiu após um longo processo de testes, uma busca confusa em que o autor sabia, sim, desde o princípio que os dois rostos juntos seriam capazes de gerar uma boa foto — mas não alcançou de imediato a melhor maneira de criar a imagem.

Aliás, a falsa ideia de que a fotografia depende de um espontaneísmo pode ser dissipada com a leitura desse livro. Diver-

sos exemplos de retoques, encenações ou montagens são revelados, em obras bastante conhecidas. Embora seja cabível discutir os limites éticos de tais procedimentos no caso de fotos documentais, em nenhuma outra ocasião as edições de imagens devem ser julgadas negativamente. Criticar um fotógrafo por aperfeiçoar sua obra é tão absurdo quanto censurar um escritor por reescrever um original: o trabalho de revisão integra qualquer arte e, quando o autor sabe o que está fazendo, o resultado tem maior qualidade que a versão “bruta”, inicial.

Descobrimos ainda como uma belíssima fotografia de moda, *Corset Mainbocher*, de Horst P. Horst, pode ensejar uma discussão política, na medida em que a peça de roupa exibida na imagem, em 1939, já era considerada um “vestígio da época feudal” e um acessório agressivo à saúde das mulheres. Entretanto, um espartilho fotografado à beira da Segunda Guerra sem dúvida pode representar algo mais que a repressão em torno de um único corpo...

Com Sandy Skoglund, temos um exemplo da tendência de, a partir dos anos 1980, a fotografia se tornar cada vez mais performática. Os autores, em vez de encontrar seus temas na realidade, capturando-os sem intervenção ou manipulação, começam a praticar “staged photography”, ou seja, “fotografia posta em cena”. Skoglund constrói esculturas de papel machê, gesso ou poliéster, para ambientar suas instalações fotográficas.

Revenge of the goldfish e *Radioactive cats* são duas de suas famosas obras com essa proposta. O aspecto manual de uma construção prévia de artefatos para serem fotografados lembra Vik Muniz, na medida em que este artista brasileiro (não citado no livro trabalhado aqui) adota, para compor suas figuras, matérias as

mais diversas, como comida, lixo ou diamantes. O lado *trabalhoso e demorado* do processo artístico — que tão bem se percebe num vídeo sobre o processo criador de Teun Hocks, por exemplo — talvez esteja em decadência, nos artistas da geração Y ou Z. Com a facilidade dos programas de edição que produzem imagens já absolutamente desprendidas do real, através de montagens quase automáticas, vindas de um acervo do próprio software, o passo seguinte é a desmaterialização da própria obra. Isso se realiza em negociações de produtos não-fungíveis, os tais NFTs, feitos para consumo digital, sem dimensão empírica, por assim dizer. A luz se torna, em tais imagens, o único elemento sensível pelo qual podemos desfrutá-las.

A fotografia se afasta cada vez mais do mundo e dos aprisionamentos referenciais, para se tornar um recurso de inventividade. Na impossibilidade de citações exaustivas, trazemos somente mais um autor — Joel-Peter Witkin —, que inclusive dialoga com vários outros. Koetzle comenta que “é principalmente como uma revolta contra a tradição da iconoclastia judaica e contra o tabu que representam o corpo e o erotismo na religião cristã que se deve ler sua obra”.

Conhecido como o Bosch da fotografia, Witkin coloca em cena personagens desviantes: anões, gigantes, siameses, transexuais antes da cirurgia, além de “todos aqueles que nasceram sem braços, sem pernas, olhos, seios, órgãos genitais, orelhas, nariz, lábios”. O interesse por corpos excepcionais lembra a estética de Diane Arbus, embora o estilo de retrato seja bem diferente (Arbus preferia as poses frontais, com poucos ornamentos, ao passo que Witkin monta cenários elaborados, com releituras do repertório iconográfico). A proximidade com outro fotógrafo do grotesco, Jan Saudek, é notável — mas, para além destes nomes mais modernos, o seu trabalho referencia clássicos como Giotto, Velázquez, Goya, Rembrandt, Archibald e Delacroix.

Ao tematizar corpos alternativos, Witkin, por um lado, é acusado de oportunismo escandaloso — mas, por outro, é defendido por seus próprios modelos, que afirmam ter posado para ele numa atmosfera de respeito e dignidade. Para estas pessoas, habitualmente postas num lugar à margem, invisível do comum social, serem fotografadas em sua identidade “ganha uma força metafísica”. Como o próprio autor ressalta, episódios de sua infância fizeram com que ele se interessasse pela gente excluída, e isso, de acordo com Hal Fisher, estimulou em sua obra algumas ideias filosóficas extremamente complexas, “uma miscelânea de pensamentos oriundos da cabala judaica, da fé católica, da filosofia oriental e da cultura underground moderna”. Esse amálgama o inspirou a buscar a “expressão divina” em retratos, à primeira vista, repulsivos. E quem dirá que aí não se revela uma verdadeira luz da vida?

Ilustração: Miguel Paiva





luiz antonio de assis brasil

O CÂNONE NA MOCHILA

OS BELOS E MALDITOS

1.

O período mais gracioso, inteligente e criativo do malfadado século 20, foi aquele dos anos 20. Saía-se da Primeira Guerra Mundial e dava-se adeus ao monótono e burguês século 19 e, para maior ganho, não se adivinhava, ainda, a hecatombe que estava por eclodir. Nessa época, tudo era possível, inclusive amar livremente, cantar e dançar, assumindo uma inocente frivolidade, e ao mesmo tempo, abriam-se as portas para todas as experiências artísticas. Os homens abandonavam os bigodões retorcidos e as mulheres descobriam, além da liberdade sexual, a possibilidade de inventar figurinos *sexy*; eram as *flappers* que, no Brasil, chamávamos de *melindrosas*. Claro, estamos a falar apenas da classe média, branca, estudada e viajada. As pérfidas exclusões permaneciam intocadas, especialmente no nosso país.

2.

A literatura não podia passar ao largo dessa ebulição, e dentre os ficcionistas mais notórios que repercutiam o espírito situa-se F. Scott Fitzgerald. O nome lembra de imediato sua obra mais celebrada, **O grande Gatsby**, levada várias vezes ao cinema e ao teatro. Digamos: Fitzgerald consagrou-se como autor-metonímia do período. Claro que o **Gatsby** é, sem retoques, uma novela exemplar por sua relevância literária, absoluta, mas também e principalmente, pela representação implacável de um magnata que enriqueceu por meios discutíveis. Com isso, uma novela como **Os belos e malditos** quase desaparece numa visão retrospectiva de vida e obra, mas estou por dizer que se iguala artisticamente ao **Gatsby**, que, à diferença de **Os belos...** trata de um caso singular, centrado numa figura emblemática e suas circunstâncias. Já quanto à novela sob exame, esta traz um título plural, que funciona como um programa para sua interpretação: é uma classe inteira que está denunciada em suas páginas. Belos, sim, que tinham na beleza exterior sua mais visível glória; malditos, sim, porque degradavam-se por seus métodos cheios de falsidade e rancor.

3.

Os belos e malditos saiu a público quando Fitzgerald tinha apenas 24 anos e já era tido como celebridade e se declarava, sem nenhuma modéstia, como o melhor escritor a escrever sobre sua geração, o que não é pouco. Vejamos do que trata o livro:

4.

A relação sentimental dá-se com uma certa Gloria Gilbert, por quem Patch se apaixona desde logo por sua beleza — a pior forma de apaixonar-se —, dizendo dela que “a luminosidade de seus ca-

5.

belos e de suas faces a tornavam a pessoa mais viva que ele jamais viu”. Mau começo, que levaria o casal a uma vida de altos e baixos, com direito a discussões perversas, das quais não excluía bebedeiras e bordoadas. A imaginação de Fitzgerald era inegável, e muito próxima: na vida real, Gloria Gilbert era a tumultuosa Zelda, sua brilhante esposa, fulminante em todas as áreas em que se metia, jazz-baby, mas dotada de um gênio de arrasar pirâmides, que acabou vítima de esquizofrenia e internada num sanatório. Viver na corda bamba amorosa era a especialidade de Fitzgerald e, visto bem de perto, habituara-se a essas tempestades temperadas a álcool.

dignava a morrer, faziam projetos de viagens, compras extravagantes, mansões, e nisso apostavam seu futuro. Milionários, poderiam discutir mais detidamente sua relação, levando-a a um “novo acordo”, talvez mais sincero, talvez mais apaixonado, coisa que, naturalmente, nenhum leitor acredita. O destino — esse nome que damos ao que não nos agrada pensar — por fim agiu e, a partir de certo momento a vida de ambos foi um parque com diversões, mas onde havia uma gigantesca montanha-russa que os elevava aos píncaros e logo os deixava no chão, para logo recomeçar.

6.

O capítulo correspondente ao final tem um título: *Não importa!*. Essa sentença, com sua estrondosa exclamação, simboliza e significa um espírito leve e cínico, de que nunca Patch abdicou, e que ele compartilhava com uma geração inteira. Um verdadeiro *dandy* nunca se dá mal; mesmo que derrotado várias vezes, não se considera vencido.

7.

E agora, o que nos diz **Os belos e malditos**? Antes de tudo, é a demonstração de um eficiente artesanato de novela, que estabelece um foco e o persegue até o fim, dando lições a quem escreve, e a principal delas é a superfluidade de uma mudança da personagem ao final; Anthony Patch termina a história tal como a começa. Sua perspectiva da vida não se altera, embora os sucessivos reveses e glórias — algo que percebemos, também, no Alex, de **A laranja mecânica**. Quando vejo iniciantes preocupados com o famigerado *twist* do final, a dita virada na personagem, costumo recomendar esses dois livros. Também recomendo pelo refinamento das construções das personagens, especialmente do casal; cada qual tem sua individualidade, e mesmo suas brigas não ficam no gratuito que parecem ostentar, mas radicam justamente nessa distinção entre ambos. Não são opostos, mas *semelhantes* — eis o grande desafio do ficcionista. Sendo iguais, não há conflito; se são opostos, a relação é de uma reles luta livre. No plano extraliterário, a novela de Fitzgerald também nos fala do efêmero das construções culturais e sociais que, enquanto acontecem, parecem eternas mas, que, passada uma década, já não valem mais. **Os Roaring Twenties**, anos de exaltação à vida, foram, na década seguinte, substituídos pela ascensão dos regimes autoritários de direita, responsáveis pelo maior horror a que assistiu a Humanidade. Assim, diz-nos Fitzgerald, vamos aproveitar a paz e a democracia, mas sem descuido das forças sempre a postos para solapá-las. Por tudo isso, a novela **Os belos e malditos** vai para a mochila. **📖**



Ilustração: Amy Maitland



Vingança de escritor

A segunda espada, de Peter Handke, lançado após a polêmica do Nobel de literatura 2019, concentra-se em prosa digressiva e atenta

PAULO PANIAGO | BRASÍLIA - DF

A epígrafe do livro é uma citação do evangelista Lucas que menciona a necessidade de os discípulos levarem consigo pelo menos uma espada quando forem viajar. Eles, porém, apresentam logo duas. “É o suficiente”, reconhece o Senhor. Ou seja, desde a abertura, a história narrada pelo austríaco Peter Handke se anuncia como violenta, ou pelo menos potencialmente violenta. Mas **A segunda espada: uma história de maio**, livro publicado na esteira do prêmio Nobel de literatura, que recebeu em 2019, é no fundo uma história de Peter Handke, ou seja, reflexiva, analítica, ponderada, bastante descritiva e muito digressiva, em que a violência fica restrita ao anúncio das intenções e não vai muito mais além.

“Então essa é a face de um vingador!” A afirmativa de abertura do livro é cheia de promessas. Porém, trata-se de uma forma expansiva de iniciar o romance e talvez atrair a atenção do leitor desavisado, que pode ir cheio de sangue nos olhos ao pote e ser desencaminhado a seguir para o mundo das decepções. A não ser que se trate de leitor contumaz, que acompanha a carreira de Handke desde que ele se associou ao cineasta Wim Wenders para adaptar o roteiro do livro **O medo do goleiro diante do pênalti**, e que nos anos oitenta do século passado mobilizava toda uma gama de discussões profundas sobre os meandros da alma brasileira, não tão distinta da alma europeia ou da alma do mundo, ou algo parecido com tudo isso. À medida que chegaram aos leitores brasileiros as traduções de textos como **A tarde de um escritor** foi possível perceber que Handke pertence a uma linhagem cada vez mais espessa de escritores que transitam entre ficção e não ficção, borrando a linha de fronteira de maneira ostensiva, para afirmar que tudo é um pouco mais complicado do que os rótulos convencionais deixam entrever (certo J. M. Coetzee — aliás outro ganhador de Nobel — e todo o G. W. Sebald vão por esse caminho, por exemplo). Nos últimos tempos, aliás, a editora de Handke no Brasil, que já foi a carioca Rocco e tornou-se a paulista Estação Liberdade, tem lançado vários pequenos textos de caráter ensaístico, o quarteto **Ensaio sobre o dia exitoso**, **Ensaio sobre o cansaço**, **Ensaio sobre o louco por cogumelo** e **Ensaio sobre a jukebox**. O título dessas pequenas obras não deixa dúvida a respeito da filiação de Handke com as ideias, embora certo trecho recente da vida do escritor esteja marcado por certa polêmica justamente nesse campo. Explica-se: em 2006, ele apoiou publicamente o ex-presidente do que continuou sendo chamado de Iugoslávia (uma junção de Sérvia e Montenegro), o sérvio Slobodan Milošević, e, para fazer isso, desqualificou o genocídio de bósnios de que o ditador vinha sendo julgado pelo Tribunal Penal Internacional, em Haia, ao morrer, nesse

ano. Handke falou no funeral, o que desceu quadrado na comunidade intelectual. Além disso, em 2014, cinco anos antes de receber o principal prêmio literário do planeta, ele tinha declarado que o Nobel devia ser abolido porque não passava de circo. Bem, os detratores evidentemente não se esquivaram da piada a respeito de quem seria o palhaço, portanto, quando ele resolveu aceitar ser recipiente do prêmio.

É sempre bom, nesses casos, saber separar o cidadão civil, geralmente um cretino, daquilo que ele consegue produzir em termos de literatura. Também nesse caso Handke não está sozinho. Louis-Ferdinand Céline, Mario Vargas Llosa e Jorge Luis Borges, por exemplo, lhe fazem companhia, por diferentes motivos, mas dentro do mesmo modelo esquizofrênico de separação entre autor e obra que o leitor às vezes se vê compelido a fazer em benefício da literatura e em detrimento à vida pedestre. Basta um pouco de leitura do novo romance de Handke para verificar como isso funciona na prática.

Justiça que tarda

A segunda espada se anuncia como história de vingança, um dos temas mais óbvios e recorrentes não só da literatura, mas de extensa cinematografia, e no entanto não se trata em absoluto disso no livro, mas do período de preparação daquilo que se anuncia como vingança. O vingador, no entanto — e o liame entre narrador e autor também é difícil de se pentear, nesse livro —, se atém a refletir a respeito da vontade de vingança, nos idos de maio, um mês recorrente na obra do escritor, talvez por ser o auge da primavera no continente europeu.

Como sempre, o livro avança não por texto contínuo, mas por blocos fixos, sem entrada de parágrafo, como se fossem realmente anotações ainda em estágio fragmentário do que será depois alinhavado como texto fluente, mas o estágio nunca é efetivamente alcançado e portanto restaram blocos de anotação sincopada, dados à condescendência do leitor. A contemplação no espelho do próprio rosto, o desejo de vingança “de longa data devida”, o discurso que chega a preparar para o momento de despejá-lo contra o oponente, tudo isso demora muito e se apresenta ao leitor em ritmo lento, ponderado, quase exaustivo, mesmo que o narrador esteja ao longo do texto em permanente deslocamento pela malha urbana da cidade, com citações a metrô, ônibus, estações, bondes, trens.

Não é a vingança em si o que interessa, nem mesmo sua motivação algo sinuosa, ou pelo menos mantida sob sigilo por boa parte do texto. O que interessa é a reflexão a respeito nem mesmo do teor da vingança, mas do momento que o escritor atravessa. Ele fala do subúrbio a sudeste de Paris onde reside, dos latidos de cachorros, da paisagem, mesmo de certas águias que sobrevoam a região:

Diante de uma delas, num meio-dia silencioso de alto verão, digo e escrevo que tive uma visão um tanto apocalíptica, ou de terror, ao imaginar que estava sobre o solo tão sozinho quanto ela, sob sua mira, a mira daquela águia gigantesca, como último ser humano, visível através da claraboia celeste, aqui, sobre a superfície terrestre.

É assim a prosa de Handke: meticulosa, minuciosa, a explorar um presente eterno que parece se arrastar indefinidamente, num modelo de sintaxe que cascadeia entre conceitos articulados, embora distintos. O leitor deve saber que é o trajeto, a reflexão, os miúdos pormenores o que mais interessa. Se tiver essa disposição, tudo bem, a obra o supre com elegância e de maneira contínua com reflexões que a certa altura parecem intermináveis.

O narrador, portanto, permite ponderar a respeito da ausência de barulho dos contêineres de lixo na madrugada, ou barulhos que surgem à distância mas são mais ou menos indistintos, para depois introduzir uma velha história bíblica a respeito de um homem arrastado pelos cabelos para longe de seu lugar de nascimento, por Deus ou por outra força superior. Ele tem certa inveja do sujeito, “desejava ser agarrado por trás, pela minha cabeleira, levado pelos ares, graças a alguma força misericordiosa, para longe”. Do lugar em que estava? Não exatamente, apenas do aqui e agora. Sem ter quem o puxe, puxa-se ele mesmo pelos cabelos, dirige primeiro a violência contra si, antes de assestá-la a alguém distinto. Depois comenta a respeito dos vizinhos, ou da mulher que entrega cartas e que anuncia para breve a aposentadoria. Trivialidades da vida cotidiana, enfim, com as quais ele parece se deleitar grandemente. Pode ser o ruído de um graveto, o detalhe visual de uma cena, o despertar da imaginação: “Aqui e ali, também ali e mais ali, abria-se a perspectiva de um novo início, felizmente indefinível, mas, ainda assim, alguma perspectiva, graças à qual o ar fresco haveria de soprar”. Mas afinal, está a se perguntar o leitor mais aflito, é de esperança que se trata? De olhar minucioso? E onde fica a danada da vingança, o derramar do sangue, a honra lavada? Calma, primeiro, tem um bar no caminho, o Bar dos Viajantes, com seu séquito mal ajambrado de bebuns contumazes, com os quais é preciso confraternizar, na companhia ainda da mulher do Departamento de Assistência Social, que também se incorpora aos deserdados do mundo, ainda nos degraus que dão acesso ao bar. E então, depois de tanto observar e descrever, ele se dá conta de que falta algo, e percebe que esse algo que falta é a continuação. Mas continuação do quê? Não está claro, talvez não precise estar, cada leitor preencha com o que achar melhor, escritores não existem para formular respostas, mas para fazer novas perguntas, do tipo inquietante, é talvez o recado subjacente do texto.

Quando anoitece, ele se dirige a outro bar, o Bar das Três Estações, onde o dono lhe mostra um

paletó novo, Armani. “Respeitável”, comenta, lacônico, o escritor. A televisão está ligada, exibe um jogo da liga inglesa, ou espanhola, e ele também se atenta à clientela. Depois conclui, a respeito de si: “Eu tinha o hábito de sempre desviar os olhos dos acontecimentos internos para os externos, tão distantes quando possível, menos para os céus do que para o chão e a terra”. E então a conversa deriva para a vingança. É preciso matar uma pessoa. Ele joga conversa fora, sugere ao léu que poderia pagar um bom dinheiro para algum interessado que se encarregue de matar alguém por procuração.

É nesse ponto que o leitor chega à informação do que ele deseja se ver vingado. Uma pessoa ofendeu sua mãe, por meio de palavras. O ato solicita nada menos que vingança. Mas o interlocutor, de origem árabe, portanto supõe-se que conheça os pormenores mais violentos que envolvem vinganças, lhe adverte e sentencia: “Você mesmo é que tem de fazer isso”. Um novo anúncio é feito: a vingança é contra uma mulher. Quando alguém se adianta e se oferece para executar o serviço, o escritor recua, diz que estava apenas de brincadeira. Mas evidente que não desistiu da ideia da vingança. Volta para casa, dorme, reflete mais um pouco. Está decidido. Quando vai sair novamente, pensa a respeito de que livro levar consigo, **Os trabalhos e os dias**, de Hesíodo? Um Simenon? O Evangelho Segundo Lucas? Não, livro algum pode ser levado como companhia, afinal, para essa modalidade de tarefa.

A hesitação a respeito da presença ou ausência de um livro numa potencial cena de crime deixa claro que esse sujeito jamais vai cometer vingança, por mais que se creia resoluto e determinado. Esse é claramente o sujeito da palavra, não da ação. Lá adiante se fornecem mais detalhes a respeito do que efetivamente aconteceu e despertou a suposta fúria do narrador. Trata-se de uma mulher que escreveu artigo de jornal dentro da discussão a mãe, e isso, há de se convir, não se faz. Acusada de ter festejado a anexação da Áustria pela Alemanha, de ter sido membro do partido nazista. Não é acusação simples, como se constata. Acresce-se, para quem conhece a vida pessoal do escritor, que sua mãe cometeu suicídio, no início da década de setenta. E não há motivo aqui para se separar narrador de autor, nada indica que essa separação convencional deva estar em cartaz, no caso. Não era uma acusação menor ou lateral, na reportagem, porque houve também uma fotomontagem que localiza a mãe dele numa multidão que recebeu Hitler em júbilo, em março de 1938, no centro de Viena.

A caminho da exaustão

Ainda assim, é difícil acreditar na execução da vingança, dada a natureza digressiva do autor e sua demasiada demora em colocar o plano em prática. Ou bem, não

O AUTOR

PETER HANDKE

Considerado um escritor de vanguarda no fim dos anos 1960, o austríaco Peter Handke participou de grupos de escritores e chegou a manter uma editora com outros colegas na Alemanha, para onde havia se mudado.

Aliás, ele se mudou bastante, de cidade dentro de um mesmo país, ou de país. Além de Alemanha e Estados Unidos, morou, aliás mora, na França, embora tenha passaporte iugoslavo desde o fim da década de noventa. Colaborou com Wim Wenders em vários roteiros, inclusive do seu livro **O medo do goleiro diante do pênalti**, mas também nos originais *Movimento em falso* e *Asas do desejo*. Envolto em controvérsias ao exibir posicionamentos políticos, ele ganhou o prêmio Nobel de literatura em 2019 por “explorar a periferia e a especificidade da experiência humana”, conforme a declaração da academia sueca que concede o prêmio. Antes disso, acumulou várias outras premiações, inclusive muitas que levam nomes de escritores, como o prêmio Georg Büchner (1973), o Thomas Mann (2008), o Kafka (2009) e o Ibsen (2014).



A segunda espada: uma história de maio

PETER HANDKE
Trad.: Luis S. Krausz
Estação Liberdade
176 págs.

a vingança convencional, não o derramamento de sangue, a morte brutal, violenta, não esse tipo de violência, mas outro, a violência das palavras, a recusa por exemplo a nomeá-la, a conceder-lhe um nome dentro da narrativa. Em outras palavras, o que está em andamento é uma típica vingança de escritor. “Para ela, a malfetora, assim como para seus semelhantes, não havia lugar na história, nem nessa nem em qualquer outra”, ele anota, enquanto sonha que o lápis da mulher vai se partir em dois e isso a impedirá de seguir tomando notas. Ele nem mesmo a confronta. Basta essa vingança elegante, a contrapelo das expectativas anunciadas.

O que parece claro, à parte as controvérsias políticas em que Handke tem se engajado nos últimos anos, é que o mesmo modelo de prosa se solidifica nele, cada vez mais. Muitos vão chamar a isso de ter estilo (e é preciso mantê-lo em exercício). Mas a verdade é que essa redundância sistemática, a certa altura, provocará cansaço, mesmo no leitor mais benevolente, que julgava encontrar em passagens de **A tarde de um escritor** ideias realmente originais, como aquela que menciona o papel de uma “escuta adicional” que surge em decorrência de lançar o olhar para dentro de si, e que o leva a propor um modelo de simbiose entre a escuta e a coescrita, “como uma tradução, na qual a questão era usar uma secreta fala original em lugar de um modelo visível”. Naquela época, parecia haver consistência no texto e no que ele pretendia dizer. O de agora se ressentido de outra coisa. Parece resultar de uma reciclagem persistente de si mesmo e, quanto mais acumula prêmios, comendas, títulos de doutor *honoris causa*, mais difícil é perceber o que é realmente talento, o que é cansaço (lembre-se do título de um dos livrinhos da série *Ensaio sobre*). O cansaço não é só de uma época, é do próprio escritor, do limite e do esgotamento de suas ideias a respeito do mundo, mesmo que apareçam sob a nova capa da controvérsia política. E o fato de ser política aponta para talvez os limites mesmo da atuação da literatura num mundo que cada vez mais parece precisar menos (ou se iludir de que é assim) de literatura. Nem a tradução se oferece mais para salvá-lo de um mundo em ruínas. **1**

Revolução dos Bichos

O clássico de Orwell em uma edição exclusiva.

BAIXE
GRÁTIS

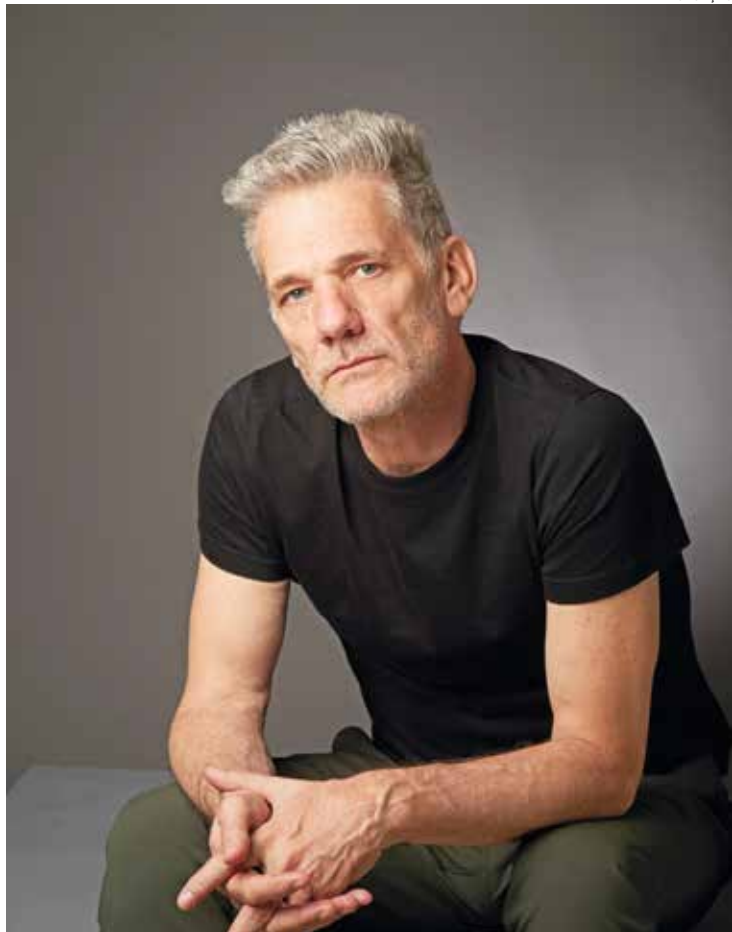


gazetadopovo.com.br/revolucaodosbichos



GAZETA DO POVO

DIVULGAÇÃO



Buenos Aires blues

Em **A metade fantasma**, o argentino Alan Pauls narra a saga de um homem deslocado, perdido em si mesmo

JONATAN SILVA | CURITIBA - PR

Como confiar em uma cidade que dá as costas para o seu rio? A pergunta, com que estampa o narrador de *Medianeras*, um dos filmes indie da sétima arte portenha, parece ser também a gênese de **A metade fantasma**, romance mais recente de Alan Pauls. Tanto o longa de Gustavo Toretto quanto o livro de Pauls tratam de um tema similar: a internet como mediação das relações, ou como no slogan de *Medianeras*, Buenos Aires na era do amor virtual.

Savoy, o protagonista de **A metade fantasma**, não é como Martín, o encabulado personagem do filme; e, claro, Carla não tem quase nada de Mariana, a futura parceira de Martín, ainda assim, existe algo que cruza esse *double date*: a solidão das metrópoles — o tal do não lugar, o espaço antropológico de invisibilidade das grandes cidades. Savoy, Carla, Martín e Mariana são todas peças soltas do xadrez urbano, dos esquemas capitalistas de vidas vazias, preenchidas somente por um escape fortuito. No caso de Savoy, a fuga é sair por Buenos Aires visitando casas e apartamentos para alugar, praticando um voyeurismo do espaço que, outrora, pertenceu e abrigou outras existências. Ao mesmo tempo,

colecciona objetos cuja utilidade é, no mínimo, duvidosa.

Uma leitura mais atenta à psicanálise diria que o problema de Savoy teria a ver com questões da infância não resolvidas. Pauls não dá um indício certo dessa interpretação, porém, deixa pistas que possibilitam essa lógica.

Uma vez cismou com um deses abajures infantis inspirados nos antigos zootrópios, em cujas cúpulas cilíndricas se projetam os prodígios da cinética popularizados pelo primeiro cinema: trens a todo o vapor, atletas correndo, cavalos acompanhados em pleno salto. Por mais apressada que fosse, a referência a uma pré-história mítica da imagem em movimento — e o súbito laço íntimo entre a infância da indústria audiovisual e a de um menino, um menino duplamente menino, porque imaginado sempre prestes a dormir — tocava em algum ponto fraco de Savoy (...).

Que ponto fraco seria esse, se é que existe? Na verdade, o protagonista Savoy está muito mais fechado em si mesmo do que possa parecer. Seja por ser e estar vulnerável, seja por um cansaço, imposto pela sociedade, Savoy está totalmente perdido e obcecado, lançado ao mar aos seus próprios tubarões e turbulências.

O AUTOR

ALAN PAULS

Nasceu em Buenos Aires (Argentina), em 1959. É escritor, professor, roteirista e crítico de cinema. Mais conhecido por seus livros de ficção, como **O pudor do pornógrafo** (1985), **Wasabi** (1994) e **O passado** (2003) — vencedor do Prêmio Herralde —, Pauls publicou também os livros de ensaios **O fator Borges** (2000) e **A vida descalço** (2006). Atualmente, graças a uma bolsa de criação literária, vive em Berlim (Alemanha).

Dessa obsessão, nascida do tédio e da impossibilidade de olhar a si mesmo como alguém ativo no mundo, Savoy joga para escanteio o que ainda lhe resta de vida. Aos cinquenta anos, está completamente deslocado do tempo, existindo em um lapso tão íntimo que é incapaz de incorporar os avanços sociais. Pauls retrata esse deslocamento em um objeto banal de seu protagonista: um celular velho, ultrapassado para os padrões modernos. (O próprio Pauls é, na verdade, um náufrago digital: possui uma conta no Instagram, fechada e pouco atualizada.)

Se Savoy é esse sujeito ainda preso ao século 20, Carla é o oposto, aquilo que podemos chamar de nômade digital. A conexão mais próxima entre dois, além da internet — via Skype —, é a relação estranha com casas: Carla cruza o mundo para ser uma espécie de cuidadora de moradias, sem qualquer laço sentimental ou fixo que a prenda ao lugar em que está. Essa alheação, que, em alguma medida é necessária para o seu trabalho, passa também para a forma com a qual se relaciona com as pessoas. Seu contato inicial com Savoy é intermediado pelo computador — Savoy, claro, em uma máquina que muitos podem chamar de rudimentar — e, quando finalmente deixa de ser virtual, não consegue suportar o peso da realidade, a força do caos do encontro de dois corpos à deriva.

É a partir dessa tensão, ora superficial, ora um mergulho mundo adentro, que **A metade fantasma** se sustenta. Pauls consegue tratar, sem ser sisudo, de temas que estão na nossa cara e, ao mesmo tempo, não os traveste de urgentes ou necessários, como se tornou praxe na literatura, principalmente, a literatura brasileira contemporânea. O escritor argentino trabalha a sua história com naturalidade e desejo de contar uma boa história.

Passado, presente e futuro

A metade fantasma confirma a predileção de Pauls pela memória e pela resolução de mistérios ancestrais e imediatos. **O passado**, talvez sua obra mais conhecida por aqui — e que ganhou filme dirigido por Babenco e estrelado por Gael García Bernal —, foi publicado há duas décadas, porém já tratava dessas relações sinuosas entre passado e presente. A trilogia das histórias — *História do choro* (2007), *História do cabelo* (2010) e *História do dinheiro* (2013) — também já se colocava de cabeça nas contradições entre realidade e lembrança, história e memória, pessoal e coletivo.

Imenso devedor de Ricardo Piglia, que influenciou boa parte dos romances de Pauls, em **A metade fantasma** a relação mais próxima, na verdade, parece ser com outro portenho, Manuel Puig, em especial, **O beijo da mulher-aranha** — também transformado em filme por Babenco. Molina e Valentin, personagens de **O beijo da mulher-aranha**, vivem como Savoy,



A metade fantasma

ALAN PAULS
Trad.: Josely Vianna Baptista
Companhia das Letras
322 págs.

entre a ficção criada deliberadamente como espaço de manobra da vida e as memórias inventadas.

Esses traços de um mundo fugidio e de uma vida sem muito atrativo vão levando Savoy a uma espécie de apatia diante de tudo o que o cerca. Seus pontos de contato entre a realidade mais imediata e um contexto mais amplo se perdem pouco a pouco. Em determinada cena, em que está conectado com Carla via Skype, Savoy duvida da identidade da amante por desconhecer o ambiente em que ela está. Não o rosto dela, sua voz e quaisquer outros pontos comuns que conferem a ela a sua individualidade, mas os objetos que a cercam.

Nesse sentido, seriam, portanto, os objetos — esse delírio silencioso de Savoy — o verdadeiro, e talvez único, contato do protagonista com a sua realidade. Mais uma vez, o autor esconde uma conclusão fechada atrás de uma narrativa elíptica que vai construindo uma complexa relação centrífuga. Savoy, por certo, é prisioneiro do seu próprio mundo, enfiando até a cabeça em suas paranoias e devaneios. Tanto alijamento não poderia produzir outro efeito que não fosse o isolamento e a devastação social. A solução, a única possível, era suportar o mundo dopado.

Numa sexta-feira, por exemplo, a piscina era pura psicodelia. Brilhos, reflexos ondulantes, cores que vibravam. Uma cortina de hexágonos luminosos caía a quarenta e cinco graus. Escamazinhas de luz a tilintar na água como lentes de contato perdidas. Savoy lamentou — primeira vez que lhe acontecia isso na piscina — não ter ido chapado.

Ao fim e ao cabo, **A metade fantasma** é um dos livros mais interessantes e ambiciosos de Alan Pauls, e também um dos retratos mais pungentes de uma sociedade doente, incapaz de lidar com seus sintomas e cicatrizes. Savoy é o paciente terminal desse sistema de vida. E, mesmo sabendo que é impossível sair dessa, faz da sua deriva, e de seus pedaços, uma salvação ao seu modo. 📖

LEIA TAMBÉM



O passado

ALAN PAULS
Trad.: Josely Vianna Baptista
Companhia das Letras
606 págs.

A LAMA NÃO COBRE TUDO

RODRIGO SANTOS

Ilustração: **Denise Gonçalves**

Passava um pouco das nove da manhã, e Anderson já deitava uma long neck na loja de conveniência do posto de gasolina. Quando queria sair do tumulto da cidade, ia pra lá. Pegava uma cerveja e observava os caminhões rasgando a estrada. Madeira, borracha, cimento, e às vezes até animais vivos.

Tinha saudades do mar.

— Bugalu?

Anderson nem virou.

— Não ouço esse nome há anos.

— Porque ninguém aqui te conhece como eu conheço. Posso me sentar?

Anderson fez um meneio de cabeça e indicou a cadeira vazia com o queixo. Sabrina sentou, e colocou a mochila em cima da mesa.

— Você nunca bebia antes das dez. Dizia que um pescador de Arraial do Cabo tinha te ensinado isso.

— É, mas não pretendo pescar hoje mesmo.

Virou a long neck e se levantou, sumindo pela porta da loja. Voltou com mais duas cervejas, uma água com gás e um bombom Serenata de Amor.

— Obrigada. Pela lembrança.

— Você está muito longe de casa, Sabrina.

— E não é? — Bebeu a água de uma vez, comeu o bombom e depois abriu a cerveja, girando a tampinha com ajuda da camisa. — Não sou a única, né? Qual é o teu carro, é aquela caminhonete ali?

— Não, é o Sandero cinza.

— Ora, ora, quem diria. Bom, à nossa.

As garrafas se tocaram, de maneira tímida.

— Como você me achou?

— Ah, cara... Eu sempre soube que você estava vivo. Foi tipo um pavê de improbabilidades, né? Seu corpo nunca foi achado.

Anderson bebeu mais um gole.

— Nem o meu, nem tantos outros que foram soterrados.

— Ao mesmo tempo, teve o lance da escola... Claro que o Instituto Abel, o grande colégio católico de Niterói, não ia deixar vazar, né? Mas eu tava lá, Bugalu. Todo mundo sabia que tinha dado merda. Eu só liguei os pontos.

— Você ainda usa a aliança.

Sabrina olhou para o dedo anelar da mão direita.

— É, ela ainda cabe. Mas não usei esse tempo todo não. Afinal, doze anos, né? Só coloquei para vir te encontrar. Vejo que você não usa nenhuma.

— Não me casei, não. Vivo sozinho nesse fim de mundo.

Sabrina olhou para a estrada, para os caminhões.

— Mas não vive duro, né?

Anderson fez um muxoxo.

— Não posso me queixar.

Ela riu.

— Caralho, Buga. Você roubou a mensalidade de todos os alunos! É muito aluno, e todos pagando caro! Você veio pra Corumbá com a burra cheia de dinheiro, enquanto a gente esperou meses pra ganhar um apartamentinho fudido



onde era o 3º BI. Como você fez?

— O quê?

— Como você conseguiu desviar todos aqueles boletos?

Bebeu a cerveja, suspirou.

Que mal havia? Doze anos já.

— Eu alterei o código de barras.

— Você o quê?

— Alterei o código de barras. Eu era o responsável pela emissão dos boletos, daí alterei os códigos de barras para que todos os pagamentos fossem para uma conta fantasma. No dia que a barreira do Bumba caiu, eu não estava em casa, tinha ido sacar o dinheiro pra fugir. Eu sabia que ia dar merda, mais cedo ou mais tarde seria pego. Eu estava na rua, com a mala, quando vi pela TV.

Foi a vez da Sabrina levantar e pegar mais duas cervejas, e outra água mineral. Dessa vez ela bebeu primeiro a cerveja.

— Aí tu meteu o pé, foi dado como morto, e pronto, né? Cara, a tua mãe e teu irmão morreram ali. Meu padrasto. Teu parceiro Badureco também, e toda a família dele. E alguns amigos do futebol de sábado. Porra, até o Johnny!

— Johnny era um cachorro maneiro.

— Até o Johnny morreu soterrado por aquela lama toda! Eu ainda conseguí tirar a minha mãe e meu irmão, e só.

Anderson suspirou, e olhou para a ponta dos próprios pés.

— Sua mãe, como está?

— Está bem, tirando o problema da pressão, que só piorou. Agora deu pra beber escondido a cachaça da pomba-gira pra gente não reclamar. Depois, tomei-lhe furosemida e captopril.

Anderson riu. Corumbá era quente àquela época do ano. O calor refletido no asfalto gerava miragens distorcidas, e os veículos levantavam a poeira fina quando passavam.

— Eu estava voltando pra te buscar — falou, quase em murúrio.

Sabrina virou a cabeça, e a apoiou com a mão esquerda, fixando o olhar em Anderson.

— Eu estava voltando pra te buscar, a gente ia começar uma vida nova, longe daquela merda. Depois eu via o que ia fazer, buscava minha mãe, sua mãe, o Johnny, sei lá. Mas eu tava cansado de ser fudido, Bina. Tinha pesquisado, dá pra ganhar um bom dinheiro investindo em gado sem ser dono de nada, sabia? Mas quando vi aquelas imagens na TV, pessoas conhecidas chorando, com o rosto cheio de lama... Sei lá. Dei uma pirada.

— Deu uma pirada ou viu a oportunidade perfeita?

— Não sei. As duas coisas.

— E largou todo mundo pra trás, né? Inclusive eu.

Anderson pegou na mão de Sabrina, que recuou como se sentisse as patas pegajosas de um sapo. Ele suspirou, e se ajeitou na cadeira, virando-a de frente pra ela.

— Bina...

— Você deveria ter sido o meu primeiro. — Anderson arregalou os olhos. — A gente se guardando, toda aquela pegação no sofá da tua casa, e eu antecipando o momento maravilhoso de você ser o meu primeiro homem. Um menino trabalhador, inteligente, que me trazia bombons Serenata de Amor, fazendo faculdade com bolsa, enquanto eu limpava aquelas salas, sabe? Aquelas salas imundas, com aquele monte de papel de bala e chiclete jogados pelas crianças ricas e mal-educadas. Eu imaginava a gente junto a vida inteira, filhos brincando nas ruas, você voltando do trabalho, todas essas coisas. Comendo bombons juntos, na cama. Eu sabia que você queria mais, era ambicioso, e eu imaginava que é por isso que você estudava depois do trabalho. Lembro do dia em que você largou o futebol. “Sábado de manhã, Bina. Dá pra mim não, faculdade e trabalho, eu fico acabado”, você disse. E eu acreditei.

— Eu vi que o campo foi destruído no soterramento também, né?

— Foi, mas a prefeitura fez outro depois. — Sabrina bateu com a mão no ar, como se espantasse uma muriçoca. — Eu criei todo esse mundo na minha cabeça, e daí você desaparece debaixo da lama. Chorei, claro. Chorei pra caralho. Achei que minha vida tinha acabado ali. Até descobrir o golpe da mensalidade. Porra, Anderson, eu sabia que tinha sido você! Todo esse tempo eu te cacei. Namorei, dei pra uns filhos da puta que não mereciam nem ter tomado uma cerveja comigo. Quando estava ali, na cama, olhando pro teto e esperando que o infeliz da vez acabasse logo, eu só pensava nisso. Você deveria ter sido meu primeiro. Primeiro e último.

Anderson deitou a garrafa de cerveja boca adentro, e não tinha mais nada. Ele não teve coragem de levantar e pegar outra.

— Doze anos depois, eu te acho. Deu trabalho, mas achei. Aí chego aqui, achando que você era algum barão da soja, mas não. Uma casa mais ou menos, de dois andares, um carro merda, e cinza. Você odiava carro cinza, dizia que era carro de locadora.

— Tenho que voar abaixo do radar.

— Entendo, entendo. Mas me espanta, né? Lembro de você falando naquele sofá que queria um dia ter uma picape, uma Pajero, não é esse o nome? Então. Chego aqui e você tem um... Um Sandero! 1.0!

Os dois riram, e Sabrina foi pegar as cervejas. As garrafas já se acumulavam na mesa.

Dessa vez, ela voltou sem a água. Mas com um bombom.

— Depois de dias de viagem, eu te encontro.

A moça entregou a cerveja, eles abriram e brindaram.

— E te encontro solteiro.

Olhava fixamente para Anderson, enquanto bebia a cerveja. Ela abriu o bombom, e comeu, em duas mordidas.

Entraram na casa quase se engolindo. Anderson mal conseguia respirar, a língua de Sabrina passeava por sua boca, suas bochechas, seu pescoço. Ela nem tinha tirado a mochila das costas, suas mãos apertavam os ombros dele, as unhas se encravando na pele.

Anderson recebia todo aquele carinho com o amor guardado, interrompido pela tragédia. Mais de uma década ele a esperou. Não havia um dia que não acordava e pensava em voltar a Niterói para buscá-la, apesar do medo de ser preso. Investiu a maior parte do dinheiro, tinha bastante coisa guardada, no banco e em casa, mas não tinha aquele beijo. Aquelas mãos.

Subiram para o quarto.

— Vai se preparando, preciso mijar antes. Liga o som, quero ouvir música. E alto, pra ninguém ouvir mais nada. — Ela disse, com um sorriso lascivo, e entrou no banheiro.

Anderson tirou a roupa, ficando apenas de cueca. Ligou o som, colocou em uma rádio local. Era um bairro residencial e proletário, seus vizinhos deviam estar trabalhando, mas ele aumentou o som assim mesmo. Tirou a cueca, achou que era demais, colocou a cueca de novo. Sabrina demorava, e ele se sentou. Olhou pela janela e sorriu. Ao longe, os caminhões passavam na rodovia, quase no horizonte.

Tinha demorado, mas finalmente tudo daria certo. Doze anos naquela cidade, uma vida discreta, apenas uma preparação para este momento, e ele veio.

Sabrina saiu do banheiro vestida, ainda. E com uma arma na mão.

— Cadê o dinheiro?

Anderson ia se levantando, ela atirou em seu joelho. Ele caiu no chão, gritando e tentando segurar o ferimento.

— Cadê a porra do dinheiro, Bugalu?

— Sabrina... Eu achei que-

— Achou o quê? Que eu te amava? Que eu ia pesquisar, colocar detetive, viajar esse tempo todo, só pra dar pra você?

Anderson se contorcia de dor.

— Depois que a mídia perdeu interesse nos desabrigados do Morro do Bumba, eu fui demitida, Buga. Trabalhei como manicure, como depiladora, trabalhei em casa de família. O tempo todo sabendo que você estava rico em algum lugar, e eu sem um puto no banco. Você tem ideia do que é isso?

— Mas você disse... Disse que queria que eu tivesse sido seu, seu primeiro homem...

Sabrina sorriu.

— Você deveria ter sido o meu primeiro. Não foi, e agora com certeza não será meu último. Onde você guarda a grana?

Anderson começou a se levantar, e Sabrina o empurrou com a sola do pé.

— Diz onde tá o dinheiro, e eu te deixo viver. Você ainda tem seus investimentos, pode continuar aqui nesse fim de mundo, e rico. Eu só quero dinheiro.

Anderson apontou para o armário, para a parte de cima. Sabrina foi até lá, e viu várias caixas de bombons, amarelas. Bombons da Garoto. Ela abriu a primeira caixa, e estava até a tampa de dinheiro.

Devia ter umas doze caixas ali. “Uma para cada ano”, ela pensou.

Andou até Anderson, que gemia.

— Bina... Leva tudo. Você está. Está certa.

Sabrina riu.

— Eu sempre estou. O problema é que, de vez em quando, eu dou uma pirada.

O tiro atravessou o tórax de Anderson, que imediatamente parou de respirar, com os olhos arregalados. 🗨️



RODRIGO SANTOS

Tem 46 anos. É um escritor de São Gonçalo (RJ). Pai, marido, flamenguista, escritor, professor, roteirista e corredor de rua assintomático. Autor de **Macumba**, **Carcará** e **Fogo nas encruzilhadas**, entre outros. Já jogou bola com Zico e já viu um peixe-lua.

LI-YOUNG LEE

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

You must sing

He sings on his father's arms, sings his father to sleep, all the while seeing how on that face grown suddenly strange, wasting to shadow, time moves. Stern time. Sweet time. Because his father

asked, he sings; because they are wholly lost. How else, in immaculate noon, will each find each, who are so close now? So close and lost. His voice stands at windows, runs everywhere.

Was death giant? O, how will he find his father? They are so close. Was death a guest? By which door did it come? All the day's doors are closed. He must go out of those hours, that house,

the enfolding limbs, go burdened to learn: you must sing to be found; when found, you must sing.

Você deve cantar

Ele canta nos braços do pai, canta para levar o pai ao sono, observando, naquele rosto, algo estranho a crescer, e jogado no lixo das sombras, o tempo corre. Tempo severo. Tempo doce. Porque seu pai

pediu, ele canta; porque estão totalmente perdidos. De que maneira, no imaculado meio-dia, um encontrará o outro, eles que são tão próximos? Tão próximos e perdidos. Sua voz, nas janelas, avança em todas as direções.

Seria a morte um gigante? Oh, como ele encontrará seu pai? Eles são tão próximos. Seria a morte uma visita? Por que porta ela entrou? Todas as portas do dia estão fechadas. Ele precisa sair daquele tempo, daquela casa,

os membros, envolventes, carregam o peso de aprender: você deverá cantar para ser encontrado; e quando encontrado, deverá cantar.

Furious versions (#7)

Tonight, someone, unable to see in one darkness, has shut his eyes to see into another. Among the sleepers, he is one who doesn't sleep. Know him by his noise. Hear the nervous scratching of his pencil, sound of a rasping file, a small restless percussion, a soul's minute chewing, the old poem birthing itself into the new and murderous century.

Versões em fúria (nº 7)

Esta noite, alguém, incapaz de ver numa escuridão, fechou os olhos para ver numa outra. Entre os que dormiam, ele é o que não dorme. Sei quem é pelos ruídos. Ouço o nervoso rabiscar de seu lápis, com o som de uma lima áspera, uma leve e incessante percussão, uma alma mastigando minuciosamente, o velho poema dando à luz a si neste novo e sanguinário século.

Pillow

There's nothing I can't find under there. Voices in the trees, the missing pages of the sea.

Everything but sleep.

And night is a river bridging the speaking and the listening banks,

a fortress, undefended and inviolate.

There's nothing that won't fit under it: fountains clogged with mud and leaves, the houses of my childhood.

And night begins when my mother's fingers let go of the thread they've been tying and untying to touch toward our fraying story's hem.

Night is the shadow of my father's hands setting the clock for resurrection.

Or is it the clock unraveled, the numbers flown?

There's nothing that hasn't found home there: discarded wings, lost shoes, a broken alphabet.

Everything but sleep. And night begins

with the first beheading of the jasmine, its captive fragrance rid at last of burial clothes.

Travesseiro

Não há nada que eu não possa encontrar lá debaixo. Vozes nas árvores, as páginas do mar que estavam faltando.

Tudo, exceto o sono.

E a noite é rio que numa ponte liga as margens de quem fala e de quem ouve,

uma fortaleza, indefesa e inviolada.

Não há nada que não se encaixe sob ele: fontes entupidas com lama e folhas, as casas da minha infância.

E a noite começa quando os dedos de minha mãe vão soltando os cordões que vinham amarrando e desamarrando para tocar na bainha de nossa desgastada história.

A noite é a sombra das mãos de meu pai ajustando o relógio para a ressurreição.

Ou será o relógio desvendado, os números a flutuar?

Não há nada que não tenha encontrado um lar ali: asas descartadas, sapatos perdidos, abecedário quebrado.

Tudo, exceto o sono. E começa a noite

com a primeira decapitação do jasmim, sua fragrância cativa livre, por fim, das roupas de enterro.

LI-YOUNG LEE

Nasceu em Jacarta (Indonésia), em 1957. Sua família, de origem chinesa, outrora poderosa (o avô foi presidente), caiu em desgraça com o regime comunista (o pai foi prisioneiro político). Depois de uma longa peregrinação (Indonésia, Hong Kong, Macau, Japão), a família chegou aos Estados Unidos, onde Lee vive desde os sete anos de idade. Sua poesia mescla, com uma linguagem muito pessoal, a herança clássica chinesa e a contemporaneidade norte-americana.

DIVULGAÇÃO

**Nativity**

In the dark, a child might ask, *What is the world?*
just to hear his sister
promise, *An unfinished wing of heaven,*
just to hear his brother say,
A house inside a house,
but most of all to hear his mother answer,
One more song, then you go to sleep.

How could anyone in that bed guess
the question finds its beginning
in the answer long growing
inside the one who asked, that restless boy,
the night's darling?

Later, a man lying awake,
he might ask it again,
just to hear the silence
charge him, *This night*
arching over your sleepless wondering,

this night, the near ground
every reaching-out-to overreaches,

just to remind himself
out of what little earth and duration,
out of what immense good-bye,

each must make a safe place of his heart,
before so strange and wild a guest
as God approaches.

Natividade

Na escuridão, uma criança pode perguntar, *O que é o mundo?*
apenas para ouvir sua irmã
garantir, *É uma ala não terminada do paraíso,*
apenas para ouvir seu irmão dizer,
É uma casa dentro de uma casa,
mas, na maioria das vezes, para ouvir sua mãe responder,
Só mais uma canção e você vai dormir.

Como poderia qualquer um naquela cama saber
que a questão encontra seu começo
na resposta que lentamente cresce
dentro de quem perguntou, aquele menino inquieto,
o queridinho da noite?

Mais tarde, um homem desperto, deitado,
poderia perguntar novamente,
apenas para ouvir o silêncio
atingi-lo, *Esta noite*
que se arqueia sobre seus pensamentos insones,

esta noite, o solo próximo,
ultrapassado a cada tentativa de alcançá-lo,

apenas para ser lembrado
que para além de qualquer minúsculos terra e tempo,
que para além de qualquer imenso adeus,

cada um deverá fazer de seu coração um lugar seguro,
antes que um visitante estranho e selvagem,
como Deus, apareça.

Night mirror

Li-Young, don't feel lonely,
when you look up
into great night and find
yourself the far face peering
hugely out from between
a star and a star. All that space
the nighthawk plunges through,
homing, all that distance beyond embrace,
what is it but your own infinity.

And don't be afraid
when, eyes closed, you look inside you
and find night is both
the silence tolling after stars
and the final word
that founds all beginning, find night,

abyss and shuttle,
a finished cloth
frayed by the years, then gathered
in the songs and games
mothers teach their children,

Look again
and find yourself changed
and changing, now the bewildered honey

falling into your own hands,
now the immaculate fruit born of hunger.
Now the unequalled perfume of your dying.
And time? Time is the salty wake
of your stunned entrance upon
no name.

Espelho noturno

Li-Young, não se sinta só,
quando olhar para cima
para dentro da grande noite e perceber
que é um rosto distante a espiar
a imensidão que há
de uma estrela a outra. Todo aquele espaço
através do qual mergulha o falcão da noite,
regressando, toda aquela distância para além do abraço,
e o que é aquilo senão o seu próprio infinito?

E não sinta medo
quando, de olhos fechados, olhar para dentro de si
e descobrir que a noite é tanto
o silêncio a badalar pelas estrelas
quanto a palavra final
que fundou o início de tudo, que encontra a noite,

abismo e transporte,
e um pano despedaçado
desgastado pelos anos, e depois reunido
nas canções e jogos
que as mães ensinam aos seus filhos.

Olhe novamente
e veja como você mudou
e mudando, e agora o mel, perplexo,

escorre até suas mãos,
e agora o imaculado fruto que nasceu da fome.
E agora o inigualado perfume de sua morte.
E o tempo? O tempo é o despertar salgado
de seu ingresso, aturdido, onde
não se tem nome. 🗨️



ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



RUY VENTURA

RUY VENTURA

Nasceu em Portalegre (Portugal), em 1973. É poeta, ensaísta, investigador e historiador de arte. Recebeu, em 1997, o Prémio Revelação de Poesia, da Associação Portuguesa de Escritores. Desde 2000, editou mais de uma dezena de obras poéticas, agora reunidas na antologia **Criptopórtico** (Porto, Officium Lectionis, 2022), além de livros de ensaio, como **A chave de Sebastião da Gama**. Está traduzido em espanhol, inglês, alemão e italiano, com poemas editados em Espanha, Itália, Alemanha, Brasil, México e Estados Unidos da América. No Brasil, editou a antologia **Rua da outra rua**. Dirige com Nuno de Matos Duarte a *Devir – Revista Ibero-Americana de Cultura*.



Leia mais em
rascunho.com.br



**rogério pereira**

SUJEITO OCULTO

CARPAS E ESPANTALHOS

Bailam na água suja sob a ponte centenária. Na extremidade oposta nos observa o busto do príncipe dos poetas remelado pela astúcia certa de pombos vadios. Os olhos de M. arregalam-se diante do colorido dos peixes gordos em busca frenética por pipocas atiradas pelas crianças. M. remexe-se no cangote. Sinto os ossos impúberes pressionando meu corpo magro. O pés a beliscar meu peito. Formamos um estranho espantalho urbano de duas cabeças, quatro braços e alguma graça.

Quando chegamos para assistir ao auto de Natal já havia muita gente circulando pelo Passeio Público. A noite cobria as árvores e um barulhento carrossel girava a iluminar a escuridão. Nas ruas laterais, prostitutas tentavam fisgar clientes indiferentes ao fim de ano que tenta arrastar fugazes alegrias e esperanças corroídas. No pórtico de entrada, M. ganha um balão iluminado e sorri feliz por carregar também a luz do Natal — agora abandonada no canto do sofá da sala.

Quando a pequena ilha se ilumina, Cristo passa sobre a barca anunciando tempos de bonança e amor. Um coro de vozes (não sei se afinadas) canta a história do seu nascimento. Entremeio a uma fumaça rala, camelos com rodinhas e anjos suspensos nos galhos completam o cenário. O espetáculo é rápido, bonito e, para alguns, emocionante. Uma enorme árvore natalina brilha ao redor de carrinhos de pipoca. Sinto a impaciência de M. sobre meus ombros doloridos. Outros pais também amparam suas crias e espantalhos passeiam e sorriem na escuridão do Passeio Público. Já podemos ir para casa.

M. está encantada com as carpas coloridas. A saída fica a poucos metros. Noto que ela resiste a abandonar os peixes à solidão da noite e de insossas pipocas. Deixo-a admirar o atabalhoado balé ciprinídeo. E aguardo meu pai que vem ao meu encontro do outro lado da rua. Agora, o dia e a luz do sol guiam nossos passos.

Carrega-me pela mão, num gesto meio indolente, desprovido de cuidado e afeto. Temos de tirar a foto para a minha identidade. Logo, começaria a trabalhar com carteira assinada. Afinal, já tinha 13 anos, estudava à noite, fumava escondido e espelhava o pai em porres de cachaça ordinária. Era um pequeno, magro e angustiado homem. Havia no Passeio Público, no centro de C., naquele início dos anos 80, casinhas de fotógrafos — quase um pombal — especializadas em fotos 3 x 4. Sentava-se numa cadeira puída, colocava-se um simulacro de paletó e gravata (não entendo por que o ridículo traje) e era proibido sorrir em caso de foto para algum documento. Naquela época não era uma preocupação: não tínhamos quase motivos para sorrir. Depois, esperavam-se alguns mi-

nutos pela revelação — uma palavra que nos dizia muito pouco em todos os sentidos.

Sentamos num banco de madeira, o pai comprou um pacote de pipocas, com uns pedaços esturricados de bacon. O pacote de papel cinza logo impregnou-se de volumosas gotas de gordura. O sal na ponta dos dedos tentava disfarçar o ranço dos grãos. Ao final, terminei por atirar o restolho aos pombos que bicavam o piso de cimento. Um banquete em meio a macacos e araras presos em jaulas ao nosso redor. O Passeio Público abrigava uma selva tristonha de animais na região central de C., por onde os ônibus passavam enfurecidos feito jiboias famintas.

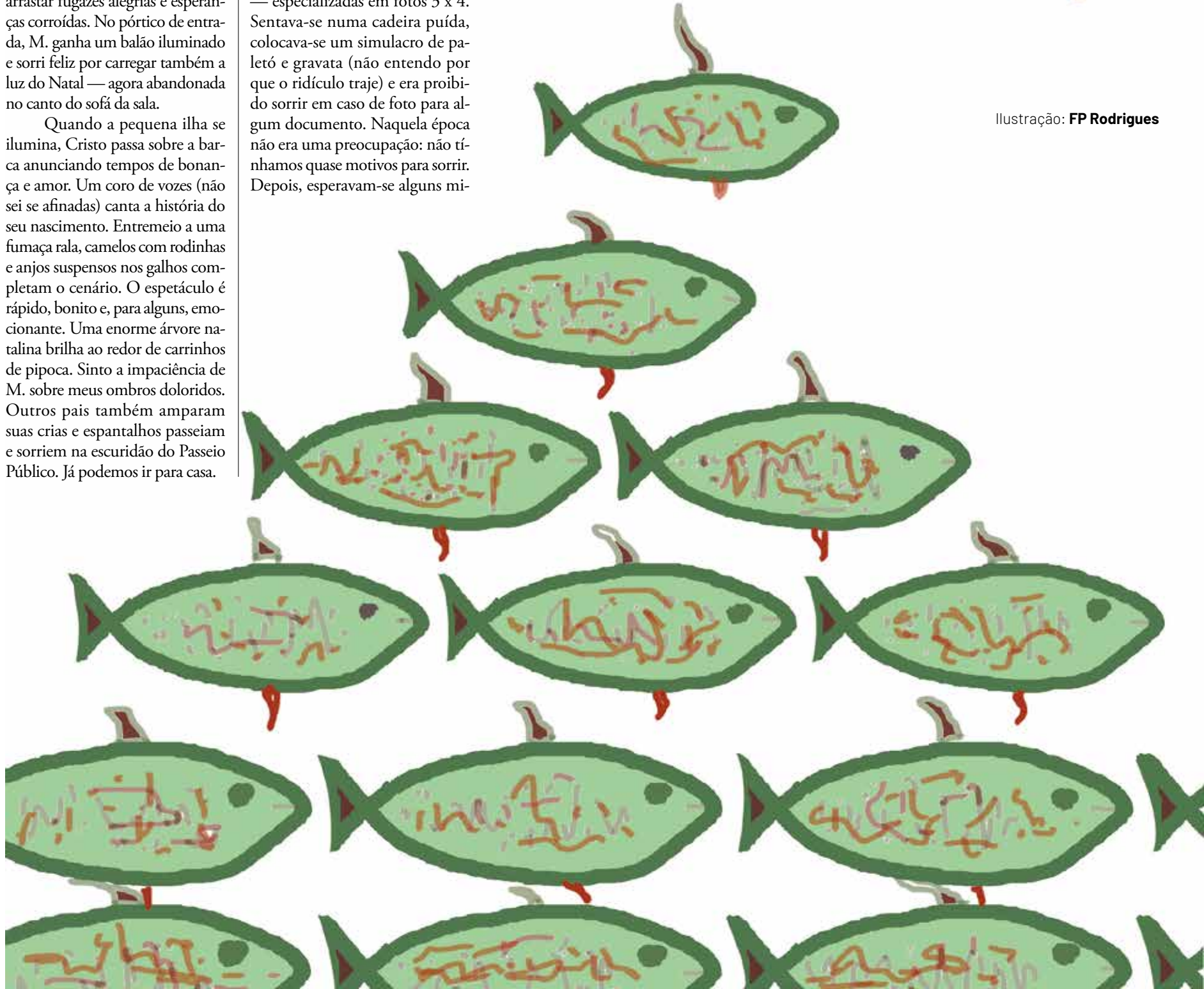
Tenho até hoje aquela estranha fotografia que durante muito tempo estampou a identidade, com informações sobre a minha equivocada ancestralidade. Sobrenome trocado, cidade de nascimento errada. Talvez dia e ano de nascimento estejam corretos. Mas não posso confiar nos trôpegos passos do pai nos confins do mundo até o cartório para registrar o segundo filho. Enfim, sou um equívoco documentado e carimbado.

O cabelo está repartido ao meio. Uma orelha parece muito maior que a outra, como se a qualquer momento a cabeça fosse tombar à esquerda. Estou sério e concentrado, nenhuma nesga de sorriso escapa dos lábios. Logo abaixo do pescoço, camisa, gravata e paletó desenhavam um homem de brincadeira — uma espécie de playmobil executivo. Mas o que mais me chama a atenção é o olhar. Não sei por que olho para cima, sem mirar de frente a câmara do lambe-lambe. É um olhar meio perdido, talvez sonhador a vislumbrar algo na copa das árvores ou na jaula dos macacos. Jamais comentei com o pai a estranha sensação causada por aquela simples fotografia.

Também nunca mais voltei com ele ao Passeio Público. Não tínhamos motivos para passear pela cidade. Sempre fomos apenas uma espécie de acidente genético. Um encontro ocasional no meio da jornada. Aprendemos que nossos caminhos se bifurcariam ao infinito, mesmo agora quando ele está ao meu lado com o corpo definhando em direção a um final previsível.

M. lamenta não ter pipocas para atirar às carpas. Balança o corpo magro e serelepe como se a gravidade não a atirasse de encontro aos meus ossos. Sinto certo desconforto, mas não reclamo. M. está feliz no Passeio Público. O carrossel segue girando lotado de crianças. Outros espantalhos zanzam alegres na multidão, que aos poucos se dispersa. A árvore de Natal ficará ali a iluminar a rua das prostitutas. Uma certa mansidão espalha-se quando boa parte das pessoas toma o caminho da saída. Consigo convencer M. a também ir para casa.

Olho para cima e a vejo agarrada ao meu cangote. Somos um amoroso espantalho. **■**

Ilustração: **FP Rodrigues**

MINISTÉRIO DO TURISMO APRESENTA

paioi LITERÁRIO



palco de grandes ideias

11ª temporada



Acompanhe no canal do  YouTube do Paiol Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

paioliterario.com.br



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

